



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS FACULDADE DE
EDUCAÇÃO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

FRANCISCO THIAGO CAVALCANTI DA SILVA

PORTFÓLIO AFETIVO DO SERTÃO: VOCÊ TEM SONHADO COM O QUÊ? uma escrivência com os alunos da Escola Família Agrícola Jaguaribana Zé Maria do Tomé, na comunidade rural do Tabuleiro do Norte, sertão do Ceará.

Linha de Pesquisa:
INCLUSÃO, ÉTICA E INTERCULTURALIDADE
Orientadora:
Prof. Dr. Maria Vitória Campos Mamede Maia

RIO DE JANEIRO – RJ
Novembro 2021

FRANCISCO THIAGO CAVALCANTI DA SILVA

PORTFÓLIO AFETIVO DO SERTÃO: VOCÊ TEM SONHADO COM O QUÊ? uma
escrevivência com os alunos da Escola Família Agrícola Jaguaribana Zé Maria do Tomé, na
comunidade rural do Tabuleiro do Norte, sertão do Ceará.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação
(PPGE). Área de Concentração em Educação, Linha de Pesquisa em
Inclusão, ética e Interculturalidade, Universidade Federal do Rio de Janeiro
– UFRJ, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em
Educação.

Orientadora: Prof. Dr. Maria Vitória Campos Mamede Maia

RIO DE JANEIRO – RJ
Novembro 2021

FRANCISCO THIAGO CAVALCANTI DA SILVA

CIP - Catalogação na Publicação

c586p cavalcanti da silva, francisco thiago
PORTIFÓLIO AFETIVO DO SERTÃO: VOCÊ TEM SONHADO
COM O QUÊ? uma escrevivência com os alunos da
Escola Família Agrícola Jaguaribana Zé Maria do Tomé,
na comunidade rural do Tabuleiro do Norte, sertão
do Ceará / francisco thiago cavalcanti da silva. --
Rio de Janeiro, 2021.
172 f.

Orientador: maria vitória campos mamede maia.
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do
Rio de Janeiro, Faculdade de Educação, Programa de
Pós-Graduação em Educação, 2021.

1. escola família agrícola. 2. educação do campo.
3. arte-educação. 4. criatividade. 5. escrevivência.
I. campos mamede maia, maria vitória, orient. II.
Título.



Universidade Federal do Rio de Janeiro
Centro de Filosofia e Ciências Humanas
Faculdade de Educação
Programa de Pós-Graduação em Educação
ATA DA SESSÃO DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO
MESTRE EM EDUCAÇÃO

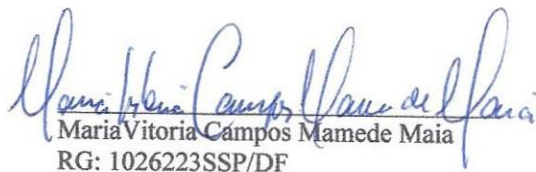
Aos 29 dias do mês de novembro de **2021**, às 14:00 h, de forma virtual via zoom, pela Faculdade de Educação no Centro de Filosofia e Ciências Humanas, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, reuniu-se em sessão pública a Banca Examinadora da Dissertação intitulada **"PORTFÓLIO AFETIVO DO SERTÃO: VOCÊ TEM SONHADO COM O QUÊ? uma escritvência com os alunos da Escola Família Agrícola Jaguaribana Zé Maria do Tomé, na comunidade rural do Tabuleiro do Norte, sertão do Ceará."** de autoria do(a) mestrando **Francisco Thiago Cavalcanti Da Silva**, candidato(a) ao título de **Mestre em Educação**, turma **2019** do Programa de Pós-Graduação em Educação. A Banca Examinadora, constituída pelo(a) Professor(a) orientador(a) Prof(a).Dr(a). Maria Vitória Campos Mamede Maia (UFRJ), Prof(a).Dr(a). Libânia Nacif Xavier (UFRJ), Prof. (a). Dra. Sandra Maria Gadelha de Carvalho (UECE), Prof. Dr. Regina Choeli Queiroz Fraga (UECE) considerou o trabalho:

() Aprovado(a) () Aprovado(a) com recomendações de reformulação ()
Reprovado(a)

Eu, Solange Rosa de Araujo, Secretária do PPGE, lavrei a presente Ata que segue por mim assinada e pela orientadora, com a anuência dos membros da Banca Examinadora e pelo candidato(a).

A banca considerou o tema da dissertação relevante, destacando a originalidade da abordagem e a criatividade metodológica, além da pertinência das referências teóricas. A banca recomenda a publicação do material pedagógico construído na pesquisa. Sugere-se, também, a continuidade do estudo e a submissão do texto para publicação em artigos acadêmicos, capítulos e trabalhos em eventos científicos na área.

Cont. Ata de Defesa de Dissertação do(a) mestrando(a) Francisco Thiago Cavalcanti da Silva –
29-11-2021



Maria Vitoria Campos Mamede Maia
RG: 1026223SSP/DF

Prof.^a Dr.^a. Maria Vitória Campos Mamede Maia - UFRJ

Prof.^a Dr.^a. Libânia Nacif Xavier – UFRJ

Prof. Dr. Sandra Maria Gadelha de Carvalho - UECE

Francisco Thiago Cavalcanti da Silva - candidato(a)

Solange Rosa de Araújo (Secretária do PPGE)



PORTFÓLIO AFETIVO DO SERTÃO: VOCÊ TEM SONHADO COM O QUÊ? uma escrevivência com os alunos da Escola Família Agrícola Jaguaribana Zé Maria do Tomé, na comunidade rural do Tabuleiro do Norte, sertão do Ceará.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE). Área de Concentração em Educação, Linha de Pesquisa em Inclusão, ética e Interculturalidade, Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientadora: Maria Vitória Campos Mamede Maia

Dra. Ana Ivenicky
Professora Suplente – UFRJ

Dra. Libânia Nacif Xavier
Professora Examinadora – UFRJ

Dra. Maria Vitória Campos Mamede Maia
Professora Orientadora – UFRJ

Dr. Paulo Melgaço da Silva Júnior
Professor Suplente – UNIRIO

Dra. Sandra Maria Gadelha de Carvalho
Professora Examinadora – UECE

*Dedico esse trabalho à minha mãe Telma e ao meu pai Valdinar, pessoas comuns, guerreiras,
do povo que me deram faca e enxada em forma de educação e afetividade.
A todas as famílias, educandos, educandas, educadores e educadoras da EFA Jaguaribana Zé
Maria do Tomé, pela resistência, luta e confiança.
À Damiana, mulher sonhadora e valente, que admiro por sua força e brilho.
Por fim dedico esse trabalho ao Aramis, que foi o menino do campo mais lindo que já conheci.*

AGRADECIMENTOS

À minha mãe, meu pai, meus irmãos, tia Cícera e toda a minha família.

À Vicky, minha orientadora maluquinha e “má” que me deixou ser quem eu sou, segurou minha mão, acreditou e confiou em mim. Me deu afeto, amizade, conhecimento e carinho. Uma relação que pretendo cultivar.

À Sandra, Paulo, Libânia, Ana e Regina (convidada extraoficial) que aceitaram o convite de compor a minha banca.

Ao Grupo LUPEA, meus queridos e queridas companheiras que me divertem às quartas-feiras.

À turma do XII EIV Regional da Zona da Mata Mineira (MG), que em 2009 me proporcionou participar do melhor projeto de extensão da vida.

À poetisa e agricultora Cristina Moura e sua família, que me acolheu em Acaiaca (MG) em 2009 e me apresentou a Escola Família Agrícola.

À Escola Família Jaguaribana Zé Maria do Tomé e todos, todas e todes que fazem parte dessa família.

Aos meus amigos e amigas de Fortaleza, de Minas e do Rio, que sempre me deram lar, aconchego, alegria, paciência, escuta e amor.

Ao professor Rodrigo Rosistolato e à professora Libânia Xavier (de novo), por terem sido educadores maravilhosos em minha pós-graduação.

Às professoras Adriana Botelho, Carla Ávila, Solange Caldeira e Socorro Machado, que foram inesquecíveis em meu processo de formação e amadurecimento como ser humano.

À Solange Rosa, que sempre me ajudou em tudo que eu precisei nessa UFRJ. Grato demais pela disponibilidade.

À Maria que fez a primeira formatação com pequena ajuda do amigo Dinho e ao Nando que fez a última formatação. Gentilezas são sempre vaga-lumes!

À CAPES, pela bolsa de estudos que possibilitou a concretização desse mestrado.

RESUMO

A Escola Família Agrícola é uma escola específica para os filhos dos trabalhadores do campo que tem como pilares essenciais a Pedagogia da Alternância e a política-pedagógica de Paulo Freire. Com a pandemia e o isolamento social, muitas estruturas/instituições estão se reinventando utilizando a internet como modo de comunicação e funcionamento remoto, inclusive na esfera educacional. Porém, as escolas do campo possuem grandes limitações para dar continuidade às práticas pedagógicas, pois há uma precarização na acessibilidade de materiais (computadores, smartphones) e de rede por parte dos alunos e da própria escola. Mais uma vez a população camponesa se encontra em desvantagem e exclusão. Ao iniciar minha pesquisa no mestrado da Educação pela UFRJ, minha ideia inicial era fazer um estudo etnográfico junto a Escola Família Agrícola Jaguaribana Zé Maria do Tomé, que conta com 17 jovens e está localizada em Tabuleiro do Norte, sertão cearense. Durante o trabalho de campo, pelo enfoque da participação observante, ofereceria oficinas criativas que pudessem enriquecer os conteúdos do currículo da escola. Com o contexto pandêmico e a paralisação das atividades escolares, precisei reelaborar todo o projeto, pensando em ações que fossem possíveis, relevantes para a comunidade e para o estudo acadêmico. A EFA em questão precisou parar e os alunos estão isolados em casa, sem aula, por tempo indeterminado. A coordenação e o corpo docente estão pensando estratégias para continuar. Diante da circunstância, mudei minha pesquisa etnográfica para uma pesquisa-ação, intitulada: PORTFÓLIO AFETIVO DO SERTÃO: VOCÊ TEM SONHADO COM O QUÊ?, onde criei um kit pedagógico (analógico) com tarefas artísticas e criativas com o objetivo agora de inventar junto a equipe da escola, novas formas de prosseguir com o processo de ensino-aprendizagem dos alunos. A proposta do kit não é abordar conteúdos curriculares tradicionais e sim, as idiosincrasias, as questões culturais e de comportamento, a intimidade, os sonhos, as memórias. Os participantes executarão, por um período de quatro meses, tarefas pré-estabelecidas, induzidas por um guia de regras, e colecionarão seus resultados (desenhos, poemas, textos, cartas, colagens, fotos, músicas, etc) em portfólios individuais, que por sua vez, serão os objetos/dados de análise desta pesquisa. Agencio essa pesquisa-ação principalmente para testar materiais que colaborem com a prática educativa e formativa desses jovens; minha hipótese é que a arte, apesar da deslegitimação que vem sofrendo em nosso país, a criatividade, o lúdico e a afetividade são essenciais para a construção dos campos material e simbólico do ser humano dentro e fora do espaço educativo. O escopo teórico está amparado por Winnicott com o conceito de criatividade, Saltini com o conceito de afetividade, Vigotsky com o conceito de imaginação, Huizinga, como o conceito de lúdico e jogo, Barbosa e Ostrower com suas contribuições para a arte-educação e Paulo Freire, com sua vasta obra no campo da educação popular e libertária. Minha questão inicial, antes da pandemia, era explorar de quais formas as linguagens artísticas na educação do campo contribuem com o processo de desenvolvimento cognitivo, afetivo e conduta dos 17 jovens estudantes da EFA Jaguaribana Zé Maria do Tomé. Agora, somada a essa questão e seguindo o viés da pesquisa-ação, problematizo a necessidade de democratizar o saber, a tecnologia, os acessos e a valoração dessas populações que estão às margens sociais. Com a falta de perspectiva em relação às ações públicas do Estado e a pandemia, como dar continuidade a educação no campo? Sobre a juventude rural, como ampliar suas possibilidades de crescimento sem que seja necessário a evasão do campo? Aliás, o que essa juventude quer, com o que sonha atualmente o jovem do campo? Enquanto viabilizamos caminhos, buscando contribuir com essa população, continuamos acreditando que a arte, a criatividade, o lúdico e a afetividade podem dar um pouco de

respiro e alegria para essas pessoas isoladas em um isolamento mais isolado que o nosso e não só isso, mas também empoderar suas existências, contribuindo com suas construções identitárias e subjetivas.

Palavras-chave: Criatividade. Arte-educação. Escola Família Agrícola.

RESUMEN

La Escola Família Agrícola es una escuela específica para los hijos de los trabajadores del campo que tiene como pilares esenciales la Pedagogía de la Alternancia y la político-pedagógica de Paulo Freire. . Con la pandemia y el aislamiento social, muchas estructuras/instituciones se están reinventando utilizando Internet como modo de comunicación y operación remota, incluso en la esfera educativa. Sin embargo, las escuelas del campo tienen grandes limitaciones para continuar con las prácticas pedagógicas, porque existe una precaria accesibilidad de materiales (computadoras, teléfonos inteligentes) y redes por parte de los estudiantes y la propia escuela. Una vez más la población campesina está en desventaja y exclusión. Cuando comencé mi investigación en la Maestría en Educación de la UFRJ, mi idea inicial era hacer un estudio etnográfico en la Escola Família Agrícola Jaguaribana Zé Maria do Tomé, que tiene 17 jóvenes y está ubicada en Tabuleiro do Norte, sertão cearense. Durante el trabajo de campo, por el enfoque de la participación observacional, ofrecería talleres creativos que podrían enriquecer los contenidos del currículo escolar. Con el contexto de pandemia y la paralización de las actividades escolares, tuve que reelaborar todo el proyecto, pensando en acciones que fueran posibles, relevantes para la comunidad y el estudio académico. . La EFA en cuestión tuvo que parar y los estudiantes están aislados en casa, sin clase, indefinidamente. La coordinación y la facultad están considerando estrategias para continuar. Dada la circunstancia, cambié mi investigación etnográfica por una investigación-acción, titulada: CARTERA AFECTIVA DE SERTÃO: ¿HAS ESTADO SOÑANDO CON QUÉ?, donde creé un kit pedagógico (analógico) con tareas artísticas y creativas con el objetivo ahora de inventar juntos el equipo escolar, nuevas formas de continuar con el proceso de enseñanza-aprendizaje de los estudiantes. La propuesta del kit no es acercarse a los contenidos curriculares tradicionales, sino a la idiosincrasia, cuestiones culturales y de comportamiento, intimidación, sueños, recuerdos. Los participantes realizarán, durante un período de cuatro meses, tareas preestablecidas, inducidas por una guía de reglas, y recogerán sus resultados (dibujos, poemas, textos, cartas, collages, fotos, música, etc.) en portafolios individuales, que a su vez serán los objetos / datos de análisis de esta investigación. Trabajo esta investigación principalmente para probar materiales que colaboran con la práctica educativa y formativa de estos jóvenes; mi hipótesis es que el arte, a pesar de la deslegitimación que ha estado sufriendo en nuestro país, la creatividad, el juego y el afecto son esenciales para la construcción de los campos materiales y simbólicos del ser humano dentro y fuera del espacio educativo. El alcance teórico se basa en Winnicott con el concepto de creatividad, Saltini con el concepto de afecto, Vigotsky con el concepto de imaginación, Huizinga, como concepto de juego y juego, Barbosa y Ostrower con sus contribuciones a la educación artística y Paulo Freire, con su vasto trabajo en el campo. educación popular y libertaria. Mi pregunta inicial, antes de la pandemia, era explorar cómo los lenguajes artísticos en la educación del país contribuyen al proceso de desarrollo cognitivo, afectivo y conductor de los 17 jóvenes estudiantes de la EFA Jaguaribana Zé Maria do Tomé. Ahora, sumado a este tema y siguiendo el sesgo de la investigación-acción, problematizo la necesidad de democratizar el conocimiento, la tecnología, el acceso y el valor de estas poblaciones que están en los márgenes sociales. Con la falta de perspectiva en relación a las acciones públicas del Estado y la pandemia, ¿cómo continuar la educación en el campo? En los jóvenes rurales, ¿cómo ampliar sus posibilidades de crecimiento sin la necesidad de escapar del campo? Por cierto, ¿qué quiere este joven, con qué sueña actualmente el joven del campo? Mientras hacemos caminos posibles, buscando contribuir a esta población, seguimos creyendo que el arte, la creatividad, el juego y el afecto pueden dar un poco de aliento y alegría a estas personas aisladas en un

aislamiento más aislado que el nuestro y no solo eso, sino también potenciar sus existencias, contribuyendo a su identidad y construcciones subjetivas.

Palabras clave: Creatividad. Arte-educación. Escola Família Agrícola.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 FÊNIX.....	22
FIGURA 2 “FILHOS DA PÁTRIA”	28
FIGURA 3 EU CRIANÇA.....	34
FIGURA 4 XII ESTÁGIO INTERDISCIPLINAR DE VIVÊNCIA REGIONAL (EIV-REGIONAL) – CENTRO DE TECNOLOGIAS ALTERNATIVAS DA ZONA DA MATA MINEIRA (CTA/ZM).....	35
FIGURA 5: PAI JOSÉ, MÃE CRISTINA, SOBRINHOS PAULO E PEDRO E EU BRINCANDO DE FOLIA DE REIS.....	36
FIGURA 6 VIVÊNCIA SOBRE O PAPEL DA UNIVERSIDADE PÚBLICA E A EDUCAÇÃO NO BRASIL – XII EIV REGIONAL.....	37
FIGURA 7 V TURMA DO XII EIV-REGIONAL NO CENTRO DE TECNOLOGIAS ALTERNATIVAS DA ZONA DA MATA MINEIRA (CTA/ZM) - VIÇOSA-MG.....	42
FIGURA 8 GRUPO CRIAR E BRINCAR: O LÚDICO NO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM - LUPEA.....	50
FIGURA 9 PRIMEIRA REUNIÃO COM A ESCOLA FAMÍLIA AGRÍCOLA JAGUARIBANA ZÉ MARIA DO TOMÉ.....	54
FIGURA 10 EU E PROFESSORA ADRIANA BOTELHO.....	56
FIGURA 11 JOGO DOS BICHOS NO XIV ESTÁGIO INTERDISCIPLINAR DE VIVÊNCIA (EIV). VIÇOSA (MG).....	64
FIGURA 12 JOGOS A PORTA (Nº1 E Nº2) DE AUTORIA MINHA (FRANCISCO THIAGO).....	66
FIGURA 13 MINHA MÃE ENUMERANDO OS PORTFÓLIOS.....	67
FIGURA 14 PLANTAÇÃO DA CÁSSIA ROSA NO QUINTAL DA EFA JAGUARIBANA. JESUS FEZ A ORAÇÃO.....	83
FIGURA 15 MINHA MÃE, EU E REGINA: RESISTIREMOS A QUE SERÁ QUE SE DESTINA?.....	83
FIGURA 16 SALA PRINCIPAL DA EFA JAGUARIBANA ZÉ MARIA DO TOMÉ.....	84
FIGURA 17 LAGO DOS CURRAIS.....	84
FIGURA 18 PAULO FREIRE.....	85
FIGURA 19 FOTO DE AUTORIA PRÓPRIA (2021).....	86
FIGURA 20 FOTO DE DANIEL SANTOS (2021).....	86
FIGURA 21 FOTOS DE ADELITA CHAVES (2021).....	87
FIGURA 22 FOTO DE ADELITA CHAVES (2021).....	87
FIGURA 23 FOTOS DE ADELITA CHAVES (2021).....	88
FIGURA 24 XILOGRAVURA DO CHE COM CHAPÉU DE CANGACEIRO NA PAREDE DA ESCOLA.....	89
FIGURA 25 TRABALHO DA EDUCANDA TERRA.....	93
FIGURA 26 DESENHO DA EDUCANDA TERRA.....	94
FIGURA 27 POESIA DA EDUCANDA TERRA.....	97
FIGURA 28 QUEFAZER 12, TERRA APLICOU COM UMA AMIGA.....	100
FIGURA 29 TEXTO DO EDUCANDO SATURNO.....	103
FIGURA 30 DESENHO DE SATURNO (O QUE SE VÊ).....	104
FIGURA 31 QUEFAZER 5. POEMA PRA MÃE PRODUZIDO POR SATURNO.....	105
FIGURA 32 POESIA FEITO PELO EDUCANDO NETUNO.....	107
FIGURA 33 LETRA DE MÚSICA DO EDUCANDO NETUNO.....	108
FIGURA 34 DESENHO FEITO PELO EDUCANDO URANO.....	111
FIGURA 35 TEXTO DO EDUCANDO JÚPITER (2021).....	113

SUMÁRIO

DA IMPOSSIBILIDADE DE SEPARAR POR ITENS CANÔNICOS O QUE JÁ FOI TECIDO NA EXPERIÊNCIA.....	10
2. DANÇAR.....	22
3. APROXIMAR.....	35
4. INVENTAR.....	43
5. RE-CONHECER.....	51
6. BRINCAR.....	64
7. ESPERANÇAR.....	89
7.1 TERRA.....	91
7.2 SATURNO.....	102
7.3 NETUNO.....	106
7.4 URANO.....	110
7.5 JÚPITER.....	112
8. PRA FINALIZAR COM DESEJO DE RECOMEÇAR.....	117
REFERÊNCIAS.....	118
ANEXOS.....	121

DA IMPOSSIBILIDADE DE SEPARAR POR ITENS CANÔNICOS O QUE JÁ FOI TECIDO NA EXPERIÊNCIA

Uma introdução

Começo refletindo no que diz Madalena Freire (2008) sobre o ato de pensar: para se pensar é preciso ter espaço de liberdade. Se me sinto livre, um dos motivos é porque, durante meu processo de desenvolvimento afetivo e cognitivo, recebi amorosidade, cuidado, pude me espantar diante do mundo e refletir sobre ele de forma criativa. No aqui e no agora, como artista e como pesquisador da Educação, fico pensando por que fazer essa pesquisa-ação e qual a sua relevância. Meu principal interesse é dar visibilidade às questões e pessoas que, de alguma forma, são invisibilizadas pelo sistema. Diante da pandemia que assolou o mundo em 2020, escancarando ainda mais as desigualdades sociais, os grandes interesses do poder hegemônico e nossa ética como ser humano: como criar práticas de existência, convivência, economia, novas éticas e novas ecologias? Quando tudo passar, sairemos diferentes dessa situação ou estamos fadados ao nosso insucesso como seres racionais, relacionais? Começo esse trabalho com muitas dúvidas e não sei se, ao final dele, terei alguma resposta, mas, às vezes, como dizia o Torga (1977): o importante é ir não é chegar. Nesse comecinho, enquanto iço meu barco, lanço-o ao mar do “não sabemos”, uma primeira pergunta surge depois de tantos devaneios: como podemos nos reinventar? Essa é uma pergunta muito ampla, então, tento relacioná-la ao que está mais próximo a mim nesse momento: como podemos nos reinventar na Educação e nas práticas pedagógicas?

O “Portfólio Afetivo do Sertão: você tem sonhado com o quê?”, nome que dá título à essa experiência, é um kit pedagógico que contém um jogo de atividades criadas por mim sob orientação da Professora Doutora Maria Vitória Campos Mamede Maia e dos meus colegas de grupo de pesquisa Criar e Brincar: o Lúdico no processo de Ensino e Aprendizagem – LUPEA. São tarefas criativas como produção, leitura e interpretação de textos, poesias, vídeos, *podcasts*, colagens, desenhos, entrevistas, histórias pessoais ou da comunidade, contadas por fotos, músicas, imagens, narrativas objetos, entre outras coisas. Cada participante recebeu um kit com esse jogo de estímulos/tarefas para que pudessem criar seus portfólios individuais no decorrer de quatro meses. Como nos faz compreender Carvalho (2001) acerca do uso do portfólio na Educação:

Como coleção de experiências que comunicam interesses e evidenciam talentos, o portfólio pode contar uma história, revelar interesses, contribuições, estudos ou sutis esforços ao ser compartilhados com todos que se interessem. Poderá conter listas de livros, reflexões sobre leituras, pensamentos, avaliações, comparações, cartas, fotos, artefatos, leituras, observações sobre escritores, temas específicos, poemas etc. Ele poderá ter como sua companheira uma caixa para colocar objetos que sejam relevantes em significados individuais. Contribui, assim socialmente para o aprendizado de todos que convivem no mesmo contexto. Reflete conhecimentos, mudanças e avanços dos sujeitos envolvidos nesse processo educacional (p.99).

Os participantes desse jogo são 17 alunos da Escola Família Agrícola Jaguaribana Zé Maria do Tomé, pequena escola rural que atende aos filhos adolescentes dos agricultores locais, localizada na Comunidade de Currais de Cima, na Chapada do Apodi, em Tabuleiro do Norte, interior do Ceará. Tabuleiro do Norte é um município de mais ou menos vinte e cinco mil pessoas, onde a maioria vive em condições difíceis de subsistência, pois não existem

políticas públicas que atendam às necessidades da população. A juventude rural é carente de lazer, acesso à informação e ao entretenimento. Com isso, o conhecimento se torna limitado e os jovens têm cada vez menos expectativas no que concerne à qualidade de vida e ao desenvolvimento pessoal, integral. O que acontece se colocarmos nas mãos desses jovens, ferramentas como: smartphones, tablets, câmeras digitais, cadernos de desenho, poesias de Manoel de Barros?

Amparado pelo viés da pesquisa-ação, por princípios da cartografia de Deleuze e Gatarri, pela educação libertária de Paulo Freire (1978, 2002, 2011, 2016, 2019) e pela arte, desejo, como educador, contribuir com a ampliação dos sentidos desses jovens, fomentar a cultura e o protagonismo juvenil, sensibilizá-los, instigar suas potencialidades imaginativas e criativas. Um dos fatores importantes de propiciar à juventude rural o contato e o atravessamento com a arte é de possibilitar o desenvolvimento do pensamento crítico. A educação comprometida com a investigação do indivíduo enquanto sujeito histórico, sensível e criativo amplifica o pertencimento desse indivíduo na sociedade e no meio em que vive, acolhendo suas capacidades de pensar, amar, intervir na realidade. Madalena Freire (1995), pedagoga e filha de Paulo Freire, acredita que:

Pensar é o eixo da aprendizagem. Para pensar e aprender tem-se que perguntar. E para perguntar é necessário existir espaço de liberdade e abertura para o prazer e o sofrimento, inerentes a todo processo de construção do conhecimento. A pergunta é um dos sintomas do saber. Toda pergunta revela o nível da hipótese em que se encontra o pensamento e a construção do conhecimento. Revela também a intensidade da chama do desejo, da curiosidade de vida. Ansiedades, confusões e inseguranças são constitutivas do processo de pensar e aprender. Assim como também o imaginar, o fantasiar e o sonhar (p.40).

Essa dissertação é mais do que um trabalho acadêmico, é uma homenagem a Paulo Freire em seu centenário no ano de 2021. Também gosto de pensar como um grande mapa afetuoso endereçado a qualquer pessoa que queira saber um pouco sobre a vida, a rotina, o cotidiano, os desejos, sonhos, medos, particularidades, curiosidades, hábitos, idiossincrasias de jovens de uma pequena comunidade rural do interior do Ceará. Idiossincrasia é uma palavra que parece feia, mas é bonita, vem do grego e significa “temperamento peculiar” junto com “mistura”. E, se pareço didático, é porque quero anunciar que tentarei ser o mais didático possível nesse discurso que segue. Falando em mapa afetuoso, podemos aproximar a nossa embarcação ao conceito de cartografia dos filósofos Deleuze e Gatarri (1995), que surgiu na coleção de obras “Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia”, publicados pela primeira vez no Brasil em 1995. A metodologia cartográfica vem sendo muito utilizada nas pesquisas qualitativas em ciências sociais, na psicologia, na área da saúde e na educação, vem quebrando paradigmas e ampliando os campos da pesquisa acadêmica. Suely Rolnik (1989) criou no livro “Cartografias Sentimentais”, um “manual” do cartógrafo que desvela pistas sobre o método, alertando que não existem direções fixas: Restaria saber quais são os procedimentos do cartógrafo. Ora, estes tampouco importam, pois ele sabe que deve “inventá-los” em função daquilo que pede o contexto em que se encontra. Por isso ele não segue nenhuma espécie de protocolo normalizado. (p.68). O pesquisador-cartógrafo cria seu próprio procedimento e não está interessado em resultados e, sim, no processo. Costa (2014) acredita que a cartografia é um método de “pesquisa suja”, que libera o pesquisador de certos protocolos pré-estabelecidos:

O pesquisador-cartógrafo é também parte da geografia a qual se ocupa – não se pode, em uma pesquisa cartográfica, situar o campo de pesquisa como algo que estaria “lá” e o pesquisador “aqui”. A cartografia, neste sentido, é uma prática de

pesquisa suja, distante da assepsia e da limpeza que o método científico positivista nos propõe. O cartógrafo, ao estar implicado no seu próprio procedimento de pesquisa, não consegue (e não deseja) manter-se neutro e distante – eis o sentido de sujeira aplicado à sua prática. Ele se mistura com o que pesquisa, e isto faz parte de sua cartografia. A cartografia se ocupa dos caminhos errantes, estando suscetível a contaminações e variações produzidas durante o próprio processo de pesquisa. A cartografia exige do pesquisador posturas singulares. Não coleta dados, ele os produz. Não julga; ele coloca em questão as forças que pedem julgamento. A cartografia ocupa-se de planos moventes, de campos que estão em contínuo movimento na medida em que o pesquisador se movimenta. Cartografar exige como condição primordial estar implicado no próprio movimento de pesquisa. A sujeira é essa mistura necessária. (p. 71)

Os trabalhos acadêmicos costumam ter uma linguagem específica, às vezes hermética que, de certa forma, distancia o público em geral. Aproximar-me da cartografia deixou-me mais à vontade para surfar em uma pesquisa “suja”, desconstruída e livre. Gostaria de produzir um texto que qualquer pessoa pudesse ouvir ou ler e que, de alguma forma, fosse prazeroso. Disponibilizo-me como veículo para escrever sobre jovens dessa pequena cidade do interior na tentativa sincera de lhes dar visibilidade e voz. Não estou aqui para falar por eles, mas para falar ao lado deles, com eles. Espero, com esse trabalho acadêmico, poder contribuir estimulando o empoderamento dessa juventude, para que ela não se subalterne diante da sociedade, para que ela se aproprie de sua existência no mundo como algo único e importante, visto que, cada um de nós é protagonista de nossa história.

Na busca por uma metodologia que dialogasse com a cartografia e contemplasse uma ação junto ao pensamento crítico em relação às práticas pedagógicas na Educação do campo, principalmente em relação aos conteúdos artísticos, resolvi interagir com os vieses da pesquisa-ação educacional, pois percebi que é um tipo de método que visa melhorar o que já está estabelecido. É uma abordagem qualitativa dinâmica que se insere em uma realidade a fim de mudá-la. Segundo Tripp (2005),

a pesquisa-ação educacional é principalmente uma estratégia para o desenvolvimento de professores e pesquisadores de modo que eles possam utilizar suas pesquisas para aprimorar seu ensino e, em decorrência, o aprendizado de seus alunos. (p.445)

Já Engel (2000) conceitua a pesquisa-ação da seguinte forma:

A pesquisa-ação é um tipo de pesquisa participante engajada, em oposição à pesquisa tradicional, que é considerada como “independente”, “não-reativa” e “objetiva”. Como o próprio nome já diz, a pesquisa-ação procura unir a pesquisa à ação ou prática, isto é, desenvolver o conhecimento e a compreensão como parte da prática. É, portanto, uma maneira de se fazer pesquisa em situações em que também se é uma pessoa da prática e se deseja melhorar a compreensão desta. (p.182)

Desde o princípio me atraiu e me interessou, como pesquisador da Educação, viver uma experiência na *práxis*, em campo, com os moradores da comunidade rural do Tabuleiro do Norte; viver uma experiência *in loco* junto a essa comunidade. No entanto, em 2020, fomos acometidos no Brasil pela COVID-19, vírus que se alastrou pelo mundo inteiro e que nos obrigou a tomar atitudes drásticas como o isolamento e o distanciamento social. Até que se efetivasse uma vacina que impedisse a proliferação da pandemia, vários setores da sociedade tiveram e estão tendo de se reinventar. Na Educação, estamos entendendo ainda o novo *modus operandi* das práticas pedagógicas, os contextos, os acessos, as possibilidades

são muito diferentes. Também as pesquisas científicas estão tendo que sofrer algumas adaptações, inclusive a minha. Não sendo possível estar *in loco*, resolvi investir no uso da tecnologia como abordagem, viabilizando o “campo” com encontros, entrevistas e aproximações por meio das redes e plataformas digitais/virtuais. Porém, a comunidade a qual detenho meu olhar é uma comunidade carente, onde muitos dos moradores não possuem equipamentos eletrônicos como celulares e computadores. A escola ficou muito tempo parada. Os coordenadores e os educadores ficaram em comunicação entre si durante alguns meses para organizar como se daria a continuidade das atividades da escola e do processo educativo; inclusive, visitaram os alunos em suas residências analisando caso a caso. É uma escola pequena de 17 alunos, o que torna esse agenciamento mais fácil. Por conta dessa circunstância, foi mais viável criar o kit e efetivar minha cartografia-pesquisa-ação, acreditando que é uma ferramenta que pode ser muito bem quista na educação remota no campo e também, depois, em situações presenciais e em outras escolas. Acredito que o portfólio e o jogo de quefazeres aqui produzido pode servir como instrumento de trabalho em espaços diversos, multidisciplinares, pois sua principal engenharia é o vasculhamento da subjetividade humana.

A escola específica da comunidade de Currais de Cima, em Tabuleiro do Norte, é a Escola Família Agrícola. A EFA é um modelo pouco conhecido de escola que merece ser divulgado, quase não possui bibliografia sobre ela, porém ela existe em diferentes cidades do interior do Brasil desde o início do século XX. Por isso, também aponto a importância deste trabalho. As especificidades da Escola Família Agrícola e seus atores serão desveladas no decorrer desse mapa-texto-carta-documento; dessa “escrevivência”.

“Escrevivência” é um termo criado pela escritora Conceição Evaristo (2008). Esta diz respeito à sua forma de escrever, conjugando experiência pessoal, depoimentos alheios, memória coletiva, ficção, realidade, fato, invenção, poesia. A escrevivência tem sido um método de escrita difundido em trabalhos acadêmicos, mas principalmente na literatura entre mulheres/autoras negras, onde “escrever” significa, segundo Soares (2017):

contar histórias absolutamente particulares, mas que remetem a outras experiências coletivizadas, uma vez que se compreende existir um comum constituinte entre autor/a e protagonista, quer seja por características compartilhadas através de marcadores sociais, quer seja pela experiência vivenciada, ainda que de posições distintas (s/p).

Essa dissertação é sobre uma escrevivência com os alunos da Escola Família Agrícola Jaguaribana Zé Maria do Tomé e suas respectivas famílias. Foi uma experiência mista entre presencial e remota. Tive a oportunidade de estar na cidade de Tabuleiro do Norte visitando a escola, reunindo-me com a coordenação e entregando os materiais aos educandos com auxílio dos educadores que moram no local. Minha mãe ajudou na confecção dos materiais, guardados em uma caixa de papelão, como um jogo de tabuleiro. Levei minha mãe junto para fazer essa ação em Tabuleiro. Eu sou de Fortaleza, capital do Ceará, porém, cresci entre a cidade e o sertão, onde minha mãe, tios, tias e avós nasceram. Sou migrante nordestino, morando no Rio de Janeiro, fazendo uma pesquisa no interior do meu estado. Sou pobre, sou gay, sou artista, pesquisador e muito, muito mais. Não quero tomar o “lugar de fala” de ninguém, quero falar junto, quero falar com. Quero estar perto dos que, assim como eu, fazem parte desses grupos sociais alcunhados de “minorias” e precisam ter suas histórias compartilhadas, registradas, conhecidas no futuro.

O objetivo principal desta pesquisa é averiguar a pertinência desse material pedagógico, tendo como desdobramento do mesmo o investigar como o lúdico, a criatividade e a linguagem artística contribuem e intervêm no desenvolvimento dos jovens da comunidade rural de Tabuleiro do Norte. Os alunos da Escola Família Agrícola Jaguaribana Zé Maria do Tomé são os principais sujeitos desta pesquisa. Metodologicamente, esta pesquisa, aqui apresentada, está inspirada e baseada na “escrevivência” de Conceição Evaristo (2008), **que agrega em seu cerne características autobiográficas**; na pesquisa-ação com enfoque na educação com pressupostos de Freire (1978, 2002, 2011, 2016, 2019), Thiollent (2009) e Barbier (2002). É uma pesquisa que também abrange o estudo de caso em sua fase final. Os portfólios são os materiais coletados no percurso da pesquisa-ação que serão postos em análise; são produtos que podem vir a somar às biografias e bibliografias das comunidades rurais, valorizando suas histórias, resgatando suas memórias e problematizando sua importância para o desenvolvimento do país como um todo; além de legitimar a importância das artes no currículo escolar da educação do campo. Por ser um recorte de uma determinada população, podemos agregar o estudo de caso à metodologia. Para Prodanov e Freitas (2013),

O estudo de caso consiste em coletar e analisar informações sobre determinado indivíduo, uma família, um grupo ou uma comunidade, a fim de estudar aspectos variados de sua vida, de acordo com o assunto da pesquisa. É um tipo de pesquisa qualitativa e/ou quantitativa, entendido como uma categoria de investigação que tem como objeto o estudo de uma unidade de forma aprofundada, podendo tratar-se de um sujeito, de um grupo de pessoas, de uma comunidade etc. (p. 60).

A EFA possui como principal característica a pedagogia da alternância, onde os alunos ficam 15 dias em caráter de internato na escola e 15 dias em casa aplicando os conhecimentos apreendidos. A convivência é integral neste período de permanência no “chão da escola”. Acordar, preparar o café da manhã, assistir as aulas teóricas e práticas, estudar, fazer as atividades da roça, comer, conviver, manter a limpeza, brincar, “dormir, talvez sonhar”; todas as ações feitas nesse espaço integral de convivência. Em um contexto de educação no campo, em uma comunidade de poucos habitantes, o convívio intenso, a intimidade que se cria pela estadia na escola são diferentes dos de um contexto escolar comum, conhecido e experienciado pela maioria. É mister frisar que a Escola Família Agrícola é uma escola específica para os filhos dos trabalhadores rurais; a agroecologia, a sustentabilidade e a economia criativa são princípios fundantes; os pais dos alunos e a comunidade em geral estão diretamente envolvidos. Essa escrevivência também pretende dissertar sobre os efeitos que esse modelo de pedagogia, aliado à criatividade, ao lúdico, à arte e à afetividade, provocam nesse espaço, nesse recorte de realidade, nessa comunidade em particular. A EFA começou a ser implementada em Tabuleiro do Norte em 2016, mas foi efetivada há pouco mais de dois anos.

Tenho como hipótese que a política-pedagógica da Escola Família Agrícola, nesses poucos anos, modificou a comunidade de modo a afetar os moradores, principalmente nas relações interpessoais entre as famílias e vizinhos. Para que fosse possível a implementação da escola, foi preciso a mobilização de todos: jovens, adultos, crianças. A EFA foi levantada em mutirão com os próprios camponeses reformando a antiga escola, adaptando seu espaço para o novo modelo com apoio financeiro da igreja. O advento de uma nova escola tendo como base as ideias-força de Paulo Freire em pleno sertão nordestino não tem como não mexer na estrutura social do lugar. Então, fica uma questão: como era a comunidade antes e

como é a comunidade depois da chegada da EFA? Qual a opinião dos velhos sobre essa pedagogia? Qual a expectativa dos jovens?

Também tenho como hipótese que uma educação no/do campo amparada pela afetividade, pela criatividade, pelo lúdico e pelas linguagens artísticas pode enriquecer o vocabulário simbólico dos alunos, gerar pessoas mais empoderadas, menos resignadas e embrutecidas, mais respeitadas com o outro e com o que lhe é diferente. Como pesquisador de um grupo de pesquisa que defende a criatividade como elemento potencializador e a afetividade como acolhimento, posso dizer que queremos: produzir subjetividades, elevar a autoestima, promover a diversidade, o autoconhecimento, frutificar consciência, criticidade, sensibilidade, gerar ações afirmativas para a comunidade, contribuir para que a evasão do campo pelos jovens seja diminuída. Em tempos de deslegitimação da arte e da cultura no país, como é possível criar práticas pedagógicas que afilem conteúdos que não pensam nos estudantes somente como números no vestibular? No que diz respeito à evasão, também lanço essa pergunta: quais as principais motivações para que os jovens do campo, em sua grande maioria, desejem ir para a cidade grande? Quais as principais carências no campo nos dias de hoje? O que as governanças têm feito para a população do campo e como a educação no/do campo vem sendo ressignificada? Qual o sentido e a necessidade da arte para essas pessoas diante da escassez e da desigualdade social? Também como hipótese, acredito que se a escola no/do campo repensa uma episteme outra na educação, utilizando-se de novas tecnologias, ecologias, aprendizados, expedientes, escutando os anseios dos jovens do “agora”, onde a educação reflita suas realidades, é mais possível que as pequenas cidades e comunidades rurais desenvolvam-se *per si*, sem que seus moradores precisem migrar. Para Freire (2003),

A desesperança das sociedades alienadas passa a ser substituída por esperança, quando começam a se ver com os seus próprios olhos e se tornam capazes de projetar. Quando vão interpretando os verdadeiros anseios do povo. À medida que vão se integrando com o seu tempo e o seu espaço e que, criticamente, se descobrem inacabados. Realmente, não há por que se desesperar se se tem a consciência exata, crítica, dos problemas, das dificuldades e até dos perigos que se tem à frente. (p.74)

Sendo eu um artista inconformado e sobretudo sonhador, vibrante por uma transformação social, proponho, nesta escrevivência, o agenciamento de uma prática educativa que, por meio de um jogo de tarefas com provocações artísticas, estimule o lúdico, a criatividade, privilegie a afetividade e ocupe-se de questões éticas, culturais, sociopolíticas contribuindo com o crescimento desses jovens de Tabuleiro do Norte. Interessa-me, a reboque da pesquisa-ação, fomentar essa experiência na arte. Para Winnicott (2011):

Os artistas nos proporcionam algo de particularmente valioso, pois estão constantemente engajados na criação de novas formas, que são rompidas para serem por sua vez substituídas por formas mais novas. Os artistas nos permitem permanecer vivos quando as experiências de vida ameaçam destruir nosso sentido de uma existência real e viva. Os artistas, melhor do que ninguém, lembram-nos de que a batalha travada entre nossos impulsos e nossos sentidos de segurança (ambos vitais para nós) é uma batalha eterna, que se desenrola em nosso interior por toda a extensão de nossa vida. (p.48).

Cito Winnicott (1971) e o aproximo desta pesquisa, assim como aproximo Huizinga (2000), pois com eles entenderemos um pouco sobre os conceitos de jogo, criatividade e de

uma vida criativa, do olhar para o mundo por um viés “encantatório”, abrindo espaços de potência, ao lado da afetividade, para o desenvolvimento humano. Para o autor, os indivíduos vivem criativamente e sentem que a vida merece ser vivida ou, então, que não podem viver criativamente e têm dúvidas sobre o valor de viver. Essas variantes dependem de onde nasceu o sujeito, de como foram suas provisões ambientais em suas fases primitivas, seus estímulos, seu contato com a mãe, de como seus impulsos criativos são manifestados e, em contrapartida, acolhidos ou tolhidos. O pediatra e psicanalista inglês compreende que tudo é criativo em relação a abordagem de um sujeito à realidade externa, a não ser que esse sujeito seja doente ou que tenha tido seus processos criativos sufocados.

Acredito que as pessoas que vivem em uma realidade de exclusão social são desapropriadas de seus desejos, espontaneidades, subjetividades. Analisando esse fato por uma visão macro, isso acontece há séculos na história da civilização. Winnicott (1975) nos fala que:

se tomamos conhecimento de indivíduos dominados no lar, prisioneiros, ou mortos em campos de concentração, ou vítimas das perseguições de um regime político cruel, supomos, antes de mais nada, que somente algumas dessas vítimas permaneceram criativas. Estas, naturalmente, são aquelas que sofrem. Parece, a princípio, que todos os outros que existem (não vivem) nessas comunidades patológicas abandonaram a esperança, deixaram de sofrer e perderam a característica que os torna humanos, de modo a não perceberem o mundo de maneira criativa. Estas circunstâncias representam o lado negativo da civilização. Referimo-nos à destruição da criatividade em indivíduos pela ação de fatores ambientais, numa data tardia no crescimento pessoal. (p.99)

Estes indivíduos estão ao nosso lado e, às vezes, custamos a enxergar. Muites jovens são destituídos de suas potências por serem pobres ou pretos ou favelados ou trans ou gays ou mulheres. Naturalizamos passar por cima dos mendigos nas calçadas, assim como naturalizamos consumir os alimentos dos mercados sem saber suas procedências, sem refletir que existe toda uma população trabalhando para que o alimento chegue em nossa mesa. Essas pessoas que estão à margem da sociedade são as que estão hoje no “campo de concentração”, são os corpos que precisam ser exterminados na necropolítica trazida por Mbembe (2018), que não interessam.

Logo que mudei para a cidade do Rio de Janeiro, fiz uma audição que me levou a trabalhar por sete anos (2011 – 2018) com a coreógrafa Lia Rodrigues, onde a sede da companhia fica no bairro de Nova Holanda, na Maré. Em 2011, fixei residência no morro do Vidigal. Durante esse tempo foi assim que vivi a cidade, entre a Maré e o Vidigal. Entre o Brasil e turnês na Europa, no Japão, na Austrália. Um universo novo que alterou completamente minha forma de enxergar o mundo, a arte, as pessoas. A experiência com a Lia, essa artista que sempre me dizia “apressa-te lentamente”, sobre os processos subjetivos da criação, da política, das questões sociais, revolucionou o meu ser. O que é preciso ser dito, agora, aqui, nesse exato instante? QUEM é preciso ser visto?

Em 2009, por meio da Universidade Federal de Viçosa, em Minas Gerais, onde cursei o Bacharelado em Dança, tive a oportunidade de participar do XII Estágio Interdisciplinar de Vivência (EIV) regional. O EIV é um programa de formação política em âmbito regional e estadual, que sensibiliza para as questões agrárias, sindicais, econômicas, sociais e ambientais, focando, principalmente, na vida campesina. Após o processo teórico com professores, líderes sindicais e de movimentos sociais, como o Movimento dos Sem-Terra (MST), (Movimento dos Atingidos por Barragens (MAB), entre outros, vivi a experiência

prática que consistiu em morar por um mês na casa da agricultora Cristina Moura, uma das articuladoras do Sindicato dos Trabalhadores Rurais do município de Acaiaca, também em Minas Gerais. Junto à família de Cristina, acompanhei a rotina da vida no campo, plantei, colhi, fiz ações do Sindicato, como distribuir informativos nas casas dos moradores do município e aplicar questionários sobre sustentabilidade e agroecologia, cuidei das crianças, conheci e acompanhei algumas aulas na Escola Família Agrícola e participei das festividades. A partir desse acontecimento, que transformou e ampliou minha visão de mundo, surgiu o desejo de continuar contribuindo com o desenvolvimento e a difusão da Escola Família Agrícola no Brasil, que, como já foi dito, ainda é bem pouco conhecida.

Pude perceber como a cidade de Acaiaca era carecente. A realidade de seus moradores, um tanto quanto dura. Os jovens são acomodados por encararem a existência como determinista. Muitos deles desejam migrar para os centros urbanos por estarem insatisfeitos com a vida no campo. A mídia televisiva é um elemento constante nos lares da comunidade e o acesso à internet é precário. Na cidade, não há museus ou bibliotecas. O conhecimento e a informação, assim, tornam-se limitados e alienantes. No artigo *Um marco reflexivo para a inserção social da juventude rural*, Stropasolas (2007), faz o seguinte comentário:

Vivemos uma época de alargamento do mundo cultural. E isto se reflete no imaginário e nas demandas da juventude. Esta ampliação do universo simbólico e valorativo é percebido nos depoimentos dos jovens que desejam o melhor dos dois mundos, o rural e o urbano, uma síntese muito difícil de conseguir. [...] Mas a busca desta conflituosa unidade sociocultural como desejo, como demanda, vem sendo explicitada de forma recorrente nas trajetórias e nos projetos de vida de moças e rapazes de origem rural e residentes nas pequenas localidades. A inclusão digital e o acesso à informação e à comunicação interpessoal, cada vez mais demandados por esses jovens, tendo em vista a interação criada pelos jovens que passam a ter acesso à Internet nas escolas, no sindicato, na igreja etc. muda a maneira de estar no mundo porque muda o tamanho do mundo. (p. 284)

A informação pluraliza o conhecimento. Para os jovens das comunidades rurais brasileiras é frustrante não poder acompanhar o desenvolvimento tecnológico, não poder usufruir dele. Essa impossibilidade gera a insatisfação de se viver em um lugar afastado das novas mídias que democratizam o saber. A inacessibilidade a esses bens de consumo faz com que os jovens se sintam atores inferiores na sociedade. Se está sendo difícil o isolamento social para os que tem acesso aos equipamentos tecnológicos ou para os que tem uma casa confortável, condições financeiras etc., imaginem para os que não tem.

O Brasil é um país grande em ascensão que ainda possui uma desigualdade social tão grande quanto seu espaço geográfico. O interior do Ceará é muito pobre, famílias e mais famílias sobrevivem numa triste precariedade. Morando cinco anos em Minas Gerais, pude perceber quantas cidades periféricas e famílias são esquecidas e negligenciadas pelo governo e pelas ações públicas. No Rio de Janeiro, pude presenciar esse descaso no Vidigal, comunidade onde morei, antes pacificada pela UPP e agora, novamente tomada por uma facção violenta; também presenciei, trabalhando sete anos na Maré, maior complexo de favelas do Rio, lugar que precisa reivindicar ainda hoje e todo dia que os jovens negros permaneçam vivos. Acredito no papel do artista como intervencionista da realidade, assim como acredito que a Educação é o esteio de uma sociedade. Confio a Paulo Freire, principalmente, a condução de minha linha de pensamento, ancorado pelos livros: “Pedagogia do Oprimido” (1968), “Pedagogia da Autonomia” (1997), “Educação como prática de liberdade” (1967), “Extensão ou comunicação?” (1983), entre outros. O autor

defendeu, ao longo de sua vida, a educação como pilar essencial de uma sociedade harmônica e livre. Para Freire, o educador democrático consciente de seu papel, deve entender que a educação por si só não pode revolucionar uma sociedade, mas ela não é uma faculdade neutra, ela é um potente agente de transformação e mudança. A verdadeira educação não serve à ideologia dominante e sim a uma política-pedagógica que questiona o paradigma em que vivemos. Pretendo, com esse trabalho impresso, aqui colaborar com o resgate e a valorização da história, da identidade e da memória dos jovens camponeses de Tabuleiro do Norte, conscientizando-lhes como sujeitos-atores de suas existências. Para Barbosa (2007, p. 13): “A Educação poderia ser o mais eficiente caminho para estimular a consciência cultural do indivíduo, começando pelo reconhecimento e apreciação da cultura local”. Quero fomentar uma discussão reflexiva acerca da identidade desses jovens e identificar, parafraseando João Cabral de Melo Neto (1955): “qual a parte que lhe cabe nesse latifúndio”. Ainda segundo Barbosa (1998), pelas artes temos a representação simbólica dos traços espirituais, materiais, intelectuais e emocionais que caracterizam a sociedade ou o grupo social, seu sistema de valores, suas tradições e crenças. Ana Mae Barbosa (1998) tem uma vasta pesquisa sobre a arte-educação e, ao lado de Paulo Freire, também conduzirá as veredas desta escrevivência. Seguindo com Barbosa (1998):

Através das artes é possível desenvolver a percepção e a imaginação, apreender a realidade do meio ambiente, desenvolver a capacidade crítica, permitindo analisar a realidade percebida e desenvolver a criatividade de maneira a mudar a realidade que foi analisada. “Relembrando Fanon”, eu diria que a arte capacita um homem ou uma mulher a não ser um estranho em seu ambiente nem estrangeiro no seu próprio país. Ela supera o estado de despersonalização, inserindo o indivíduo no lugar ao qual pertence. (p.15)

Nessa pesquisa, além de Freire e Barbosa, sustento o aporte teórico em Winnicott (1975), Huizinga (2000), Alencar, Piaget, Saltini, Ostrower (2001), Thiollent (1986) e Barbier. Cada autor e autora colabora, partindo de suas obras, com conceitos abordados nessa escrevivência. Freire com a Educação Popular, Winnicott, Huizinga e Alencar com a criatividade, Piaget e Saltini com a afetividade, Barbosa e Ostrower com a arte-educação, Thiollent e Barbier ao lado de Freire com o método da pesquisa-ação.

A dissertação está dividida em capítulos independentes representados por verbos de ação, onde em cada um contarei de forma fluida, espontânea, como essa experiência viva se desenvolveu no decorrer desses meses. Podemos chamar também esses capítulos de Cartas Pedagógicas que segundo Paulo e Dickmann (2020, p.22): “nos oportunizam intencionar a construção coletiva de uma Pedagogia Latino-Americana, tecida por experiências e reflexões fundamentadas no pensamento crítico”. E também: “revelam um pensamento dialógico que compreende a educação como processo de humanização dos seres humanos” (p.24). As Cartas Pedagógicas e, portanto, os capítulos dessa partilha que farei com vocês são parte do meu posicionamento político e desejam produzir conhecimento. Dickmann (2020, p. 41) ainda fala mais: ela tem intenção clara de ser instrumento de diálogo, e, assim, ser pronunciamento de mundo.

É mister observar que esse pronunciamento de mundo parte de um ponto de vista, o meu, mas que busca a todo momento agregar a outros pontos de vista e perspectivas. Podemos dizer que essa pesquisa é um “frankstein”, retalho de muitas influências, inclusive a autobiográfica, que percorre a escrita. do começo ao fim. Sobre a autobiografia, Santos e Garms (2014) observam que: o trabalho com narrativas autobiográficas implica a forte participação do indivíduo que, por sua vez, se compromete com o processo de reflexão,

orientado pelo seu interesse, e que o leva a definir e a compreender seu processo de formação (p.4099).

Sendo assim, percorrendo trilhas pelas quais passei e passamos, minha orientadora, os educandos, meus mestres, companheiros de luta, vida e eu, criamos nossa narrativa comum. No primeiro capítulo, DANÇAR, conto como foi a minha vivência pessoal com a linguagem da dança na escola e como essa aproximação desde tenra idade com a arte, fez com que anos depois, já adulto, na academia como pesquisador, quisesse abordar as artes, o lúdico, o jogo e a criatividade como elementos agregadores na prática pedagógica da escola do campo. No segundo capítulo, APROXIMAR, compartilho como foi a experiência de conhecer os movimentos sociais na academia durante a graduação e como tive conhecimento da Educação do Campo e suas diferenças em relação a Educação Rural. Essa aproximação fez com que na pós-graduação em Educação o meu campo de pesquisa e meus sujeitos fossem definidos.

No terceiro capítulo, INVENTAR, conto como foi a trajetória da pesquisa com auxílio do Grupo de pesquisa LUPEA, e como readequamos o projeto diante da circunstância pandêmica. Chegamos à ideia de pesquisa-ação e portfólio na Educação; aqui colocamos alguns conceitos, que incluem criatividade a partir de Winicott e afetividade a partir de Saltini.

RE-CONHECER, é o verbo de ação que dá nome ao quarto capítulo. Discorro sobre como foi conhecer e estar junto da Escola Família Agrícola Jaguaribana Zé Maria do Tomé, escola localizada no sertão de meu estado e que, por conta da Covid-19 limitou-se a fazer os encontros de modo remoto. Passei a ser educador da escola além de pesquisador da UFRJ aplicando a pesquisa-ação. Foi crucial ser acolhido pela EFA Jaguaribana, pois facilitou o trânsito entre nós e fez com que eu me reconectasse com minha terra natal.

Em BRINCAR, falo sobre o jogo de quefazeres que foi o material didático criado por mim, por minha orientadora e meus colegas de grupo de pesquisa, com o objetivo de ser aplicado na EFA Jaguaribana. Também neste sexto capítulo exploramos o conceito de arte-educação, além de voltar aos conceitos de criatividade, lúdico, jogo e afetividade.

No sexto capítulo e último ESPERANÇAR, analisamos os portfólios criados a partir do jogo de quefazeres.

Finalizamos essa escrevivência fazendo uma análise e uma reflexão sobre como a pandemia, as desigualdades sociais e a exclusão refletem na vida dos povos do campo a partir do recorte dessa escola específica, a Escola Família Agrícola Jaguaribana Zé Maria do Tomé e seus protagonistas.

2. DANÇAR

Quanto dura um rinoceronte depois de ser enternecido?
(Neruda)



Figura 1 Fênix

Foto feita por Aramis Assis (2008).

Sem constrangimentos resolvi propor à minha professora e orientadora da pós-graduação que eu fizesse a minha escrita, minha dissertação, em primeira pessoa. Para mim foi importante burilar esse formato porque é um momento em que as minorias, as militâncias, os movimentos sociais buscam brechas para seus lugares de fala, e eu faço parte dessa população. Entrementes, deixo claro que estou em busca do meu lugar de fala sim, mas o que busco mais, apaixonadamente, é um lugar de escuta. Voltei para a academia depois de dez anos distante, confesso que essa volta me assustou um pouco, fiquei receoso

de não conseguir me enquadrar nos modos e protocolos do estudo científico, porém, e sempre existe um porém, a academia na Faculdade de Educação se mostrou, para mim, mais aberta aos métodos, às metodologias, aos formatos mais híbridos, mais criativos, inovadores. Com o aval de minha professora, Maria Vitória Campos Mamede Maia, que recebeu de maneira impulsionadora o que propus, comecei a treinar, a trabalhar a escrita em consonância com minhas experiências pessoais e com os conceitos e a teoria que cercavam meus sujeitos de estudo.

A escritora mineira Conceição Evaristo nos apresenta o conceito da escrevivência, que é uma forma de escrever partindo da própria experiência, mas também das experiências de seus pares, criando uma conectividade entre experiência individual e experiência coletiva. As histórias se borram, se mesclam, a identidade do coletivo se fortalece com a soma de múltiplas narrativas. Assim, resolvi produzir textos que partem da minha vivência e que dialogam com a vivência da juventude rural, com as artes, a educação do campo, os movimentos sociais dos quais me aproximei na graduação, as partilhas do grupo de pesquisa Criar e Brincar: o Lúdico no Processo de Ensino e Aprendizagem -LUPEA, coordenado pela professora Maria Vitória e com as teorias e conceitos que rodeiam a temática do projeto de pesquisa.

Grosso modo, minha pesquisa – PORTFÓLIO AFETIVO DO SERTÃO: VOCÊ TEM SONHADO COM O QUÊ? uma escrevivência com os alunos da Escola Família Agrícola Jaguaribana Zé Maria do Tomé, na comunidade rural do Tabuleiro do Norte, sertão do Ceará - é uma tentativa de legitimar as artes, o lúdico e a criatividade como agentes potencializadores no processo de educação da Escola Família Agrícola. As EFA's são escolas espalhadas no interior do Brasil que são agenciadas por movimentos sociais, sindicais, organizações não governamentais e pela sociedade civil e atendem à população camponesa que trabalha com a agricultura familiar.

No percurso do mestrado tive a oportunidade de ser discente da disciplina Processos de Ensino e Aprendizagem na Dança, oferecida pelos professores Prof Dr. André Bocchetti e Prof Dr. Sílvia Soter. Eu precisava de mais uma disciplina eletiva para finalizar a carga horária exigida no curso de Educação e essa supracitada, caiu como uma luva, pois o que eu fui buscar nesse programa de pós-graduação foi justamente conhecimentos que pudessem se alinhar e fortalecer a minha formação em Dança, na verdade, minha formação em Humanas, contribuindo com meus objetivos de conectar as artes à educação do campo. Sou um bailarino, um artista desde muito pequeno, agora aos 37 anos quero tecer e “tc” com os mais jovens, trocar, fazer um exercício de partilha e crescimento mútuo. Reverencio meus mestres e mestras e quero poder, enquanto continuo a aprender, ensinar. Desalienar-me e contribuir para que outros desalienem-se. Para Freire (2002):

No momento em que os seres humanos [...] foram criando o mundo, inventando a linguagem com que passaram a dar nomes às coisas que faziam com a ação sobre o mundo, na medida em que foram se habilitando a inteligir o mundo e criaram por consequência a necessária comunicabilidade do inteligido, já não foi possível existir a não ser disponível à tensão radical e profunda entre o bem e o mal, entre a dignidade e a indignidade, entre a decência e o despudor, entre a boniteza e a feiura do mundo. Quer dizer, já não foi possível existir sem assumir o direito e o dever de optar, de decidir, de lutar, de fazer política. E tudo isso nos traz de novo à imperiosidade da prática formadora, de natureza eminentemente ética. E tudo isso nos traz de novo à radicalidade da esperança. Sei que as coisas podem até piorar, mas sei também que é possível intervir para melhorá-las. (p.22)

Intervenho pois. Investigo um lugar que não é exótico à minha realidade. Minha família é do sertão; é uma família constituída de trabalhadores rurais onde era comum os mais jovens migrarem para a cidade grande para darem continuidade aos estudos em busca de melhores oportunidades. Hoje, quando me aproximo da população esquecida do campo, me aproximo da história dos meus ancestrais, do passado e do presente carregado de memória de meus pais, tios, tias, avós e do ilusório “vencer na vida”. O que é o vencer na vida dessa sociedade capitalista neoliberal onde o poder hegemônico não tem interesse em assegurar a autonomia dos indivíduos/coletivos? Definitivamente não me interessa esse tipo de vitória que estimula principalmente o consumismo desenfreado. A desalienação atrelada à conscientização, sim; abrir os olhos para novos modos de ver, ser, agir, isso me interessa e muito. As artes me proporcionaram essa abertura e essa possibilidade de perceber o mundo através de paradigmas outros. Tive a sorte e o privilégio de estar em uma escola que se preocupava em abranger as linguagens artísticas em seu programa curricular; foi essencial para o meu/nosso processo pedagógico. Sabendo disso, insisto em difundir as linguagens artísticas no currículo e na práxis das escolas mais embrenhadas do interior do Brasil, visto que, são os espaços educacionais mais negligenciados pelo governo e pela sociedade em geral. Mesmo sendo, atualmente, obrigatório a inserção das artes no Plano Nacional de Educação, é sabido que muitas escolas não possuem disciplinas de artes em seus programas. Não há fiscalização do governo, do ministério da Educação, assim como não há interesse de contratação de profissionais dessa área; que como sabemos, ainda é muito marginalizada, em alguns lugares, desnecessária. Em um país com tanta desigualdade e miséria, arte para quê? Pensam alguns. A arte tem um grande poder questionador. Para que queremos questionadores que atrapalham nossos planos e condutas? Pensam outros.

Parafraseando Drummond, *“não serei o poeta de um mundo caduco. Também não cantarei o mundo futuro. Estou preso à vida e olho meus companheiros. Estão taciturnos mas nutrem grandes esperanças”* ... Compartilho minha experiência não como um exercício narcisista, mas como uma tentativa de aliviar novas abordagens que interrompam a desumanização pela qual estamos passando. Sobre como tive a oportunidade de conhecer o teatro, a dança, a música e a literatura em meu processo de formação/humanização/sensibilização, começarei pelo começo, que se deu no chão da escola:

Era mês de junho, eu tinha 5 anos, o colégio onde eu estudava preparava a festa junina de São João. Uma timidez grande dominava o meu ser. Sempre que alguém se dirigia a mim meus olhos marejavam, era involuntário. Tinha dificuldades em pegar no lápis e problemas de assimilação, nessa época já estava sendo iniciado no abecedário, na escrita. Tenho um irmão gêmeo, ele sempre foi muito esperto e aprendeu a ler e a escrever rapidamente. Diante do meu “atraso”, meus pais solicitaram que a professora me desse aulas particulares todos os dias após o término da aula. Assim, tive aulas de reforço por um tempo, sem muito sucesso, até ela descobrir que eu era canhoto. Depois disso consegui desenvolver melhor as minhas habilidades motoras e meu aprendizado, eu estava completamente travado, bloqueado e a professora me ajudou nesse processo de desbloqueio. Na festinha de São João, a mesma professora separou os alunos em casais para que montássemos uma coreografia. Eu fiquei sem par, ela só percebeu depois, então disse: Eu vou ser seu par! E na quadrilha eu dancei com a professora, fiquei em destaque, me senti importante. Lembro de dizer orgulhoso à minha mãe: Vou dançar com a tia! Essa é a primeira lembrança que tenho com a dança. Tenho várias outras assim na escola como a dança da formatura do Abc onde tínhamos uma bengala de isopor igual à do Charlie Chaplin e meu irmão quebrou a minha a caminho da festa, ficando sem, pois, teve que dar a dele pra

mim. Eu comecei a gostar de dançar na escola. Conforme fui crescendo, fui me destacando mais, pois eu pegava as coreografias rápido e tinha certa graça. Era complicado dançar na escola, o patriarcado é muito arraigado em nossa cultura, o machismo é dominante, eu sofria bastante preconceito; todavia, fui criando força e estratégias de “sobrevivência” pelo desejo latente de me expressar através da dança.

Aos nove anos, a professora de “educação artística” propôs à minha turma que criássemos uma peça baseada no livro infanto-juvenil “O Menino Maluquinho” (1990), do Ziraldo. Falou que o teatro era uma linguagem artística criada a muitas mãos e pediu que nossa turma se autogerisse na criação dessa peça. Fiquei muito instigado e pedi a meu pai que comprasse o livro, nessa época eu já gostava bastante de ler. Tentei mobilizar os alunos, mas ninguém estava muito interessado, então eu, que sabia datilografar muito bem, escrevi o roteiro da peça sem nunca ter nem visto um texto dramático. Separei em cenas, uma delas era uma coreografia do Menino com as comidas da geladeira. No dia da aula, a professora, que chamava Socorro, perguntou o que havíamos feito. Ninguém tinha feito nada, além de mim. Timidamente apresentei o texto a ela, estava até constrangido, porque meus colegas não haviam se mobilizado. Como era a última aula do dia, dispensou todos e levou o texto que produzi para casa. Estava chateada com a turma, não tinha sido a primeira vez que a aula de educação artística era levada “a pagode”, como dizem no Ceará. Porém, na semana seguinte chegou muito animada, gostou do que eu escrevi e já organizou os personagens e os ensaios. Eu faria duas personagens: uma fatia de pizza, uma das comidas da geladeira que dançaria com o Menino Maluquinho e um menino de rua que pede esmolas à plateia enquanto o Menino e seus amigos brincam de bola. Sem querer, criei uma complexidade e uma crítica social àquela história. Foi um sucesso, lembro de ver pessoas emocionadas durante a peça. Eu ficava me perguntado por que aquelas pessoas estavam chorando, era só uma peça... Eu encarava como uma brincadeira, mas comecei a entender como a arte podia ser um instrumento potente de expressão, denúncia e emoção.

Por conta desse acontecimento, a professora Socorro um dia me chamou “pra¹” conversar, eu fiquei com medo porque ela era muito séria, andava sempre com pressa, com duas “pizzas” debaixo do braço, os cabelos curtos, cacheados e armados, como da cantora Simone na década de 80. Ela ia “pra” escola de mototáxi, eu achava aquilo o máximo, não imaginava minha mãe na garupa de uma moto. A “tia” Socorro era radical. Pois ela me chamou e disse: - Tenho um grupo de teatro amador, alguns são alunos mais velhos da escola, outros não, são pessoas de fora. Às vezes ensaiamos aqui, outras vezes na casa de alguém, onde dá. Vamos fazer uma peça infantil e precisamos de crianças, você quer participar? Esse foi o convite que mudou minha vida para sempre. Nesse grupo chamado Vozes, fiquei dos 9 até meus 18 anos. A tia Socorro era além de professora, atriz, diretora, pedagoga. A gente achava que ela tinha jeito de bruxa, pois era braba, tinha um olhar grave, falava pausado, de um jeito quase místico, e ainda tinha uma verruga no nariz. É sério! Conheci grandes autores nesse período, o principal deles, Paulo Freire.

Tia Socorro era freireana convicta e nos reiterava sempre a importância de termos um posicionamento crítico diante do mundo, uma visão holística que contribuísse com nosso crescimento como ser humano. Nessa época, eu pude aprender muitas coisas que aceleraram meu processo de amadurecimento, passei a ter noções de capitalismo, exploração, desigualdade social, luta de classes, cultura, sabedoria popular. O conhecimento

¹“Pra” é aqui utilizado marcando o tom coloquial de fala e assim sempre será grafado ao longo desta dissertação como licença poética, distinguindo o texto teórico do texto de uma escrivência como forma de resistência a uma escrita escolástica.

era primordial para a comunhão entre os participantes do grupo da professora Socorro Machado. Nós éramos incentivados a ler Berthold Brecht, Rubem Alves, Augusto Boal, Guimarães Rosa, entre outros autores, mas principalmente Paulo Freire. Eu, criança nesse contexto, já sabia que Papai Noel não existia; ao contrário de Paulo Freire, não tive traumas com isso, quando meus irmãos mais velhos revelaram a inexistência do bom velhinho. Freire (2016) conta que uma das coisas que o chocaram em sua tenra idade foi justamente a ausência do Papai Noel:

Éramos uma família católica e eu via os meus companheiros, no Natal, me mostrando os vários presentes que haviam recebido de Papai Noel. Só que Papai Noel não “baixava” lá em casa; então uma das minhas preocupações críticas era com o que me parecia uma certa injustiça do velho Papai Noel. É uma lembrança que eu não digo com muita alegria, porque eu acho que viver a fantasia do “papainoelismo” tem seu mérito, mas o fato é que rompi com esse negócio muito cedo. Vem daí o que eu chamaria hoje de uma consciência crítica, de uma concepção mais crítica do real. Então eu me comprometi com a briga pela mudança do mundo. (p.284)

Essa consciência crítica sobre a realidade, eu adquiri estando ali naquele exercício do fazer teatral, poético, artístico. Eu me tornei uma criança com percepções bastante sensíveis, as questões do “outro” me tocavam, me emocionavam. Conheci a música da Elis Regina, o modo de cantar dessa artista foi marcante pra mim, eu queria ser inteiro como ela. No grupo Vozes os debates sociais eram norteadores, todas as peças que a gente montava tinham um viés político, crítico, reflexivo. Éramos um grupo de teatro, música e dança. Talvez, um dos primeiros de Fortaleza que misturava as linguagens. Uma pena que nunca teve muita projeção, mas era uma escolha política da diretora que sempre fugiu da condição mercadológica que às vezes era designada às artes. O primeiro cachê que recebi foi nesse grupo, mas só depois de 4 anos trabalhando de graça. Era uma questão de produção, não tínhamos produtor, fazíamos rifas, vendíamos adesivos no sinal, camisetas, nossos familiares colaboravam, nossas mães costuravam os figurinos, era tudo bem precário, mas muito engrandecedor. No decorrer dos anos que estive no grupo, tive aulas de dança contemporânea, balé, canto, capoeira, manipulação de bonecos, danças folclóricas, com artistas importantes da cena cearense, foi uma formação rica em seus atravessamentos. Incentivado por Socorro, consegui uma bolsa em uma escola de balé clássico. Como a procura por esse estilo de dança era majoritariamente feminina, os homens tinham bolsa integral na maioria das academias da cidade, mas eram obrigados a dançar nos festivais de fim de ano. Fiquei alguns anos fazendo balé escondido dos meus pais, tinha medo da retaliação em casa, dos estereótipos imputados aos bailarinos em relação à sexualidade. Sofri bullying incontáveis vezes, causou em mim cicatrizes profundas, ao ponto de, às vezes, a noite antes de dormir eu rezar pedindo “pra” que, quando eu crescesse, não fosse gay. Eu tinha medo do Ney Matogrosso, não queria ser igual a ele. Era um tormento e agora, adulto, percebo como era cruel esse julgamento, esse cerceamento da liberdade por parte dos outros, do senso comum, da moral, da sociedade patriarcal, racista, machista, homofóbica, misógina que vivemos ATÉ HOJE!



Figura 2 “Filhos da Pátria”

Fotografia de Telma Maria

(Primeira peça que fiz com um grupo amador “Vozes”, dirigido por Socorro Machado em 1994)

A dança foi e é uma linguagem que me ajudou a aceitar meu corpo, a amar tudo o que me constitui, a entender meus limites, os limites do outro, o ritmo, a força expressiva, a energia interna e externa existente em mim e, por extensão e conexão, no mundo, na natureza, nas outras pessoas, nos bichos, no devir. O vir a ser. O movimento constante e pulsante da vida. A dança me deu alegria, beleza, me salvou de traumas e monstros, me empoderou, me deu prazer, me deu uma voz e um jeito muito particular de estar em relação. DANÇAR conectou-me com o meu verdadeiro eu. A dança me deu eixo, norte, deriva. Complexificou minha percepção, afinou meus sentidos. Me ajudou a ver, olhar e reparar.

Em 2020, antes da pandemia se alastrar no Brasil, o coreógrafo português João Fiadeiro esteve na Mostra Internacional de Teatro de São Paulo e eu participei do intercâmbio oferecido por ele e pelos artistas que colaboram com ele em Lisboa. Fiadeiro falou sobre como podemos mergulhar de forma mais verticalizada nas matérias, no pensamento, na criação. Evocando o escritor José Saramago, falou que ver é diferente de olhar que é diferente de reparar. E o que interessa, para ele, é re-parar. Parar duas vezes em uma coisa, insistir, se deter diante da coisa, da mesmíssima coisa. É isso que estou desejando fortemente agora. Re-parar o mundo. Me apaixonar pela existência novamente, mesmo em meio ao caos. Viver uma experiência que me conduza novamente ao olhar sensível, demasiado humano, à arte. Adulto, meu corpo fechou diante da tristeza profunda que me abalou a existência. Agora meu corpo se abre furioso diante da felicidade profunda que, também, me abalou a existência. Bocchetti (2017) fala sobre o furor que atravança a experiência quando nossas subjetividades estão abertas, em estado de apassivamento. Esse furor é essencial, é o que me faz repetir como mantra: não desista, não desista, não desista. É o que me permite ficar em, roubando a expressão de Chico César, “estado de poesia”. Dançar me dá uma sensação enorme de liberdade. Ter podido experienciar a dança como prática artística e também pedagógica, pois fez parte incontinenti de minha formação intelectual, me faz pensar como as linguagens artísticas no contexto da Educação são significativas. Mudou completamente o meu ser e ainda diria que, sem exagero: salvou minha vida.

Hoje estou com 37 anos, mas já me sinto com 40. Não tenho problemas com a idade, não queria envelhecer fisicamente, mas aceito, fazer o quê? É assustador como o tempo passa ligeiro. Às vezes tenho a sensação de que estou só começando. Mas para alguém que tem o corpo físico como uma das ferramentas de trabalho não é bem assim; vez em quando vem aquela dor na lombar, nos ombros, na bacia, lembrar que já não sou a “fatia de pizza” do Menino Maluquinho lá do início da década de 90. Tive o privilégio, como bailarino, de viver algumas situações de companhia. Trabalhei com artistas que me ajudaram a compreender um pouco melhor a articulação de uma ideia, a construção de um discurso poético, uma dramaturgia. Todos os impulsos que tenho hoje quando penso uma criação são reflexos das coisas que fui absorvendo, trocando, aprendendo e agenciando no meio do caminho. O desejo é impulsionador. Como nos fala Gil (2001):

o desejo cria agenciamentos; mas o movimento de agenciar abre-se sempre em direcção de novos agenciamentos. Porque o desejo não se esgota no prazer mas aumenta agenciando-se. Criar novas conexões entre materiais heterogêneos, novos nexos, outras vias de passagem da energia, ligar, pôr em contacto, simbiotizar, fazer passar, criar máquinas, mecanismos, articulações - tal é o que significa agenciar, exigindo sem cessar novos agenciamentos. O desejo é, portanto, infinito, e nunca pararia de produzir novos agenciamentos se forças exteriores não viessem romper, quebrar, cortar o seu fluxo. O desejo quer acima de tudo desejar, ou agenciar, o que é a mesma coisa. O agenciamento do desejo abre o desejo e prolonga-o. (p.70)

Há mais ou menos vinte anos, ainda morando em Fortaleza, ouvi falar pela primeira vez na coreógrafa Lia Rodrigues, que morava e trabalhava no Rio de Janeiro, foi em uma aula teórica de apreciação de vídeos ministrada pela também coreógrafa Andréa Bardawil. Era uma aula do Colégio de Dança do Ceará, que era um curso técnico que foi extinto, mas que formou e reuniu muitos artistas do estado na época. Fiquei impressionado com o trabalho da Lia e secretamente me perguntava curioso: mas isso é dança? Alguns anos depois a companhia da Lia veio se apresentar em Fortaleza. Eu não estava na cidade, já estava morando no interior de Minas, onde fazia a graduação em Dança, mas amigos meus assistiram e falaram: É a sua cara, você tem que trabalhar com essa mulher. Pesquisei mais sobre e botei na minha cabeça que ia mudar pro Rio e que ia dançar com Lia. Era assim que meu desejo flamejava nesse tempo. Era o tipo de estética e abordagem política que me interessavam. Por muitos anos mandei e-mails pra Lia, querendo saber da companhia, das audições, dos passos que ela estava dando, o que estava pensando, mesmo sem nunca ter falado com ela pessoalmente. Eu escrevia assim: Liaaaaaaaaaaaaa, como você tá, mulé? Conta tudo! Os dias aqui tem sido nublados, melancólicos, mas aconchegantes... Coisas desse tipo. Sempre amei literatura e as cartas de amor ridículas. Mas não era querendo forçar nenhuma relação, eu simplesmente não tenho melindres “pra” falar com pessoas que admiro e muitas vezes eu escrevo como eu falo, de forma espontânea, desmistificando essas relações de poder que nos são atribuídas desde sempre. Assim vou entendendo que não existe ninguém melhor do que ninguém e somos pessoas. Assim como são pessoas, de acordo com a cosmovisão indígena, os rios, os pássaros, as pedras. Por se tratar de “pessoas”, de indivíduos, coletivos e suas relações no mundo, o trabalho de Lia me enchia o estômago de borboletas. Freire (2011) fala que:

A partir das relações do homem com a realidade, resultantes de estar nela e estar com ela, pelos atos de criação, recriação e decisão, vai ele dinamizando o seu mundo. Vai dominando a realidade. Vai humanizando-a. Vai acrescentado a ela algo de que é ele mesmo o fazedor. Vai temporalizando os espaços geográficos. Faz cultura. E é ainda o jogo destas relações do homem com o mundo e do homem

com os homens, desafiado e respondendo ao desafio, alterando, criando, não permite a imobilidade. (p.60)

²Desta maneira, mobilizei todo o meu desejo de estar em criação com a coreógrafa Lia Rodrigues. Não porque estar na companhia me traria algum status como bailarino, mas por que eu acreditava naquele trabalho como um lugar potente de crítica, questionamento e transformação. Um dia, Lia me respondeu dizendo que haveria audição. Eu não pude ir, estava no meio da graduação no interior de Minas, acho que era 2008. Eu quase abandonei tudo para ir, mas eu precisava terminar o curso, pois em minha casa, para a minha família, era primordial ter uma faculdade. Compreensível, meus pais não tiveram formação acadêmica, meu pai só estudou até a quarta série do ensino fundamental, então a vida deles não foi um suquinho, como não é a de milhares de brasileiros. Finquei meus pés em Minas, sendo assim, mas com o coração na boca. Depois, em 2010, fiquei sabendo que teria outra audição. Acelerei o término do curso e consegui ir uns meses antes da audição pro Rio, fiquei morando no sofá da sala de uma amiga, e arrumei um trabalho no Centro Cultural da Caixa, onde eu ficava no guarda-volumes guardando as coisas das outras pessoas enquanto pensava: o que é meu tá guardado. Chegou a semana dos testes, foi um intensivão de convivência, aulas, improvisos, ao lado de umas cem pessoas. Alguns dias depois, aguardando ansiosamente, recebi o e-mail da Lia. Passei. Foi um dos dias mais felizes da minha vida, li e reli o *email* de aprovação, sei lá, umas mil vezes. Meu companheiro na época, Aramis, precisou me dizer com todas as letras: “Sim, você foi aprovado, bicho danado, conquistou finalmente o que veio buscar aqui no Rio de Janeiro”. É, os sonhos nos dão força e guiam nosso caminho quando a gente quer muito uma coisa. O trem lá do desejo que citei acima do José Gil. Lembro de ter passado muitos perrengues, humilhações e provações no Rio, quando cheguei com Aramis. Nós dois fomos bem resilientes, como muitos migrantes que saem de suas cidades em busca de melhores oportunidades. Tenho orgulho disso, mesmo sabendo que não é uma narrativa muito incomum. Não falo de um ponto de vista vitimizado, é uma realidade e tenho orgulho de ter superado as adversidades. A jornada do artista no Brasil, quando não tem dinheiro, família rica, costas quentes, pode ser bem árdua. Meu pai também viveu uma jornada parecida quando foi para São Paulo com 18 anos tentar a carreira de cantor, ficou lá por dez anos, não obteve êxito e acabou enveredando para outra profissão. Comecei a desenhar um destino diferente. Estando na companhia por sete anos, pude viver de forma plena uma rotina, uma realidade disciplinante, estritamente profissional, um campo vasto de aprendizado; para mim, muito prazeroso. Foram anos basilares de trabalho e experiência. Em minha cabeça eu pensava: quero estar aqui até a última gota de energia, porque eu queria de fato construir algo firme, concreto, duradouro com ela, a Lia. Tinha consciência da importância de estar ali, pois uma artista como Lia é uma em um milhão. Com Lia aprendi a duvidar e com Lia reiterei meus lugares de insistência, busca, obsessão dentro da matéria investigativa da criação. João Fiadeiro me confessou que é muito parecido com Lia nesse sentido da resiliência. Admiro os artistas apaixonados: Elis, Lia, João, Denise Fraga, Maria Luísa Mendonça, Sílvia Moura e tantos outros e outras e outras. Quero morrer dessa paixão. Foi de fato inesquecível criar e dançar na Lia Rodrigues Companhia de Danças. Tinha contentamento em levantar pra trabalhar todo dia, nunca titubeei, até nos momentos mais duros, nos dias mais calorentos ou chuvosos, nos dias de operação e tiroteio na favela, pois a sede da companhia é no

²À moda de Saramago, os longos parágrafos, fora dos ditames canônicos, marcam um pensamento que rememora, mas não é passado, ainda é o caminho trilhado pelo autor dessa dissertação. A licença de escrita é o estilo de escrita escorrida, aquela que perpassa os dedos sem neles se prender.

complexo da Maré, ou quando os humores se chocavam, a convivência era intensa, até aí, eu ia com muito gosto. O que aconteceu foi que tinha uma pedra no meio do caminho, mudanças aconteceram, escolhas tiveram que ser feitas, interesses mudaram, enfim, precisei seguir minha trajetória fora da companhia. Foi um caminho natural, no sentido de ser recorrente na companhia a troca de elenco de tempos em tempos. Eu teria ficado ainda muitos e muitos anos. Fui muito feliz na Lia e saí com a mesma admiração que entrei. Tivemos rugas na companhia, mas como em toda relação. Lia, que amo, minha papita, riponga, criadora genial, me rendeu grandes emoções e me fez crescer muito como artista e ser humano.

A princípio, pensei, como recomeçar? No Brasil, quando o profissional autônomo das artes não está nas grandes mídias ou circuitos mercadológicos é muito difícil sobreviver, não há apoio governamental, não há segurança trabalhista. Coloquei tanto desejo, tanto sonho, tanta energia na Lia que quase não sobrou nada quando saí. Eu não tinha mais vontade de dançar com outros criadores em dança. Comecei a me conectar com o pessoal do teatro, depois comecei a pesquisar e a criar um trabalho com Luana Bezerra, bailarina que também tinha sido da companhia. Foi ótimo, criamos uma peça, “Um corpo foi achado”, que tenho um carinho especial, mas, a gente teve dificuldades em manter uma constância nos encontros e inabilidade com a burocracia que é produzir a si mesmo. A gente tava tendo que se virar, então a peça foi ficando meio de lado. Me vi sem trabalho, nunca juntei dinheiro. Terminei meu namoro. Estava sem pulso de vida. Entrei em depressão. Passava o dia bêbado. Minha situação ficou problemática e eu não queria pedir ajuda. A sensação que eu tinha era de ter perdido ao mesmo tempo meu pai e minha mãe num acidente de carro. Perdi de uma vez só as minhas linhas-força, as presenças que me alimentavam e me davam gana de viver. Pode parecer piegas, exagerado, mas foi assim que foi. Momentos de pura angústia. Um corpo que não dança, um corpo que não ama, não sente prazer, não se comunica, é um corpo sem vida. Eu sentia assim. Consegui um serviço temporário no Teatro Leblon. Fui trabalhar na construção da cenografia de uma peça e depois fiquei sendo o contra-regra da peça. Aprendi a mexer com ferramentas que nunca tinha mexido antes. Era um trabalho de danças brasileiras pra gringo ver, bem comercial. O ingresso caríssimo, teatro sempre lotado. As pessoas ali não sabiam que eu era bailarino, eu não disse, eu não queria mais estar em cena. Eu ficava até recalcado quando assistia a peça. E eu assistia todo dia da coxia. Curioso é que eu era tratado com desdém pelos artistas, era alguém invisível ali. Foi um momento em que eu precisei trabalhar muito minha paciência, minha humildade, meu ego. Foi bom, tinha um salário e eu queria ficar invisibilizado mesmo, não queria me envolver emocionalmente com nada. Foi triste ver como aquelas pessoas tratavam um técnico. Mas, estar trabalhando me fortaleceu e eu decidi mudar de perspectiva. Sentir novos ares, paisagens.

Foi quando considerei voltar a estudar. Comecei a duvidar das minhas escolhas profissionais, pensei, por que não formei em Letras, podia ser professor de português, literatura, redação. Quando eu imaginava a docência, de cara me vinha a imagem do personagem do Robin Williams na Sociedade dos Poetas Mortos, que salva os alunos da marginalidade intermediado pela literatura; me disseram que isso era uma ilusão. Mas, mesmo sabendo da dificuldade que é ser professor em nosso país, decidi que aquele era um bom momento para aprender a aprender, parafraseando a professora Sílvia Soter, e aprender a ensinar. É isso: ser professor! Pesquisei os cursos de pós-graduação na dança, na educação, na literatura. Entendi que eu precisava me sentir útil “pra” sociedade, “pra” mim mesmo, que eu precisava fazer algo efetivamente invés de ficar só idealizando. O que eu

poderia fazer? Ensinar, eu quis e quero ensinar as coisas que eu sei, eu quero aprender o que eu não sei, quero construir junto o conhecimento, a autonomia, o pensamento crítico. Quero Paulo Freire, quero o interior do Brasil, quero contar “pras” pessoas mais esquecidas como é bom conhecer as possibilidades da arte, do lúdico, da brincadeira, da poesia, da música, do corpo, da criação. O artista que há em mim começou a renascer. Eu nunca desisti da profissão artista, só que precisei buscar estratégias “pra” continuar alimentando meu campo simbólico, além de poder me sustentar. Quero mudar o mundo. Quero mudar o meu mundo, as coisas que são possíveis de mudar, o que “tá”³ ao meu alcance. Quero de novo olhar, ver e reparar e quero companhia “pra” isso. Quero fazer pelas crianças e jovens o que minha professora fez por mim quando eu tinha nove anos: me apresentou outros mundos possíveis. Fui salvo da mediocridade. As coisas ficaram muito mais bonitas quando comecei a ressignificá-las por meio de um olhar mais criativo.

Denise Fraga, que é uma atriz conhecida por seu trabalho na televisão, mas tem um trabalho ainda mais aprofundado nas artes cênicas fora da grande mídia e a qual eu tenho o prazer de conhecer, costuma dizer que quem tem acesso à obra de Dostoiévski, não está isenta de sofrimento, mas no mínimo, vai sofrer mais “bonito”; a arte tem o incrível poder de sensibilizar, tornar a gente mais empático, consciente, reflexivo. Segundo o modelo educacional da cidade italiana Reggio Emílio, que é referência de educação da primeira infância, a beleza é um direito. E saborear a beleza é uma experiência que de certa forma convoca o envolvimento, o afetamento, a paixão. Como nos fala Bocchetti (2017, p.29), a experiência para Larrosa se dá no campo das paixões. Ao experiencarmos algo somos por ela tomados, em uma relação de padecimento fundada “numa aceitação primeira de algo que está fora de mim”. Então, como tornar pertencente aquilo que está fora? Acredito que é estando poroso para viver de forma integral as novas experiências que a vida, os enlaces e as conspirações nos proporcionam.

Comecei a entender um novo ofício, o ofício de professor. Este não é algo dado, é algo construído empiricamente e só é possível porque existe o outro, o espaço do ensino e da aprendizagem, a troca, o encontro, a fabricação do saber. Precisei contar um pouco de minha travessia para expor esse caminho que se foi traçando com a maturação, consolidação e dificuldades de minha profissão “artista” até a escolha de ampliar minhas possibilidades de atuação na área da educação. É comum artistas que tem contato com a academia enveredarem para a docência. Não optei por voltar a academia por falta de oportunidades artísticas, tampouco por desistência, fiz porque tenho consciência da importância da construção do saber. As Universidades são espaços de ensino que implicam diretamente na continuidade da pesquisa, do conhecimento. A arte e a educação em diálogo possuem um dinamismo que enriquece por demais as práticas de ambas. Sinto-me um melhor educador porque tive o privilégio de viver como discente a experiência da arte em meu processo educativo e pedagógico. Também me sinto um artista mais guarnecido por experimentar o espaço da educação e do pensamento crítico na academia. Como um ser inacabado, reinvento-me como artista e como educador. Ensino, crio, atuo, aprendo, me ponho em dialética com o mundo, desaprendo, recomeço.

³Como “pra”, “tá” emerge da mesma decisão de dar fluidez de fala a este capítulo da dissertação. Tal decisão teve um propósito e um embasamento teórico que é explicado ao longo da pesquisa, além do apoio da orientadora, como já dito no texto principal, desta dissertação Vicky Maia.

Quando as coisas apertam, pessoas morrem por falta de leite, oxigênio ou quando um presidente mau-caráter quer deslegitimar a importância da arte, da educação, de Paulo Freire, dos movimentos sociais, das conquistas dos direitos, volto ao meu mantra de sempre: não desista, não desista, não desista. E sigo: professor e artista. “O presente é tão grande. Não nos afastemos, não nos afastemos muito. Vamos de mãos dadas.

Não serei o cantor de uma mulher, de uma história
Não direi os suspiros ao anoitecer, a paisagem vista da janela
Não distribuirei entorpecentes ou cartas de suicida
Não fugirei para as ilhas nem serei raptado por serafins
O tempo é a minha matéria, o tempo presente, os homens presentes
A vida presente (DRUMOND, 1940)

Figura 3 Eu criança

Fotografia feita por Meu pai (1990).



3. APROXIMAR



Figura 4 XII Estágio Interdisciplinar de Vivência Regional (EIV-Regional) – Centro de Tecnologias Alternativas da Zona da Mata Mineira (CTA/ZM)

Fonte: Autoria própria (2009)

Ano 2021: Covid-19, mais de meio milhão de mortos no Brasil. Milhares de famílias despedaçadas, além de sonhos, trabalhos, projetos, valores, leis, éticas. O que podemos aprender como tudo isso? Que tipo de ser humano queremos ser daqui “pra” frente? Dom Pedro Casaldáliga, bispo católico espanhol radicado no Brasil dede a década de 60, dizia: “na dúvida fique do lado dos pobres”. Eu escolhi o meu lado.

Ao voltar “pra” academia o meu desejo era poder trabalhar com as escolas do campo. Nunca esqueci a experiência que vivi quando fazia graduação em Dança; por meio de um projeto de extensão da Universidade Federal de Viçosa em parceria com o Centro de Tecnologias Alternativas (CTA), me aproximei do Movimento dos Sem-Terra, Movimento dos

Atingidos por Barragens, dos Sindicatos dos Trabalhadores Rurais e da agricultura familiar. Foi a partir do Estágio Interdisciplinar de Vivência, onde os estudantes de diferentes Universidades passam por um ano de formação política e ao final moram por um tempo na casa de famílias que moram em assentamentos, acampamentos ou em pequenas propriedades agrícolas. Morei na casa da agricultora, líder sindical e poetisa Cristina Moura. A simplicidade de sua família, da estrutura da casa, a relação ente os moradores da comunidade, a forma como eles se organizavam, se autogeriam e a Escola Família Agrícola, escola erguida para dar guarida às crianças e juventude camponesa, transformou minha vida para sempre. Fui embora de Minas com um novo olhar “pra” vida no campo, eu, que apesar de ter nascido em uma família interiorana, cresci na cidade grande e nunca havia morado no interior (até então).



Figura 5: Pai José, Mãe Cristina, sobrinhos Paulo e Pedro e eu brincando de Folia de Reis.

Fonte: autor desconhecido (2009)

Em Viçosa junto aos grupos de extensão da Universidade e às comunidades do entorno aprendi sobre agroecologia, agricultura orgânica, educação ambiental, marxismo, socialismo, capitalismo, soberania alimentar, revolução verde, luta e consciência de classes, agrotóxicos, agronegócio, aprendi que a comida que chega à minha mesa, aos supermercados ou são produzidas por pequenos agricultores ou por grandes indústrias. Algumas com muitas doses de veneno, outras com dor e sofrimento animal, outras com o amor, o suor e a resistência da agricultura familiar. Parece uma coisa óbvia, mas não é. Tem criança que acha que leite dá na caixa. Esse tipo de entendimento, despertar, conhecimento, não se dá somente com as teorias, dos raciocínios lógicos, da história da economia, da riqueza, do trabalho e da produção dos seres humanos, mas sim, pela experiência, da vivência do real.

Descobri que a agroecologia, principal vertente agrônômica que faz parte das bases da prática pedagógica da escola do campo é mais do que uma técnica de cultivo e sustentabilidade, é uma filosofia, um posicionamento ético e político. Guhur e Toná (2012) nos fala que o conceito de agroecologia é uma construção recente e, portanto, ainda não está consolidado, mas nos dão pistas de como uma nova concepção pode estar sendo gerada:

a partir da prática dos movimentos sociais populares do campo, que não entendem “a” saída tecnológica para as crises estruturais e conjunturais do modelo econômico e agrícola, mas que a percebem como parte de sua estratégia de luta e de enfrentamento ao agronegócio e a sistema capitalista de exploração dos trabalhadores e da depredação da natureza. (...) Compreende-se que ela seja inseparável da luta pela soberania alimentar e energética, pela defesa e recuperação de territórios, pelas reformas agrária e urbana, e pela cooperação e aliança entre os povos do campo e da cidade. (p.63-64)



Figura 6 Vivência sobre o papel da Universidade pública e a Educação no Brasil – XII EIV Regional
 Fonte: Autoria própria e Ju de Aracaju (2009)

Aproximando-me da agroecologia na academia fui ampliando meu campo simbólico e semântico. Estudei em escola particular católica de freiras, em um colégio militar (público) e em uma escola dessas bancárias caríssimas (meu irmão e eu conseguimos uma bolsa) no último ano do segundo grau, pré-vestibular. Eram escolas muito diferentes. Na escola católica, apesar da severidade das irmãs, foi lá onde descobri as artes. Tínhamos que fazer orações todos os dias, isso era chato, mas deu “pra” passar. No colégio militar, aprendi música, tocava na fanfarra e o maestro montou um quinteto de flautas onde eu participava e depois conseguiu uma bolsa para os estudantes na orquestra estadual para que aprendêssemos instrumentos de corda. O colégio era rígido, tinha muitas normas, regras, horários, treinamento físico pesado, machismo, homofobia, porém, foi uma experiência boa de viver. Fiquei mais organizado com horário, pelo menos. Quando atrasávamos ou chegávamos na escola sem o sapato engraxado, sem cabelo e bigodes (de adolescentes) feitos e sem limpar a fivela do cinto, levávamos punição severa. Por eu ter experiência com as linguagens artísticas, apesar de novo ainda, a diretora, Tenente Busson (que anos depois morreu em um acidente fatal de helicóptero), me convidou para organizar todos os eventos festivos que aconteciam no âmbito escolar: dia das mães, São João, dia das crianças e por aí vai.

No terceiro ano do segundo grau transferi-me do Colégio Militar para uma escola “bancária”, pegando o termo emprestado de Freire, onde ele acredita que a escola vê o

educando como um banco onde se deposita informação sem problematizá-la, de forma a acumulá-la acriticamente. Foi a última fase da escola, mas a mais difícil. Somos muito pressionados nesse período da vida escolar a decidir nosso futuro, nossos caminhos. Ainda somos tão jovens e imaturos, é muita cobrança e pouco acolhimento. “Pra” resumir, fui expulso da escola, eu não queria ser um robô reproduzindo fórmulas, decorando a tabela periódica, fazendo simulados sem sentido. A partir de um acordo entre a escola e minha família, no pré-vestibular, passei a estudar em casa, não ia mais à escola. Foi um pequeno ato e grito de liberdade. E eu estudei muito. Coisas que me davam prazer como nossa língua portuguesa, geografia, literatura, história e todas as suas contradições.

Porém, livro nenhum me deu a dimensão do que é a vida no campo. Pude experimentar pouco porque vivi cinco anos em Viçosa, cidade pequena no interior do Brasil, mas, ainda assim, em um contexto universitário. Não estava vivendo do meu trabalho, produzindo meu sustento e minhas condições de sobrevivência. Estava em uma situação de privilégio, estudando em uma Universidade pública, sendo bancado por uma madrinha (mãe Anália). Mas tenho olhos “pra” ver, coração pra sentir, cérebro pra discernir e foram esses sentidos que me levaram ao interesse pela educação, pelas famílias, pela juventude, pelas crianças, pelos anciãos, pelos trabalhadores desse Brasil profundo que eu não conhecia, também pela agroecologia citada acima.

Observando e participando do processo educativo encontrado ali na realidade do campo pelos estágios e projetos de extensão da Universidade Federal de Viçosa, fui podendo diferenciar e aprender sobre outros jeitos de pensar e fazer a educação ou, pelo menos, outros jeitos de “conspirar”. Por exemplo, aprendi que educação do/no campo é diferente de educação rural e vou com ajuda de alguns autores conceituá-las para dar continuidade a essa escrevivência e para poder nos situar.

A escola rural se diferencia da escola do campo porque a primeira possui as mesmas características de uma escola tradicional do espaço urbano, com mesmo currículo e abordagem. Na maioria das vezes está atrelada a um modelo econômico perverso, domesticando e formando jovens para serem oprimidos e reféns do capital nos centros urbanos. O modelo político que gerencia esse tipo de educação não está interessado em saber quem são os seus sujeitos. A escola rural se distingue da escola urbana tradicional pela sua localidade e estrutura física, não pelos seus aspectos conteudísticos. A segunda – escola

do campo – está atrelada aos movimentos sociais e a luta campestre, busca valorizar e problematizar o espaço, o local, os sujeitos, as condições sociais, territoriais, políticas e culturais do meio. A educação do campo é uma educação contextualizada para as pessoas do campo; trabalha para que elas não se subordinem às pessoas da cidade, para que elas não evadam das zonas rurais, para que o conhecimento se faça em torno da realidade em que vivem, agregando saberes às suas práticas de trabalho, produção e convivência com a região em que vivem e suas características.

Oliveira e Campos (2012) nos fala que, o que gerou a diferenciação da Educação do Campo da Educação Rural foi:

o protagonismo dos movimentos sociais do campo na negociação de políticas educacionais, postulando nova concepção de educação que incluísse suas cosmologias, lutas, territorialidades, concepções de natureza e família, arte, práticas de produção, bem como a organização social, o trabalho, dentre outros aspectos locais e regionais que compreendem as especificidades de um mundo rural.(p.238)

A partir da década de 90, os movimentos campestres, que – diante do tamanho territorial do Brasil – são vários, se uniram aos ambientalistas, às Universidades, Sindicatos, Organizações Não Governamentais, a Igreja Católica e passaram a ter mais voz junto às políticas públicas na área educacional e territorial. No governo Lula, por exemplo, vários projetos foram contemplados e direitos foram garantidos às populações do campo, das águas, das matas. No entanto, no governo vigente, muito se perdeu e lutas que já haviam sido ganhas retrocederam a estaca zero. Mas não precisamos nos deter a isso para não cair no óbvio ululante. Oliveira e Campos (2012) nos apontam alguns desafios para que a Educação se solidifique junto aos povos do campo:

a ampliação da educação infantil, do segundo segmento do ensino fundamental e do ensino médio para os sujeitos do campo; a luta contra o fechamento das escolas do campo; o investimento na formação inicial e continuada de educadores do campo; a construção de materiais didáticos contextualizados e a implementação de metodologias ativas e participativas; o investimento na formação dos gestores das escolas do campo; a implementação da pedagogia da alternância nas escolas do campo, referenciando-a em documentos oficiais (planos municipais e estaduais de educação); a constituição de coordenações de Educação do Campo no âmbito das secretarias municipais e estaduais de Educação, a institucionalização de diretrizes de Educação do Campo no âmbito dos planos municipais e estaduais de Educação; e a abertura de concursos públicos específicos. (p.242,243)

Tomei conhecimento da Escola Família Agrícola no ano em que participei do EIV. Em Acaiaca, pequeno município da zona da mata mineira onde fiz meu estágio/intercâmbio,

estava instalada a Escola Família Agrícola Paulo Freire. Ficava na zona rural da cidade. Nessa escola, uma das minhas “irmãs” estudava. Fiquei encantado com a Pedagogia da Alternância aplicada na escola. Tive a oportunidade de já ter participado de alguns encontros de jovens e de estudantes e sei da importância que foi na juventude poder participar dessas formações que estimulam a integração, a socialização, a organização, autogestão, etc. O convívio intenso entre os jovens e a permanência deles no mesmo espaço faz criar outros tensionamentos, fortalece o coletivo é uma prática diária de convivência que demanda respeito, tolerância, responsabilidade. (Nessa fase da vida é crucial, ainda mais agora que estamos tão em-si-mesmos com nossos eletrônicos; é mister promover o encontro real assim que pudermos. Não só entre jovens, mas entre as crianças hipnotizadas pelos desenhos barulhentos e os idosos abandonados em suas inabilidades tecnológicas).

A Pedagogia da Alternância se divide entre Tempo-Escola e Tempo-Comunidade. Os educandos estão o tempo inteiro vivendo o processo de ensino-aprendizagem. É fundamental a participação da família nesse processo pois a residência é extensão da escola e vice-versa. Os educandos moram na escola durante quinze dias e os outros quinze dias aplicam os conhecimentos que aprenderam em casa, em suas propriedades. O semestre todo funciona assim. É uma formação que contempla ação-reflexão-ação. A EFA é uma escola de tempo integral que une o ensino médio com o ensino técnico/profissionalizante, no caso da EFA Jaguaribana, em agropecuária.

A EFA surgiu no Brasil em 1968, no estado do Espírito Santo. Foi um modelo de escola importado da Itália, que por sua vez foi criada no início da década de 60. A Pedagogia da Alternância foi criada na França na década de 30, em uma pequena cidade chamada Lot-et-Garone. Começou no seio de uma família, onde um jovem camponês perdeu o interesse pelos estudos e seu pai aconsoado com o padre da cidade conseguiu reunir outros jovens locais com seu filho para que tivessem o acompanhamento escolar com apoio da Igreja. Como nos diz Corrêa (2016), a Pedagogia da Alternância, em seu berço, possibilitava ao jovem não perder o vínculo com a agricultura (p.15).

As escolas rurais foram interceptadas pelo capital. Não é de interesse do poder hegemônico que os sujeitos do campo adquiram conhecimentos ou consciência para as necessidades da terra e de si. Corrêa, que é uma pesquisadora e mulher de origem camponesa fala que:

os filhos e filhas dos agricultores e agricultoras, na maioria das vezes, frequentam uma escola rural cujo currículo se encontra distante da realidade do campo. Como sinônimo de atraso, de desprezo e vergonha por ser da roça é motivo para risos e piadas e, muitas vezes, essa ideologia fatalista é reproduzida no cotidiano escolar desvinculado do mundo vivido dos/as estudantes. Com isso, a educação quando acrítica, e que recusa a história e os espaços para pensar as contradições e a realidade, corre o risco de contribuir para a dominação e inferiorização das classes populares. (p.24,25)

As escolas tradicionais, públicas e particulares do perímetro urbano conseguiram com toda a dificuldade que a gente sabe que a Educação enfrenta em nosso país, dar continuidade às práticas de aula de modo remoto durante a pandemia. Estamos no segundo semestre de 2021 e somente agora as escolas estão voltando a ter aula de modo presencial. A realidade das escolas rurais e escolas do campo foram e estão sendo bem diferentes. Não é de se estranhar que a juventude camponesa se sinta tão inferiorizada. Vivemos em um país onde grande parte das casas, mesmo sendo a mais pobre, possui uma televisão, mídia que sustenta padrões de vida e consumo de bens muitas vezes inacessíveis. Falo na televisão mesmo sabendo que agora existem smartphones, tablets, notebooks e facilidades no mercado que possibilitam que as pessoas mais pobres obtenham posse deles. Entrementes, existem comunidades nos sertões e rincões do Brasil que sim, são muito pobres. Às vezes até conseguem adquirir um smartphone com as funções básicas de comunicação, mas a internet é lenta, o sinal é ruim. Tem variantes de acessos e possibilidades, mas percebi, estando em aulas remotas com a EFA Jaguaribana, que foi bastante complicado manter uma permanência e continuidade em nossos encontros. Além das questões técnicas, surgiram necessidades específicas dos educandos. Alguns deles precisaram criar, no isolamento social, novas estratégias de sobrevivência; alguns tiveram que dar um reforço maior de ajuda em suas roças pois a situação econômica ficou mais difícil, a taxa de desemprego lá em cima, os preços dos produtos no supermercado se elevando, a gasolina pela hora da morte, enfim, um país em colapso; dois deles precisaram migrar de cidade, um deles foi tentar trabalho em São Paulo, e o outro em Salvador. A escola ficou em segundo plano. Para Corrêa (2016):

Na experiência existencial dos povos do campo, para além de suas relações com a terra enquanto meio de produção de suas vidas, também acontecem os momentos de luta pelo território, pela educação, pelo reconhecimento e pelos direitos humanos na amplitude de como campo e os sujeitos desse espaço desejam serem reconhecidos. Esses movimentos de lutas pela sobrevivência nos convocam a pensar como esses saberes são produzidos nos conflitos pela vida. (p.53-54).

Pensar uma educação do/no campo é estar em estado conspiratório pois a educação com o intuito de dar voz aos povos do campo já é por si só uma luta. Luta que não está ganha nem perto de estar. Acompanhar a tentativa de manter viva uma escola em meio ao semiárido brasileiro e um exercício de frustração constante. Já havia sido alertado como é difícil trabalhar com educação no Brasil, ainda mais no campo, mas, faço das palavras de Darcy Ribeiro as minhas:

“Fracassei em tudo o que tentei na vida.
Tentei alfabetizar as crianças brasileiras, não consegui.
Tentei salvar os índios, não consegui.
Tentei fazer uma universidade séria e fracassei.
Tentei fazer o Brasil desenvolver-se autonomamente e fracassei.
Mas os fracassos são minhas vitórias.
Eu detestaria estar no lugar de quem me venceu”.



Figura 7 V Turma do XII EIV-Regional no Centro de Tecnologias Alternativas da Zona da Mata Mineira (CTA/ZM) - Viçosa-MG

4. INVENTAR

Quando entrei na UFRJ soube que estaria vinculado ao grupo de pesquisa LUPEA, pois é o grupo coordenado por minha orientadora Maria Vitória, ou, como todos a conhecem carinhosamente: Vicky (eu particularmente gosto de chamá-la de Vickytória Maria). Preciso contar sobre as primeiras impressões que tive de Vicky ao ser entrevistado ainda na banca avaliadora de concurso para a pós-graduação. Confesso que achei que não daria certo, pois ela parecia ser bem rigorosa. Depois, a partir do momento em que nos conhecemos mais de perto, fiquei bastante aliviado e agradecido. A disponibilidade de Vicky foi crucial para o desenrolar dessa dissertação/escrivência da forma como vos entrego.

Antes de escolher a linha de pesquisa a qual sujeitaria meu anteprojeto na seleção do mestrado, pesquisei o corpo docente, seus grupos, projetos, trabalhos. Teve um artigo que me chamou atenção na revista eletrônica *Labore*: “MEU DEUS! UM ELEFANTE ROSA!”: BREVES REFLEXÕES SOBRE A QUESTÃO DA CRISE DOS PARADIGMAS NA CONTEMPORANEIDADE. De autoria da Vicky, o artigo compartilha uma experiência que a própria teve com uma professora de sua filha quando esta era pequena e estava na pré-escola. A professora pediu para que as crianças pintassem um elefante de marrom e sua filha pintou o elefante de rosa (na falta da tinta vermelha). A atividade tinha a ver com o dia dos bombeiros, o elefante estava fardado de bombeiro e sua filha associou a cor da corporação dos bombeiros ao elefante. A professora ficou chocada, pois não existe elefante cor-de-rosa. E um dos argumentos da criança foi: e existe elefante bombeiro? Vicky chama atenção para o olhar desviante da criança, de sua filha, que enxerga além do que a razão apresenta, além do que os olhos podem ver. Esse artigo me estimulou muito porque eu estava pensando como poderia voltar a academia e conseguir enxergar e produzir além do que a academia, muitas vezes engessada, nos permite como estudante e como pesquisador. Queria espaço “pra” ser criativo. Sobre o impasse que houve entre a criança/filha e a professora, Maia (2012) conclui que:

Neste impasse entre o monolítico e o fragmentado, vê-se que ainda hoje somos doutrinados/ensinados a ver o mundo de uma só forma ou dentro de óticas ou paradigmas culturalmente aceitos como corretos ou passíveis de aceitação. Mas há certos momentos em que o olhar desviante e fragmentado é o único que nos leva à criação e à originalidade. (p.204)

Vicky cria uma associação com o espanto diante do “rosa” da professora e a crise dos paradigmas inclusive no campo das ciências. Quais estruturas podemos romper para repensar e recriar epistemologicamente? Como definir o que é científico e o que não é científico diante de um pensamento constituído de tanta complexidade na contemporaneidade? No artigo, Vicky problematiza a questão da crise dos paradigmas, da descentralização do sujeito, da subjetividade, do deslocamento do objeto no estudo científico, fala da flexibilidade do próprio conceito de paradigma e entende o estudo científico como algo dinâmico. A autora partilha em sua fala, em concordância com um dos autores com o qual dialoga, que:

Nada está acabado na natureza, tudo é um eterno por-vir-a-ser e assim deve ser a ciência ou ciências que lidarem com esta natureza, seja ela física ou psíquica, material ou social. Apostamos no diálogo entres as múltiplas facetas que nunca deixarão de existir, porque o homem precisa de algumas seguranças, e a separação temporária de saberes dá a ele esta segurança tão insegura, porém mantenedora, por alguns instantes, de uma harmonia na qual ele pode pensar sobre o mundo e se pensar dentro dele. Quando se descobre senhor dos fatos, esses mesmos fatos mostram ao ser humano que sua visão estava congelada e que se deve ir para um além e começar tudo de novo a partir do que se tinha ou apesar do que se tinha como conceitos acabados. (p.215)

Na entrevista e seleção, Vicky perguntou se eu estava disposto a me enquadrar nos moldes acadêmicos. Eu disse que sim, mas com os dedos cruzados. Lendo as produções da professora e depois convivendo ao longo dos meses, percebi que ela era desconstruída e aberta à experiência. Sorte a minha, ou esse artigo supracitado que me alumiu os olhos e aqueceu o coração cairia por terra, seria uma contradição. Escolhi Vicky como orientadora e a linha de pesquisa “Inclusão, Ética e Interculturalidade” e Vicky me escolheu como orientando, uma vez que, enfim, fui aprovado. Os primeiros meses de mestrado foram mais difíceis para mim pois eu estava trabalhando e também estava saindo de uma depressão (abafa o caso). Eu estava completamente antissocial, então, foi difícil estar às quartas-feiras nas reuniões do grupo de pesquisa. Depois, com o tempo, fui conhecendo melhor os professores, professoras e colegas. Passei a amar essa volta às aulas, foi o que preencheu meus dias, voltei a ter um propósito de vida e um vínculo com a cidade do Rio. O professor Rodrigo Rosistolato e a professora Libânia Xaver fizeram, mesmo sem saber, que eu renovasse meus votos com a educação, reacenderam a paixão pela sala de aula e pelo agenciamento do “conhecer”, do aprender e principalmente, pelo estar em relação. Ia para as aulas desse professor e dessa professora com muito gosto, lia todos os textos e adorava

as discussões em sala. Por causa do Rodrigo quis muito fazer uma etnografia, na época do vestibular eu cheguei a prestar Ciências Sociais na Universidade Federal do Ceará, fiquei nos classificáveis. Quis muito estudar o ramo da antropologia e, de repente, no mestrado, na disciplina Etnografia na Educação, esse desejo reacendeu em mim.

Fui cursando as disciplinas e ainda um pouco perdido com o meu projeto. Agora que eu estava aprovado e sei que um dos motivos foi porque a Vicky gostou de minha proposta de pesquisar o lúdico, a criatividade e as artes do contexto da educação do campo, eu precisava reorganizar as ideias e identificar de fato qual eram as minhas questões, meu problema. Ainda não tinha firmeza. A pandemia chegou e com isso fomos obrigados a nos isolar. Em nenhum momento a professora Vicky e o Lupea deixou de se encontrar (pelo zoom). Com as reuniões virtuais desde março de 2020, consegui, enfim, ir me integrando ao grupo. Me senti muito acolhido, apesar de ser nessa ambiência virtual. Quando estava mais à vontade e integrado com todos, pude compreender melhor a Vicky e entendi que por trás daquela carcaça, das roupas chiques, do salto alto, da maquiagem, tinha um ser humano admirável. O que mostra como podemos ser preconceituosos, todos nós temos nossos preconceitos e é importante detectá-los e transformá-los.

Fazendo um adendo, acho importantíssimo que exaltemos os nossos mestres e mestras, sempre, precisamos valorizar as pessoas que de fato contribuem para a melhoria do planeta e das pessoas, que prestam serviços válidos, que convertem a desalienação em conhecimento. Falamos da educação quase como uma abstração, mas por trás dessa engrenagem há sempre pessoas. O Belchior, cantor e compositor cearense que amo e que cantava a existência humana, falava na música “Conheço o meu lugar” que “a palavra pessoa hoje não soa bem”. Fala de como depreciamos e classificamos uns aos outros de forma cruel e subordinadora. Quando começamos esse processo de des-humanização, de coisificação do ser humano, dos animais, da natureza? Quando deixamos de ser gente, pessoas, para sermos máquinas e números? A cosmologia indígena enxerga tudo que é vivo como pessoa – mar, montanha, onça, terra – como algo mantenedor de espírito, como algo necessário para o equilíbrio da biosfera. Se nem entre nós, pessoas da cultura ocidental, conseguimos imprimir respeito, conseguimos nos reverenciar como seres com poder simbólico de transformação e evolução, imagina em relação aos seres diferentes de nós. Por isso, não aprecio (mas também não julgo) *influencers* ou *youtubers* ou *tik-tokers*; admiro os artistas, a

sabedoria indígena, ancestral, os ensinamentos passados de geração em geração, a luta e resiliência do povo, a sabedoria popular e os meus e minhas professoras.

A Vickytória Maria é o tipo de professora que eu quero ser porque acredita no potencial criador das pessoas, acredita, incentiva, deixa livre, deixa fluir, abraça, problematiza, sonha junto, resolve, diverte, enlouquece. Era exatamente com essa ética que eu estava pensando sobre como abordar a criação, o ato criador no campo, com afetividade e amor. Saltini (2008) acredita que:

de um encontro de amor, seja ele com um objeto ou mesmo com o outro, nasce e transforma-se a vida; mudam-se os destinos, tira-se do nada todo um mundo de projetos e ideias que antes não existiam. Nasce uma espera, consolida-se um tempo e apalpa-se um espaço. As pulsões se transformam e sublimam-se e, assim, educamos um ser para si e para o seu meio. (p.16)

Como sermos porosos, amorosos e criativos nessa prática relacional da educação, respeitando as diferenças, aliando-se ao outro? Sendo o Robbin Williams da “Sociedade dos Poetas Mortos” ou o Alfredo do “Cinema Paradiso”, como tecer uma relação de respeito, amizade e incentivo para nossos alunos? (Aliás, alunos não, em um curso de formação sobre Paulo Freire agora na pandemia, descobri que a palavra aluno significa “sem luz”, então, incorporei a denominação “educando”). Seguindo com Saltini, “as escolas deveriam entender mais de seres humanos e de amor do que de conteúdos e técnicas educativas. Elas têm contribuído em demasia para a construção de neuroses por não entenderem de amor, de sonhos, de fantasias, de símbolos e de sofrimento”. (p.16)

Falando em sofrimento, a crise sanitária se alastrou mundo inteiro atingindo todo tipo de gente, classe social, país. O que parecia existir só na ficção se materializou diante de nós. Como ficamos em isolamento social sem saber o que seria do futuro, voltei pra Fortaleza, minha cidade natal. O grande desafio com essa condição nova foi que meu projeto que seria uma etnografia (como já comentei), um trabalho de campo a ser desenvolvido em Minas Gerais, na Escola Família Agrícola Paulo Freire, precisava mudar radicalmente. Fiquei apavorado, pois acreditava que a pesquisa só aconteceria se eu tivesse a oportunidade de ir a campo de forma presencial. Conversando com a turma do Lupea, pensando saídas e estratégias, uma das pesquisadoras externas, Camila Marques, que já foi orientanda da Vicky e hoje é doutora do Colégio Pedro II, sugeriu que eu pensasse na dissertação como uma pesquisa-ação. Diante da precariedade da escola do campo, que ação efetiva eu poderia

fazer para contribuir com as lacunas deixadas pela pandemia? Camila que tem vasta experiência em abordar a arte na educação, falou-me também do conceito de portfólio (na educação), que é uma coletânea de evidências que vai documentando o que os educandos vão fazendo/criando/desenvolvendo como atividade durante um espaço de tempo. Para Gelfer e Perkins (1998) os portfólios:

são mais que simples arquivos ou uma coleção de performances dos alunos. Um portfólio pode ser considerado como um arquivo em expansão dos trabalhos do estudante. Pode ser estruturado de acordo com a área de interesse, conhecimento, habilidades, temas e progressos diários. (p.44)

Já Hernandez (2000) define portfólio como:

um continente de diferentes tipos de documentos (anotações pessoais, experiências de aula, trabalhos pontuais, controles de aprendizagem, conexões com outros temas fora da escola, representações visuais, etc) que proporciona evidências de conhecimentos que foram sendo construídas, as estratégias utilizadas para aprender e a disposição de quem o elabora para continuar aprendendo. (p.166)

Pensar em um portfólio como um continente, como um espaço geográfico amplo e novo a ser habitado por desejos, subjetividades, intersubjetividades, afetos, segredos, também coisas sem importância, foi o que me fez criar o “Portfólio Afetivo do Sertão”, encarando como uma ferramenta que poderia ser útil à(s) escola(s) do campo, mas também a outros espaços com motivações lúdicas, artísticas e/ou pedagógicas. Fiquei instigado a criar, inventar quefazeres que fossem estimulantes, leves, divertidos, provocadores e que tirassem, em certa medida, os educandos de seus lugares de conforto. Introduzi o conceito de “quefazer” no lugar de tarefa só para dinamizar o sentido da palavra, mas quefazeres e tarefas são a mesma coisa.

Além de transmutar a pesquisa em uma pesquisa-ação e incorporar o portfólio como objeto de estudo, precisei mudar meus sujeitos, visto que me desloquei do sudeste para o nordeste e seria mais possível abordar uma Escola Família Agrícola do meu estado. Pesquisei na internet e acabei encontrando três escolas; mandei mensagem para todas via e-mail e messenger. A resposta demorou, mas chegou. A primeira pessoa que me respondeu já compartilhando seu whatsapp foi o Thiago Valentim, que é o coordenador executivo da EFA Jaguaribana Zé Maria do Tomé. Thiago abriu as portas da escola para mim, claro, que de forma metafórica. Expliquei quem eu era, de onde vinha e meu interesse em fazer uma pesquisa-ação junto à escola. Tivemos várias conversas via whatsapp, Thiago é um moço

muito ocupado, mas demonstrou total disponibilidade para ajudar. Como não estava em tempo integral ocupado com a Escola, passou-me o contato da professora Regina Coele, uma das coordenadoras pedagógicas que também poderia me acolher. Fiquei em contato com Regina. A equipe da escola, os educadores e as equipes de coordenação e comunicação estavam fazendo algumas reuniões remotas a fim de entender como se daria a continuidade do ensino. Na rede social da Escola, vi o anúncio de que estavam precisando de educadores voluntários. Não pensei duas vezes e voluntariei-me, pois não queria ser apenas um pesquisador de fora, queria dar um passo além e poder me aproximar da EFA com mais envolvimento.

Descobri, por exemplo, que a EFA Jaguaribana era uma escola nova que teve seu início em 2016, a partir de uma iniciativa da Comissão Pastoral da Terra (CPT), na sequência um grupo de lideranças comunitárias, pastorais, profissionais da área agrícola, professores universitários e instituições atuantes no Vale do Jaguaribe tomaram as rédeas. A EFA Jaguaribana se estabeleceu em uma casa antiga localizada na comunidade dos Currais, dentro do Parque Ecológico Olho D'água dos Currais. O poeta e professor Jesus Moreira adquiriu as terras do Parque a fim de preservá-las e protegê-las do agronegócio muito forte na região e cedeu essa pequena propriedade à comunidade. O representante escolhido para nomear a escola, Zé Maria do Tomé, segundo o site da própria escola, foi:

um dos grandes lutadores do povo no Vale do Jaguaribe, cujo sangue foi derramado no dia 21 de abril de 2010 por causa da luta que assumiu em defesa da vida por denunciar o uso abusivo de agrotóxicos por empresas do agronegócio na Chapada do Apodi. Zé Maria nasceu em 4 de outubro de 1965. Vivia com sua família na localidade de Tomé, na parte do município de Limoeiro do Norte. Era Presidente da Associação dos Desapropriados Trabalhadores Rurais Sem Terra da Chapada do Apodi. Foi assassinado aos 44 anos, deixando esposa e três filhos. Combativo, junto com a organização comunitária do Tomé, também denunciou a contaminação por agrotóxicos da água consumida pela comunidade, o problema de moradia enfrentado por uma parte das/os trabalhadoras/res rurais da região e apropriação indevida de terra pertencentes à União por empresas agroexportadoras de frutas. A luta de Zé Maria continua a inspirar e encorajar muitos lutadores e lutadoras do povo comprometidos com a vida das pessoas e do meio ambiente no Vale do Jaguaribe. (s/a)

Fui conhecendo só de ouvir falar quem eram essas pessoas que estavam nessa luta constante e necessária junto à comunidade jaguaribana. Não demorou para que fizéssemos uma primeira reunião, equipe pedagógica e educandos. A pauta principal era: diante de nossas condições pandêmicas como inventar jeitos de continuar? É possível seguir diante da pobreza, da precariedade, da angústia, da ansiedade, da depressão, do medo, da incerteza,

da exclusão social, do governo fascista, da fome? O desafio era grande! “Pra” começar, a Escola que conta com 17 educandos percebeu que a participação dos mesmos seria flutuante, pois não era sempre que a internet e os dados móveis funcionariam, que teria sinal, cobertura, área e principalmente, disponibilidade de tempo. Essa nova configuração de ensino remoto enfraqueceu um pouco o projeto político-pedagógico da escola que é à priori baseado na Pedagogia da Alternância e com conteúdos muito práticos contextualizados à realidade do campo. Ainda detectamos um outro fator: a timidez. Se expor “pra” câmera de vídeo pode ser lugar comum “pra” muitas pessoas, mas no caso dos nossos queridos educandos, não. A tecnologia pode ocupar um lugar excludente se afeta o comportamento de determinada comunidade. Por exemplo, muitos jovens têm problema de autoestima, insegurança com a própria imagem, então certas mídias podem ser repressoras. Para se ter uma ideia, nenhum dos educandos ficou, em todos esses meses que estivemos juntos, com a câmera ligada. Com exceção dos momentos em que a gente pedia por alguma demanda específica como quando fizemos uma atividade coordenada pelo professor Samuel que consistia em entrevistas individuais. Era com dificuldade que conseguíamos fazer com que os educandos se colocassem ou utilizassem as ferramentas digitais para nos comunicarmos de forma mais espontânea, o que me leva a evocar Saltini (2010) quando o mesmo diz:

Não aprendo aquilo que o outro me dá de pronto. Aprendo em função daquilo que posso trabalhar sobre o que o outro me diz, ou daquilo que o objeto me mostra e descubro. Construo, invento, sempre dentro de minhas necessidades e do campo de possibilidades. Esta capacidade confere a chance – afetiva, por meio do nível simbólico, e cognitiva por meio dos níveis técnico-estruturais – de sobreviver, adaptar-me e estar presente no meu mundo, podendo contribuir com meu saber. Portanto, a transformação do real em uma realidade interna é uma obra feita com o meu sistema biofisiológico, afetivo e cognitivo, com a minha mente e, assim procedo para aliviar em parte a minha dor. (...) tudo indica que o nosso trabalho deverá, cada vez mais, orientar-se no sentido da construção do objeto via ciência, arte, estética, ética e, principalmente, por meio da minha própria ação (experiência). (p. 18,19)

Fazendo uma reflexão sobre a fala de Saltini, entendo que lidar com novas estruturas de comunicação, expressão e também modificando a presença, o contato, os sentidos, faz com que tenhamos que inventar, ou melhor, re-inventar um novo jeito de estar junto no processo de ensino-aprendizagem. Superar os desconfortos, mudar a forma como lidamos com o espaço, o tempo, ficamos mais dispersos, mais procrastinadores e não conseguimos administrar mais nossa rotina e nossos quefazeres. Ainda não incorporamos essa nova realidade que se apresenta a nós.

Todos nós, sem exceção, em níveis diferentes, tivemos que fazer esse exercício de criatividade e reinvenção com a chegada da pandemia, por uma questão de saúde e sobrevivência. Se não, sucumbimos ao medo, ao pânico, à depressão, que foi o que acabou acontecendo com muita gente. O interessante é que pude aproximar Winnicott ([1971]/1975) não só nessa tentativa de dissertar sobre a criatividade na educação do campo, mas em uma questão anterior: a criatividade como espaço de potência, de vida. Para o autor:

É através da percepção criativa, mais do que qualquer outra coisa, que o indivíduo sente que a vida é digna de ser vivida. Em contraste, existe um relacionamento de submissão com a realidade externa, onde o mundo em todos seus pormenores é reconhecido apenas como algo a que ajustar-se ou a exigir adaptação. A submissão traz consigo um sentido de inutilidade e está associada à ideia de que nada importa e de que não vale a pena viver a vida. Muitos indivíduos experimentaram suficientemente o viver criativo para reconhecer, de maneira tantalizante, a forma não criativa pela qual estão vivendo, como se estivessem presos à criatividade de outrem, ou de uma máquina. (WINNICOTT, 1975, p.108)

É mais complexo solucionar as carências de uma população inserida em realidades duras como a do sertão nordestino onde existem menos oportunidades, as possibilidades e as perspectivas são limitadas, as pessoas não têm acesso aos bens culturais, a uma educação continuada, a informação a serviço do conhecimento, não tem direitos básicos, muitas vezes não tem terra, casa, alimento, saneamento, educação, saúde. Fica complicado crescer em um ambiente (que pode vir a ser) hostil, onde os afetos, a afetividade, o cuidado e o desenvolvimento integral dos indivíduos estão comprometidos desde que vem ao mundo. Winnicott (1975) é certo ao afirmar que:

Um bebê pode ser alimentado sem amor, mas um manejo desamoroso, ou impessoal, fracassa em fazer do indivíduo uma criança humana nova e autônoma. Onde há confiança e fidedignidade há também um espaço potencial, espaço que pode tornar-se uma área infinita de separação, e o bebê, a criança, o adolescente e o adulto podem preenchê-la criativamente com o brincar, que, com o tempo, se transforma na fruição da herança cultural. (p.172)

Não estou dizendo que nos rincões de nosso Brasil não há amor, muito pelo contrário, estou querendo dizer que onde não há estrutura, saúde, dignidade, comida no prato, conforto, lazer, sossego, enfim, o básico, fica mais difícil viabilizar o desenvolvimento mais pleno do indivíduo. A dor, o sofrimento, a precariedade, a pobreza, são elementos que podem influenciar e condicionar nossas relações, nossas vidas, nossas existências. Muitas pessoas desconhecem os direitos que são assegurados na constituição, assim como muitas pessoas fazem questão que parte da população permaneça na ignorância. Esse é o grande

projeto dos homens e governos totalitários, fascistas, ditatoriais, imperialistas, capitalistas, neoliberais, machistas misóginos, racistas, homofóbicos, transfóbicos e toda uma lista de coisa ruim. Precisamos da educação para nunca, jamais, fazermos parte de listas como essa. É necessário que no reinventemos e renovemos nossas esperanças. Abramos os ouvidos para Freire (1995) que diz:

A luta pela esperança é uma luta permanente e se intensifica na medida em que se percebe que não é uma luta solitária. Se, indiscutivelmente, a esperança radica na inconclusão do meu ser, preciso de algo mais para encarná-la. Preciso de assumir a inconclusão de que me torno então consciente. Ao fazê-lo, a assunção da inconclusão se torna crítica e não pode já faltar a esperança. É que a assunção crítica da minha inconclusão me insere necessariamente na busca permanente. O que me faz esperançoso não é tanto a certeza do achado, mas o fato de mover-me na busca. Não é possível buscar sem esperança, nem tampouco na solidão. (p.152)



Figura 8 Grupo Criar e Brincar: o Lúdico no Processo de Ensino e Aprendizagem - LUPEA
Fonte: Foto montagem feita por Edson Seiti Miyata, 2021

5. RE-CONHECER

Voltar “pras” minhas raízes foi algo que aconteceu de forma inesperada. Uma vez que fui embora, em 2005, para o Sudeste, poucas foram as vezes que pensei em voltar. Tem uma música do Sérgio Ricardo, que foi um músico, cineasta, compositor e poeta extraordinário, vizinho meu no Rio de Janeiro, que diz que “filho que sai da terra volta diferente, volta trazendo uma vontade dentro, volta trazendo uma vontade dentro” ... Eu sempre pensei que se eu voltasse, eu gostaria de morar no interior ou na serra. Queria viver essa experiência no Ceará. Amo Fortaleza, mas não consigo mais me acostumar com a insegurança das ruas, a desertificação da cidade, o abandono das periferias. Antigamente era mais viável, agora querem transformar a orla numa Miami, é a coisa mais cafona do mundo. Cresci entre as praias e o sertão. As férias na casa dos meus avós em Jucás, cidadezinha de 10 mil habitantes na época, eram sempre muito calorosas, divertidas. Tenho uma família grande, unida, animada que, como toda família, também tem os seus problemas, conflitos, traumas.

Quando eu era criança, meu pai tinha dinheiro, com muito esforço tinha ficado rico. Ele que nasceu de uma família muito pobre do interior do Maranhão, chamado Araiões. Filho de pescador e de uma empregada doméstica/ secretária do lar (não sei se ainda se usa esse termo, mas tem uma conotação horrível), migrou para Parnaíba, litoral do Piauí, com toda a família, depois que seu irmão mais velho morreu afogado no rio. Já na juventude, migrou pra São Paulo porque sonhava ser cantor, chegou até a gravar um disco. Sua carreira de cantor foi por água abaixo depois que, no programa do Chacrinha, perdeu um concurso de calouros para o Emílio Santiago. Acabou enveredando para outra profissão e, sendo bancário, foi transferido pra Fortaleza, foi morar na mesma rua que minha mãe.

Minha mãe é do sertão central, do centro-sul “pra” ser mais exato. Foi a primogênita numa família de sete irmãos. Meu avô trabalhava em um sítio da prefeitura na zona rural onde era responsável pelo abastecimento de água da cidade e por isso, tinha moradia gratuita com sua esposa e filhos. Minha avó era professora de educação artística, quando essa disciplina tinha a ver com corte, costura, artesanato, crochê, marcenaria. Minha mãe herdou todas essas habilidades da minha avó, faz tudo com muito esmero e criatividade. Quando jovem, mudou-se para a capital, foi morar com uma tia para poder dar continuidade

aos seus estudos. Em Jucás nas décadas de 60, 70, se os jovens quisessem continuar a estudar, tinham que migrar para uma cidade mais desenvolvida. Os que ficavam, acabavam trabalhando na roça ou no comércio local ou na construção civil.

Meus pais se conheceram na rua Lavras da Mangabeira, em Fortaleza, minha mãe morava com uma tia e meu pai com uma irmã. Se enamoraram e estão casados até hoje. Depois de mudarem para algumas casas diferentes, constituíram família, produziram riquezas, muitas histórias, memórias, lembranças e falência. Meu pai perdeu tudo na década de 90, depois da era Collor, com a mudança da moeda para o real no governo do Fernando Henrique. Minha mãe chegou a terminar o segundo grau, prestou vestibular para agronomia, não passou e acabou se dedicando a fazer concursos públicos. Tornou-se funcionária pública, trabalhou a vida inteira em um posto de saúde como auxiliar administrativa. Depois da falência, meu pai, que tinha se tornado autônomo e ganhava muito bem, passou a fazer vários serviços menores, também fez tentativas de se inserir no comércio com um depósito de material de construção, também com uma pequena fábrica de salgados, enfim. Tentou várias coisas até tornar-se vendedor de uma loja de refrigeração do meu tio.

Hoje em dia, meus pais estão aposentados ganhando uma merreca. Meu pai continua trabalhando na loja, diz ele que não consegue ficar parado e vai trabalhar até morrer (queria ter a disposição que ele tem). Os dois têm hábitos interioranos desde que me conheço por gente. Meu pai acorda 4:30 da manhã todos os dias e dorme antes da novela das oito (de rede). Minha mãe acorda 5:30 e dorme na hora da novela das oito (também de rede). Os dois voltaram a morar na mesma rua onde se conheceram há mais de 40 anos.

Na época das vacas gordas, meus pais ajudavam financeiramente toda a família da minha mãe. Eram todos muito pobres, passavam muitos perrengues e privações, mas meu pai, principalmente, proporcionava tudo o que podia para que fossem garantidos alimentação, saúde, lazer, moradia, para todos. Claro, era na medida do possível. Em casa éramos 4 filhos e depois que falimos, meus pais sempre foram muito rígidos com a gente em relação aos estudos diziam que a única coisa que podiam deixar para nós era a educação.

Fiz essa pequena digressão sobre meus pais porque no fundo, somos “como nossos pais”, carregamos essas células ancestrais que nos constituem internamente como sujeitos, ainda que de forma inconsciente. Também somos feitos da cultura que nos cerca, do

ambiente em que vivemos, das relações que tecemos, das experiências que vamos tendo, enfim. Tenho o mar e o sertão como as paisagens que me acompanharam desde criança e junto delas, todo um campo simbólico que me dá pertencimento.

Voltar para o Ceará com o propósito de fazer uma ação em prol da educação no interior, é algo com que sempre sonhei. Não é do jeito ideal porque estamos vivendo essa crise sanitária há quase dois anos, mas é do jeito que podemos fazer, pois o “tempo não para” e a “vida é tão rara”! Estou parafraseando versos da música popular brasileira já tem um tempo nesse texto fluido. Deve ser porque também herdei de meu pai o amor pela música. Incrível como podemos adquirir amor por algo a partir do exemplo e da convivência; isso é um processo educativo, se entendermos a educação como um lugar de troca, de ensino e aprendizado para além dos muros. A educação tem várias camadas, não é só na escola que o processo educativo se dá. Saltini nos fala de encontrar uma “proteína mínima cultural”, que segundo ele:

nada tem a ver com a alfabetização, pois nunca se ouviu falar de alguém não alfabetizado que tenha deixado de pensar ou entender o outro. Prioritariamente devemos alfabetizar o indivíduo para ler os objetos e palavras ditas e pensadas e, depois, entender palavras escritas, o que as letras podem compor. É este tipo de alfabetização que devemos buscar, de relações, comunicações e compreensões. (2010, p.16)

Então, desde o começo que pensei em procurar a Escola Família Agrícola para oferecer os meus tempo, dedicação e trabalho, sempre foi com muitos poros abertos, pois não queria levar nada pronto, autoritário, pragmático, sistemático, nenhuma cartilha. Meu desejo sempre foi escrever essa história acompanhado, lado a lado, a partir das relações, comunicações e compreensões.

Ao chegar em Fortaleza e definir com a professora Vicky e o grupo LUPEA os passos de minha pesquisa, consegui entrar em contato com a EFA Jaguaribana. Como estávamos ainda no meio da pandemia, a escola estava parada. Uns meses depois do primeiro contato, voltei a procurá-los e já tinha uma data para retorno de modo remoto. Expliquei sobre o jogo para o coordenador executivo, Thiago, e para as coordenadoras pedagógicas Regina Coele e Adelita Chaves. Todos ficamos empolgados com essa possibilidade de fazer uma ponte entre a universidade e a EFA.

Nossa primeira reunião, enfim, aconteceu pelo google meet, foi em meados de fevereiro de 2021. Estavam presentes dois coordenadores Adelita e Daniel, 6 educandos, 4 educadores, a mãe de um dos educandos (que o sinal de internet caía o tempo todo) e eu. Quatorze pessoas ao todo. Nessa altura eu já havia me disponibilizado a ser educador da escola também. Conversei com a professora Regina e ela sugeriu que déssemos a disciplina Códigos e Linguagens juntos, fazendo uma hibridização de português, redação, filosofia, artes, literaturas e utilizando o Portfólio Afetivo como base de nossos encontros. Aliás, por feliz coincidência, algumas das questões levantadas no Portfólio já haviam aparecido na disciplina com a professora Regina e os educandos. Foi bom saber que, de alguma forma eles já tinham surfado nisso.

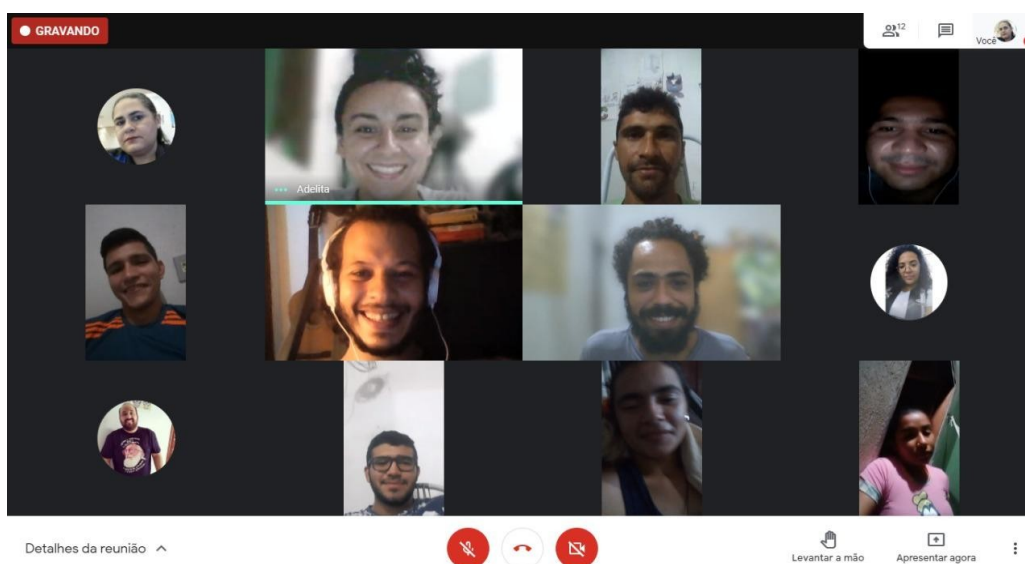


Figura 9 Primeira reunião com a Escola Família Agrícola Jaguaribana Zé Maria do Tomé
 Fonte: Autoria própria (2021)

Em nosso primeiro encontro, me apresentei e compartilhei o que seria o jogo: um veículo para que pudéssemos, de forma lúdica, dinâmica e divertida falar de questões que envolvessem as subjetividades, intersubjetividades, desejos, sonhos, limitações, necessidades de cada um. Não só isso, informei que queria tocar em assuntos que parecem inacessíveis ou apresentam dimensões complexas, mas que, se descomplexificam se partimos de nossas experiências cotidianas, do que tá próximo a nós, por exemplo, a questão da reforma agrária, a luta por igualdade social, a paisagem que vemos todo dia de nossas janelas, os sons da chuva, dos pássaros, o cheiro da terra. Como falar de coisas assim por meio da criação artística, da intimidade, da expressão individual que pudesse

desembocar e dialogar com o coletivo? Trocando em miúdos: um jogo individual, porém, coletivo, feito do concreto e do invisível. Huizinga (2000) traz uma definição de jogo que se aproxima do que eu gostaria de levar para os educandos:

o jogo é mais do que um fenômeno fisiológico ou um reflexo psicológico. Ultrapassa os limites da atividade puramente física ou biológica. É uma função significante, isto é, encerra um determinado sentido. No jogo existe alguma coisa “em jogo” que transcende as necessidades imediatas da vida e confere um sentido à ação. Todo jogo significa alguma coisa. Não se explica nada chamando “instinto” ao princípio ativo que constitui a essência do jogo; chamar-lhe “espírito” ou “vontade” seria demasiado. Seja qual for a maneira como o considerem, o simples fato de o jogo encerrar um sentido implica a presença de um elemento não material em sua própria essência. (p.5)

O jogo que fui construindo, elaborando, matutando, teve seu *input* inicial a partir do meu próprio lugar de jogador. Huizinga fala da função significante do jogo, da ação que a ele é conferida e de sua essência que carrega um elemento não material; considero que seria o campo simbólico. Me pondo no lugar dos educandos que receberiam esse jogo que queremos jogar, no contexto que estamos, com as ferramentas e tempo que temos, resolvi elaborar quefares que fossem, no mínimo, curiosos de fazer. Alguns mais trabalhosos outros nem tanto. Pensei: se eu fosse educando que tipo de atividade eu gostaria de fazer? Que tipo de pergunta eu gostaria de responder? Como eu gostaria de expor minhas opiniões de forma mais espontânea me assegurando que seria de forma reservada? Que tipo de agenciamento eu me disponibilizaria a fazer para envolver pessoas de fora do contexto escolar na execução das atividades? Sabendo de meus interesses particulares como jovem e educando em minha época de escola, fiquei pensando como despertar o interesse desses jovens, como produzir, de certa forma, fascinação. Sobre fascinação, volto a Huizinga:

A intensidade do jogo e seu poder de fascinação não podem ser explicados por análises biológicas. E, contudo, é nessa intensidade, nessa fascinação, nessa capacidade de excitar que reside a própria essência e a característica primordial do jogo. O mais simples raciocínio nos indica que a natureza poderia igualmente ter oferecido a suas criaturas todas essas úteis funções de descarga de energia excessiva, de distensão após um esforço, de preparação para as exigências da vida, de compensação de desejos insatisfeitos, etc, sob a forma de exercícios e reações puramente mecânicos. Mas não, ela nos deu a tensão, a alegria e o divertimento do jogo. (p.6)

Então, como receber esse “sim” desses jovens que eu nem conhecia e que moram num lugar longe de mim, onde não conhecia bem suas realidades, seus contextos. Como convencê-los a embarcar nessa aventura, como mostrar para eles que vai ser prazeroso,

divertido, que mergulhar nesse universo do lúdico, da imaginação, da expressão mais verdadeira de si vai ser uma porta e uma janela para o amadurecimento, pro crescimento pessoal, pro autoconhecimento? Mas quem garante isso? Dentro do processo de ensino e aprendizagem não temos, nem podemos ter certezas, pois esse processo é dinâmico, está em constante mudança. Na época das disciplinas de licenciatura da graduação percebi como, às vezes, os planejamentos de aula que fazemos caem por água abaixo e nos sentimos frustrados. Às vezes pensamos em metodologias que são lindas no papel, mas na prática não se aplicam. Por isso, entendi que a proposta que eu estava levando à EFA Jaguaribana era um terreno instável, movediço, aí me apaguei a uma outra coisa além da crença no jogo e na brincadeira: me fiei na afetividade. Saltini (2008) acredita que:

em primeiro lugar a escola deve ser continente de um desenvolvimento da organização dos sistemas afetivos e cognitivos. Quem está aprendendo e amadurecendo não é somente o intelectual e, sim, um indivíduo em constante processo de nascimento, de atividade. Atividade esta que, a cada momento, apresenta-se de forma diferente. (p.20)

Como acompanhar esse processo metamórfico que se dá no processo de formação humana se não pelo convívio, pela aderência do outro, pela empatia. Minhas relações pessoais mais edificantes com meus professores, professoras e mestres aconteceram porque fui autorizado a acreditar nessa des-hierarquização entre educando e professor. Não posso ser aquele que chega com informações e conteúdos de forma unilateral, inquisidora e subordinadora. Não acredito nesse tipo de abordagem, nesse comportamento viciado e colonizador em nenhum tipo de relação, seja na escola, em casa, na rua, no trabalho, nas relações interpessoais. Da educação, tenho tido bons exemplos, tive uma professora de História chamada Adriana Botelho na época do Colégio Militar do Corpo de Bombeiros; era uma professora civil dentro do sistema militar de ensino. Adriana sempre nos incitou a questionar acerca dos conteúdos que nos eram repassados no colégio, por mais que devêssemos obediência incontinenti a nossos “superiores”. Adriana era progressista de esquerda, feminista, ativista, freireana. Foi uma educadora muito importante pra mim e que transcendeu a relação professora-aluno, nos tornamos amigos. A professora sempre levava pra nossa sala de aula, situações muito atuais que dialogavam com os fatos históricos. Também nos situava sobre a importância da educação em um país como o nosso tão cheio

de desigualdades sociais. E nosso colégio era público, então era um privilégio poder estar ali debatendo sobre sistema educacional, social e a política.



Figura 10 Eu e professora Adriana Botelho.

Fonte: Foto de Mariana Carvalho (2001)

Freire (2011), dentre muitos outros ensinamentos, confiava em uma educação que possibilitasse ao homem a discussão corajosa de sua problemática. De sua inserção nessa problemática. Que o advertisse dos perigos de seu tempo, para que, consciente deles, ganhasse a força e a coragem de lutar, em vez de ser levado e arrastado à perdição de seu próprio “eu”, submetido às prescrições alheias. Educação que o colocasse em diálogo constante com o outro. Que o predispusesse a constantes revisões. À análise crítica de seus “achados”. A uma certa rebeldia, no sentido mais humano da expressão. Que o identificasse com métodos e processos científicos. (p.118,119)

Que seja “ouvindo, perguntando, investigando” é preciso – no processo de ensino e aprendizagem – cuidar dos afetos, da afetividade, da elaboração do pensamento crítico, da consciência. O pensamento é uma musculatura. O projeto do poder hegemônico é destituir os seres humanos de compreensão de mundo, então acaba acontecendo uma opressão que gera a ignorância. Se eles têm o poder, eles têm o domínio da informação, dos veículos de comunicação, das estruturas e diretrizes que amparam leis, currículos, tudo em prol da fabricação de uma, como bem disse Freire (2011): rigidez mental do homem que, massificando-se deixa de assumir postura conscientemente crítica diante da vida. E complementa com as seguintes reflexões:

Excluído da órbita das decisões, cada vez mais adstritas a pequenas minorias, é comandado pelos meios de publicidade, a tal ponto que em nada confia ou acredita se não ouviu no rádio, na televisão, ou se não leu nos jornais. Daí a sua identificação com formas míticas de explicação do seu mundo. Seu comportamento

é o do homem que perde dolorosamente seu endereço. É o homem desenraizado.
(p.120)

Pude perceber no primeiro encontro com os jovens e as jovens da EFA, que não seria fácil fazer um acordo de comprometimento com eles, pois a comunicação via plataforma digital pareceu inibidora. Imaginei que se fossem encontros presenciais, também seria complexo, como toda sala de aula que possui seus diferentes sujeitos e diversidades, mas seria menos. Notei que eram jovens interessados, mas com muita dificuldade em falar. Normal, são novos tempos, novos jeitos de se comunicar, ainda estamos nos adaptando, pensei. O que ficou combinado a princípio foi que nos encontraríamos uma vez por semana, as segundas-feiras à noite no google meet.

Aconteceu em diversas datas e localidades nacionais a Jornada Universitária em Defesa da Reforma Agrária (JURA), que é realizada todo ano no mês de abril em memória do massacre de Eldorado dos Carajás. Excepcionalmente esse ano, por conta da pandemia, as universidades, faculdades, escolas e centros de educação de todo o país se mobilizaram de forma independente para realizar suas ações visando a promoção da agroecologia e da reforma agrária popular no modo remoto. A EFA Jaguaribana usou a JURA como *leitmotiv* para o retorno das atividades, então, um dos objetivos dos encontros da segunda era organizar o que nossa escola apresentaria na jornada.

Um segundo objetivo inicial foi proposto pelo educador de geografia Samuel, que propôs trabalhar com entrevistas semiestruturadas. Nos encontros remotos iniciais da EFA Jaguaribana todos e todas participavam, não havia separação de disciplinas. Fizemos umas dez entrevistas ao longo dos meses. Em meio ao percurso, uma de nossas educadoras, Liana, foi brutalmente assassinada. Uns dias antes, um de nossos educandos, Juninho, havia se comprometido a nos ensinar – Liana e eu – a dançar forró. Foi muito chocante para todos nós, Liana era ativista e geógrafa e para muitos, foi executada como queima de arquivo. Quando isso aconteceu, ficamos algumas semanas sem nos encontrar. Fiquei com medo, fiquei com sensações mistas de impotência e indignação. Quanto sangue não foi derramado nessa luta pela dignidade, bem-viver e sobrevivência dos pobres, também em defesa dessa terra envenenada e sofrida que nos suporta!

Ouvir as vozes desses meninos e meninas e também homens e mulheres durante esses encontros nos aproximou, nos enterneceu e de minha parte, me fez se reconhecer

neles em vários aspectos. O sonho de ajudar os pais a ter uma vida melhor; poder ter uma casa pra chamar de lar, ver os “nossos” prosperando com saúde, dignidade, alegria, sossego, paz de espírito; dar melhores condições pros que virão depois de nós, nossos filhos, filhas, netos, netas e por aí vai...

O professor Samuel começava com as perguntas semiestruturadas e depois abria para todos fazerem suas perguntas ao entrevistado do dia. Eu perguntei a todos eles, sempre: com o que você tem sonhado ultimamente? O que você sonha “pro” futuro? As respostas foram sempre, pra mim, um abraço quente. Lembro de uma vez uma das meninas falar assim: sonho que minha irmã vai ter tudo que eu não pude ter, porque eu vou proporcionar a ela o que meus pais não puderem proporcionar a mim. Um dos meninos falou parecido, o que migrou pra São Paulo em meio a pandemia: vim “pra” cá não por que eu quis, eu queria ficar era aí, mas precisei vim “pra” trabalhar e poder ajudar minha mãe... O sonho de um outro era ter um carro, um carro específico que esqueci o nome. A outra, simplesmente: paz e bem para todos. Essa mesma falou também sobre como na EFA o machismo dos meninos era dizimado porque se falava sobre isso abertamente na tentativa de desconstruir esse sistema, em contrapartida, as meninas debatiam sobre empoderamento feminino.

- Minha mão era muito fina, tenho muita habilidade com as mãos, faço artesanato, sonho em ser tatuadora e na EFA, até pegar na enxada eu aprendi.

Diante dessa fala, a finada professora indagou se desculpando:

- Sei que é preconceito meu, mas como as pessoas do campo te encaram, você assim, com todas essas tatuagens no corpo? Achei que tatuagem só tinha mais na cidade...

A cada encontro íamos nos desnudando, nos desconstruindo e sendo verdadeiros uns com os outros, com doses de generosidade. Em geral, o que se apresentou nessa prática das entrevistas, foi pessoas muito simples, com corações enormes, sonhos “doces” como o de “comprar vacas, ter um terreno e fazer queijo”. Esse que falou isso nos descreveu como é o parto de uma vaca: “não pode forçar muito, se ela não conseguir por força suficiente, o ser humano tem que ajudar”. Estou misturando as vozes porque não importa muito agora quem disse cada coisa, estando ali em comunhão, era como se fizessemos parte de um mesmo organismo vivo. A cada resposta/divagação/depoimento, um universo se abria pra nós, como quando um dos meninos que migrou pra outro estado falou que quando o pai migrou

pela primeira vez anos atrás, levou areia em uma caixa de papelão e despejou essa areia na porta de casa, na outra cidade, pra lembrar do Ceará. Esta ação tem uma força poética e performática que me fez verter lágrimas. Nós que somos migrantes, carregamos simbolicamente nossa terra. Esse pai carregou de forma concreta. Uma vez ouvi, não foi com essas palavras, mas com essa ideia de que, para algo se tornar concreto é porque antes existiu um caminho de muitas abstrações. Imagina o que era a ideia de um avião antes de existir de fato o avião... Vygotsky (2012) observa que:

Para que o arado, que no passado não foi mais do que um simples bocado de madeira com um cabo queimando, se transformasse, a partir deste toco instrumento manual, no que é hoje, após uma série de modificações, descritas em manuais especializados, quem sabe avaliar quanta imaginação foi necessária? (p.25)

Às vezes precisamos voltar a ter a ingenuidade e a força imaginativa de uma criança, daquela do “faz de conta que” ... A criança não finge que é outra coisa, ela simplesmente é. Ouvi muitas vezes nos processos criativos em dança de minha ex-coreógrafa (Lia Rodrigues): estamos em um quintal, brinquem como crianças, sem juízo de valor, sem pretensão, sem expectativa, fiquem inteiros, ativem a presença no agora. Huizinga fala que:

A criança fica literalmente “transportada” de prazer, superando-se a si mesma a tal ponto que quase chega a acreditar que é realmente esta ou aquela coisa, sem contudo perder inteiramente o sentido da “realidade habitual”. Mais do que uma realidade falsa, sua representação é a realização de uma aparência: é “imaginação”, no sentido original do termo. (p.14)

Essa atividade de entrevistas virava um quintal depois que passava o primeiro momento mais pragmático e era aberta a todos. Era um campo semântico repleto de possibilidades. Talvez os educandos não percebessem que estavam produzindo imaginários e que esse ato de imaginar, criar, fabular, pensar, fazer submergir memórias do subterrâneo é uma produção deles, gerada por eles, que ninguém deu, no mínimo nós estimulamos e no máximo é uma criação coletiva.

As noites de segunda, enquanto durou nossos encontros e entrevistas foram verdadeiras aulas! Uma troca enriquecedora. A cada vez fomos ficando mais soltos, todos nós, a frieza do encontro virtual deu lugar à leveza. Eles continuaram sem abrir a câmera, mas já ligavam os microfones, debatiam, davam suas opiniões, faziam suas perguntas, brincavam. Dessa forma despreziosa de encontrar, sinto que fui ganhando a confiança

deles. Em nenhum momento forcei uma barra, o interesse por todos eles e a minha escuta abertíssima para eles, foi do fundo do meu coração. Tanto que senti essa barreira se quebrando entre nós, essa relação educando x educador. Ali, considerei todos nós iguais, entendendo que somos uma rica diversidade. Ali aconteceu um processo de reflexão, de uso das inteligências e de ensino e aprendizagem. Nosso querido Saltini, que está bombando nesta escrevivência, aponta que:

Ao falarmos da inteligência e da aprendizagem, precisamos nos referir também, e sempre, à emoção, às ligações e às inter-relações afetivas. Seria impossível entender o desenvolvimento da inteligência sem um desenvolvimento integrado e convergente cada vez maior de nossos interesses e amores por aquilo que olhamos, tocamos e que nos alimenta a curiosidade. (p.57)

Uma das educandas, a mais velha da turma, que mora no assentamento do Zé Maria do Tomé, uma noite introduziu sua fala dizendo que estava muito grata por podermos estar ali comungando daquela noite. Se estávamos ali é porque estávamos vivos. Só por esse fato, vencemos! Muitos de nós perdeu entes queridos, conhecidos, amigos para a Covid-19. Nós continuamos. E, apesar de toda a dificuldade, entre indas e vindas dos educandos, na ausência ou na presença de cada segunda, não desistimos. Essa educanda é uma força da natureza, em todas as formações, seminários e encontros que tive em comemoração ao centenário do nosso patrono da educação Paulo freire, ela estava. Quero Dadá (apelido que acabo de inventar) “pra” minha vida! Mulher guerreira, mulher do povo, ancorada na educação, no conhecimento, na criticidade e na luta coletiva.

Tem uma educanda que adora futebol e admitiu ser a “bonequeira” da turma. No Ceará, bonequeiro, bonequeira, quem bota boneco é quem dá trabalho, quem apronta, quem faz confusão. Essa criatura bonequeira é muito divertida, tem um sotaque bem forte e trabalha como diarista, chega em casa muito cansada à noite e, às vezes, não consegue acompanhar nossos encontros. Sua internet também é bem ruim

Um dos exemplos bonitos que temos em nossa turma é a do cabra pai de família que voltou a estudar depois de mais velho. Não tão mais velho, que deve ter a minha idade, trinta e poucos. Sua esposa quem o convenceu, pois ele é muito dedicado, esforçado, inteligente. O casal tem duas filhas lindas que, às vezes, apareciam passando lá atrás, nos fundos do nosso campo de visão. A casa deles é repleta de desenhos das crianças colados

nas paredes. Dou boas risadas com esse pai, marido, educando, trabalhador gente fina. Às vezes ele se despede de nós falando seu bom inglês: good bye, galera!

Teve um encontro que foi muito forte “pra” mim. Um dos educandos precisou migrar para São Paulo na tentativa de conseguir um emprego quando a pandemia começou. O auxílio do governo não estava sendo o suficiente em sua casa para suprir as necessidades de sua mãe e seus irmãos. Disse que sua mãe estava exausta, que quando chegava em casa só queria dormir, pois trabalhava muito como faxineira em várias casas diferentes. Nesse momento onde fizemos a reunião no google meet, ela estava de cama, pegou a Covid. O filho em São Paulo estava preocupado. Eu, s outros educandos e educadores se dispuseram a ajudar de alguma forma, caso fosse necessário. É a segunda vez que o jovem está indo morar na terra da garoa. Conseguiu um emprego em uma loja grande de departamento, vende produtos domésticos, roupas, móveis, eletrodomésticos, artigos para bebês. Também chegou a trabalhar com assistência técnica. Após falar um pouco sobre como tava em SP e sobre sua mãe, falou de sua experiência na Escola Família Agrícola.

Nosso jovem migrante falou que antes de entrar para a EFA era bem radical com suas ideias. Era folgado e não fazia nada em casa; era triste, sem vontade, não tinha perseverança. Quando se aproximou da escola, disse que “eu me auto-melhorei”, falando de identidade, percebi meus traços indígenas, que eu sou de descendência indígena”. Começou a perceber seu papel em meio a sociedade, em meio a agricultura, criou consciência...

- Tive mais cuidado com as minhas ações e palavras. Comecei a perceber as árvores floridas. Aprendi a produzir meu próprio alimento, trocar conhecimento com as outras pessoas. Criei uma tesoura diferente pra me auxiliar na agricultura. Gostei de inventar um instrumento novo. Sonho em ensinar o pouco que eu sei. Viver na simplicidade até os últimos dias da minha vida.

Também pra esse mesmo jovem, ele acredita que a educação do campo “gera paixão por aquilo que eles vivem, aquilo que eles fazem, proporciona carinho, conhecimento, auto-suficiência, um futuro viável, uma educação correta”.

- Se somos camponeses, a gente precisa de uma educação pra camponeses. Pena que falta financiamento e a gente não consegue se sustentar sozinho.

E eu pensei:

- É uma pena que você teve que ir embora de sua casa, de seu campo e da escola pra tentar a sorte na selva de pedra...

Mas teve quem ficou (ainda). Tem um que, olhe “pra” isso, é filósofo. Filósofo da vida, do conhecimento empírico. Sua mãe faleceu quando ele era muito jovem. Seu pai não lhe dava muito afeto, mas lhe ensinou a andar de bicicleta. Não tem amigos de infância. É um solitário e por isso tem tanto tempo pra pensar. Morou um tempo em Fortaleza e depois foi passar uns dias na roça, na casa do primo, que lhe falou da EFA Dom Frágoso, que também é no Ceará. Tentou uma vaga lá e não conseguiu, até tomar conhecimento da EFA Jaguaribana. Esse moço nunca tinha trabalhado no roçado, mas apreendeu rapidinho e gostou. Depois que foi morar no interior, passou a observar mais a natureza, as estrelas, o vento, o ar, o tempo. Vivendo a experiência de estudar na EFA Jaguaribana, percebeu que estava falando mais brando e o seu coração estava mais mole. E segundo ele mesmo: - Quando caí na EFA comecei a enxergar; caí às cegas e comecei a enxergar. Começou a prestar atenção aos direitos LGBTQIA+, a luta feminista e ao sistema patriarcal e suas pequenas reproduções em nossos cotidianos. Passou a morar na escola, é como um guardião. Hoje tem as pessoas da comunidade dos Currais como sua família.

- Sou confiável! Essa é minha maior qualidade. Por causa disso ganhei muitas mães, muitos pais, muitos irmãos. Me dou bem com todo mundo, mas sou silencioso. Gosto da eloquência do silêncio. Com gente, aprendi a ser gente! Pessoas são tudo na vida da gente, não dá pra viver sozinho. A nobreza de uma pessoa e ter verdadeiros amigos...

Esse jovem garoto é um velho sábio. Ama filosofia, já quis ser D.J. de eletro-house (eu não sei nem o que é isso), trabalhou na indústria, em uma confecção no corte de roupas; agora pensa em ser psicólogo, doutor. Sua mãe escolheu seu nome por causa de um personagem da novela. Diante de todas as tristezas e solidão por que passou, agora “contempla o caminho”:

– Sim, eu contemplo o caminho. Hoje é dia de viver, hoje é dia de agradecer, hoje eu tô com os pés no chão. Eu não vivo sozinho, eu vivo num paraíso onde existe muita vida. Aqui toda hora é bonito. Meu hobby é caminhada. Nessas caminhadas eu sou iluminado. Caminhar ativa áreas do cérebro. Sinto falta desses momentos de reflexão e oração quando fazíamos as místicas pela manhã na escola.

Na EFA, todos os dias ao amanhecer, quando os educandos estão em seu Tempo-Escola, a primeira atividade é a “mística”. A mística abre os “trabalhos”, pode se dar em forma de oração, música, poesia, dinâmica, jogo. Bogo (2012) nos elucida que:

pela fundamentação filosófica, os movimentos populares compreendem a mística como expressões da cultura, da arte e dos valores como parte constitutiva da experiência edificada na luta pela transformação da realidade social, indo em direção ao *topos*, a parte realizável da utopia. (p.474)

E complementa:

A mística é o ânimo pra enfrentar as dificuldades e sustentar a solidariedade entre aqueles que lutam. A mística não somente ajuda a transformar os ambientes e cenários sociais; acima de tudo impulsiona e provoca por fora e por dentro dos sujeitos, tal qual o fazem as frutas, que, ao crescerem, ganham a massa que lhes dá volume e, ao mesmo tempo, por dentro, abrigam a formação das sementes. (idem, p.476)

A mística não é uma exclusividade da EFA, os movimentos sociais em várias esferas de ação utilizam-se da mística para preparar os ânimos de todos antes de começar qualquer atividade. É uma forma de integração inicial. Em minha defesa de dissertação, provavelmente começarei com uma mística; é o que tenho feito em lugares que venho apresentando trabalhos acadêmicos. As pessoas ficam chocadas no começo, pois é uma quebra de protocolo, mas depois a aderência é total, quando entendem que estou incorporando a experiência que estou vivendo junto aos movimentos. Isso aqui não é só uma pesquisa que vai findar, é um projeto de vida que vai dar continuidade enquanto eu tiver forças. Estou fortemente envolvido com esses meninos, meninas homens e mulheres do campo. Não só com os educandos e educandas, mas também com toda a equipe pedagógica: a coordenação, o corpo docente, o pessoal da comunicação (liderado por meu amigo Allison que pau pra toda obra), os colabores e agregados. Tódes unides em busca do “inédito viável”. Avante, companheiras e companheiros!



Figura 11 Jogo dos Bichos no XIV Estágio Interdisciplinar de Vivência (EIV). Viçosa (MG)
 Fonte: Foto de Catula (2009)

6. BRINCAR

“A vida deve ser vivida como jogo, jogando certos jogos, fazendo sacrifícios, cantando e dançando, e assim o homem poderá conquistar o favor dos deuses e defender-se de seus inimigos, triunfando no combate” (Huizinga)

O “Portfólio Afetivo do Sertão” é um jogo. Desde criança sempre gostei de aprender brincando, às vezes sem me dar conta, quando via, estava fazendo alguma reflexão, observação diante daquilo que era apenas uma “brincadeira”. Quando comecei a fazer teatro aos nove anos, então, senti-me autorizado a ser o que eu quisesse ser, imaginando modos diferentes de andar, olhar, falar e até sentir. Fazer teatro para mim era “colocar-se no lugar do outro”. Hoje em dia tem muitas peças que são autobiográficas, ou então que o performer/ator não cria personas diferentes de si, ele atua como ele mesmo, sem artifícios, sem efeitos. Mesmo assim, para se estar numa partilha de teatro é preciso primeiramente de um acordo entre artistas e público. Independente da estética, da forma, do tamanho, do realismo, do surrealismo, etc, à priori é sabido que o espaço do teatro é um lugar de fabulação. Por uma hora ou algumas horas as pessoas estarão vivenciando um mesmo

espaço/tempo. É um jogo. Eu falo, vocês escutam, eu vejo, vocês veem, eu finjo, vocês acreditam ou simplesmente, vamos falar sobre algo juntos enquanto durar esse acontecimento.

Todo jogo ou brincadeira tem sua própria ética e seus próprios princípios. Huizinga (2000), fala do jogo na perspectiva de “forma significante” e como função social. E faz a seguinte consideração:

Se verificarmos que o jogo se baseia na manipulação de certas imagens, numa certa “imaginação” da realidade (ou seja, a transformação desta em imagem), nossa preocupação fundamental será, então, captar o valor e o significado dessa imagem e dessa “imaginação”. Observaremos a ação destas no próprio jogo, procurando assim compreendê-lo como fator cultural da vida. (p.7)

Os animais brincam, jogam entre si. Atacam, correm, lutam, derrubam, roubam, produzem endorfina. O jogo e a brincadeira não é domínio do humano. Não podemos esquecer também que o ser humano é um animal. Claro que, sendo dotado de inteligência e razão, o brincar e o jogar do ser humano é mais sofisticado, complexo, mas, os princípios primordiais são os mesmos em qualquer jogo ou brincadeira. Em relação ao desenvolvimento humano quando criança, descobrindo coisas, palavras, funções, fazendo associações, compreendendo o mundo, Huizinga comenta:

Na criação da fala e da linguagem, brincando com essa maravilhosa faculdade de designar, é como se o espírito tivesse constantemente saltando entre a matéria e as coisas pensadas. Por detrás de toda expressão abstrata se oculta uma metáfora, e toda metáfora é jogo de palavras. Assim, ao dar expressão à vida, o homem cria um outro mundo, um mundo poético, ao lado do da natureza. (p.7)

Ao pensar o Portfólio Afetivo do Sertão, que poderia também ter essa grafia: SERTÃO, com o sentido do ser mais, ser muito, meu desejo principal era que os educandos pudessem acessar matérias que os fizessem refletir sobre si mesmo, sobre o que são, o que querem ser, o que sonham, como enxergam a realidade e a partir disso, criar outras conexões com as coisas e pessoas que estão ao seu redor, abrir um campo semântico novo. Para Ostrower (1987):

Criar é, basicamente, formar. É poder dar uma forma a algo novo. Em qualquer que seja o campo da atividade, trata-se, nesse ‘novo’, de novas coerências que se estabelecem para a mente humana, fenômenos relacionados de modo novo e compreendidos em termos novos. O ato criador abrange, portanto, capacidade de compreender; e esta, por sua vez, a de relacionar, ordenar, configurar, significar. (p.9)

Preparei um jogo com 20 tarefas, que preferi chamar de “quefazeres” por simpatia à palavra e pra poder tirar o peso do sentido da palavra “tarefa”, que a gente já escutou tanto na escola. São quefazeres que convidam os “jogadores” a mergulhar em sua própria intimidade, assim como é um convite a brincar, criar seus próprios discursos poéticos. Em uma caixa de papelão, que lembra essas caixas de jogo de tabuleiro, fiz um kit contendo: uma carta-convite explicando o que é esse material e convocando os educandos a embarcar nessa ação; um bloco de 67 páginas afixadas por um clipe grande contendo os 20 quefazeres e explicações/referências sobre cada um; uma caixa de lápis de cor, um estojo de canetinhas coloridas, um lápis, uma borracha e uma caneta esferográfica; dois fanzines produzidos por mim, chamado “A PORTA”. Minha mãe ajudou a comprar os materiais no centro da cidade, imprimimos os blocos na gráfica, minha mãe enumerou cada bloco a mão e organizamos as 17 caixas.

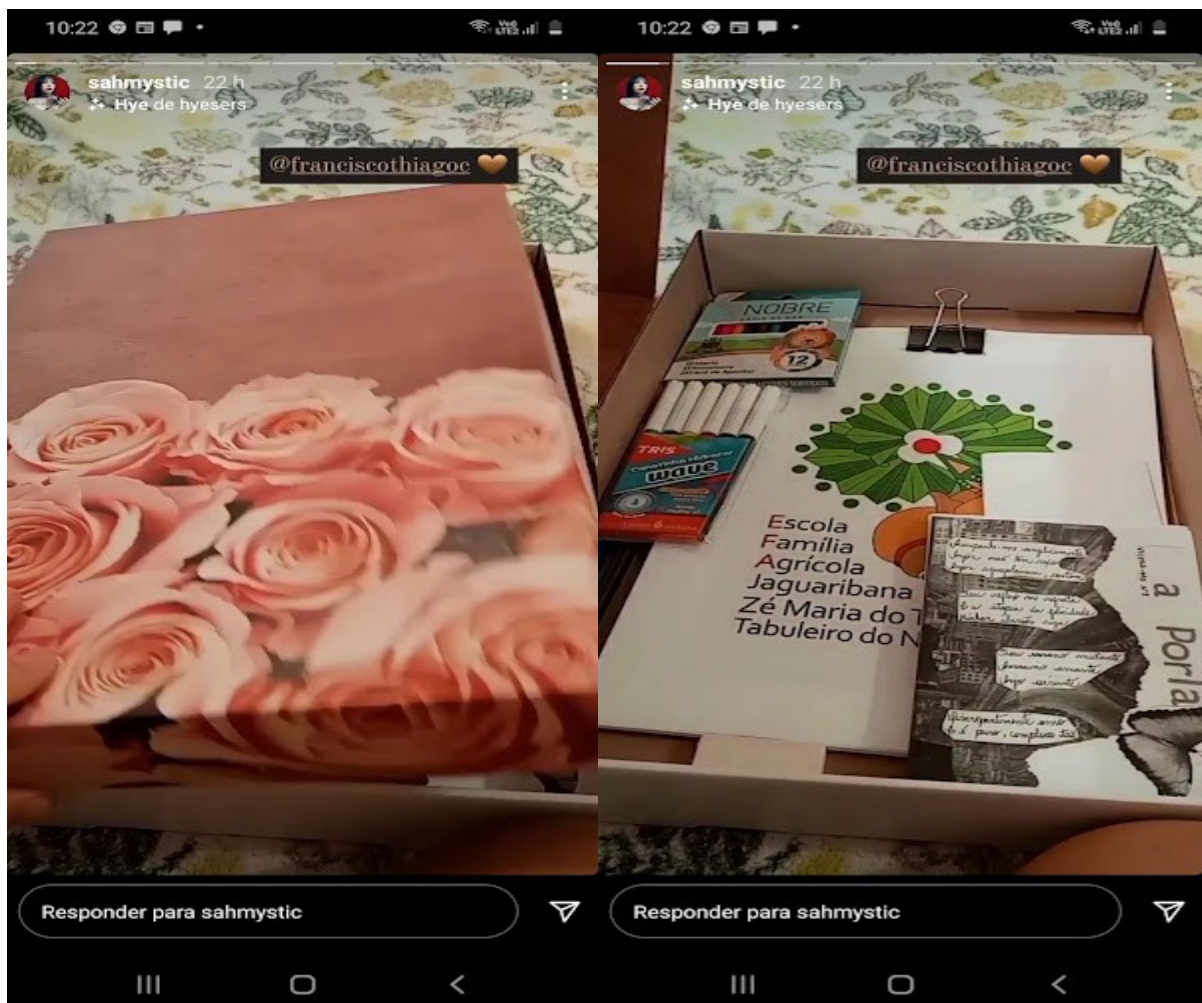


Figura 12 Jogos A PORTA (nº1 e nº2) de autoria minha (Francisco Thiago).

Fonte: Samara Mística (2021).

Cada jogo contém um kit com: bloco de quefazeres (67 páginas), estojo de canetinha, caixinha pequena de lápis de cor, um lápis comum, uma caneta esferográfica, uma borracha, uma carta-convite e dois fanzines intitulados A PORTA (nº1 e nº2) de autoria minha (Francisco Thiago)



Figura 13 Minha mãe enumerando os Portfólios

Vou falar sobre cada quefazer, mas antes, compartilho aqui a carta-convite que entreguei para cada educando jogador:

UM CONVITE

Sou Francisco Thiago, tenho nome duplo. Algumas pessoas me chamam de Chico, outras de Francisco e outras de Thiago. Sou da cidade de Fortaleza, nasci em 1984, tenho agora 36 anos, quase 37. Quando eu tinha nove anos de idade, eu estudava em um colégio católico chamado Colégio Santa Maria Goretti. Eu era muito tímido, gostava de ler, escrever. A professora de teatro percebeu minhas habilidades com as palavras e me convidou para seu grupo amador de teatro. Era um grupo que misturava as linguagens do teatro e da dança. Com essa professora, diretora, aprendi muitas coisas, fui crescendo com um olhar mais sensível para o mundo, para as pessoas. Fui fazendo muitos cursos e aulas de diversas linguagens que envolviam a arte e o corpo. Iniciei uma graduação em Artes Cênicas no Instituto Federal do Ceará e uma em Letras na Universidade Federal do Ceará, porém, larguei as duas e aos 21 anos mudei para o interior de Minas, onde formei em Dança pela Universidade

Federal de Viçosa. Morei cinco anos em Minas; conheci e me aproximei dos movimentos sociais, do MST, da Escola Família Agrícola, da agroecologia, da agricultura familiar, das representatividades quilombolas. Mudei para a cidade do Rio de Janeiro, onde fui trabalhar com uma das coreógrafas mais importantes do Brasil, Lia Rodrigues. Com a companhia de Lia, durante 7 anos, tive a oportunidade de excursionar por diversos países, atuando nos principais festivais e mostras de artes cênicas da Europa, do Canadá, do Japão e do Brasil. Depois que encerrei essa trajetória com Lia, e também enquanto fazia projetos pessoais em paralelo, resolvi voltar para a academia entrando no programa de pós-graduação em Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, na linha de pesquisa Inclusão, Ética e Interculturalidade. Orientado pela professora doutora Maria Vitória Campos Mamede Maia, e amparado pelo grupo Criar e Brincar – LUPEA (o Lúdico no Processo de Ensino e Aprendizagem), comecei a desenvolver o projeto PORTFÓLIO AFETIVO DO SERTÃO, onde a ideia principal é aplicar um jogo de quefazeres (tarefas) na Escola Família Agrícola para que possamos observar como esse material pedagógico que reúne atividades artísticas, criativas e lúdicas pode contribuir no processo educativo das escolas do/no campo. Sobretudo, queremos que esse jogo seja uma diversão. São 20 proposições, algumas mais simples outras mais complexas de fazer. Não precisam fazer na ordem sugerida, podem começar pelas tarefas que tiverem mais facilidade. Não existe certo nem errado. Queremos conhecer um pouco de vocês pelo avesso. As artes tem essa qualidade e potência, são reflexos de nossa alma e de nossos sentimentos. Espero que gostem, que brinquem e que reflitam sobre essa dádiva divina que é estar vivo. Como diz a companheira Adelita, sigamos firmes com o sangue quente, a mente fria e o coração revolucionário.

Como se pode observar, é um convite amoroso, onde deixo explícito que não existe certo ou errado e que a feitura dos quefazeres é pra ser feita de forma lúdica, divertida, mesmo percebendo que ao aproximar-se dos quefazeres, alguns convocarão ao mergulho interno, a introspecção, a reflexão. Vou compartilhar abaixo cada quefazer⁴ e descrever a natureza de cada um; depois conto como foi chegar a Tabuleiro do Norte com esses jogos. Antes, faço uma apresentação breve (contida no jogo) deste instrumento de trabalho:

O material que segue é um jogo de quefazeres (tarefas) promovendo o autoconhecimento, o estímulo a criatividade, a socialização e a amorosidade em casa, na comunidade, na escola. Não é um jogo competitivo, não tem pontuação nem prêmio. É um jogo que afeta e é afetivo. A partir dele podemos sentir alegria, tristeza, saudade, amor, raiva, melancolia, dor; também pode despertar e colaborar para que sejamos mais cuidadosos com nós mesmos e com o outro, nosso semelhante. O principal objetivo desse jogo é promover a expressividade, a diversão e a

⁴Destacarei os quefazeres em negrito; somente os enunciados das tarefas. Ao final da dissertação está anexado o jogo de forma sequenciada tal qual ele é, com imagens e exemplos.

sensibilidade. Não tem certo e não tem errado. As linguagens artísticas, a música, o audiovisual, o teatro, a dança, a literatura, as artes visuais, têm o espírito livre, são o reflexo de nossa alma, o modo como ressignificamos e lemos o mundo por um viés mais lúdico e poético. Como disse a escritora e poetisa Cecília Meireles: “a vida só é possível reinventada”. Esse jogo é um convite para reinventarmos mundos possíveis. Convidamos vocês a olhar a vida por essa perspectiva da arte e da criatividade para que possamos refletir sobre nossa realidade e nossas possibilidades de ação e transformação no mundo. “O mundo não é, o mundo está sendo”, sugeriu Paulo Freire.

Como podemos ser sujeitos que agem sobre e com o mundo, sobre o que está ao nosso alcance, ao nosso redor?

Esse jogo é individual; todas os quefazerem serão colecionados em um portfólio. Alguns quefazerem (podcast, fotografia digital, audiovisual) serão compartilhados pelo whatsapp, e-mail ou hospedadas no youtube.

Outros quefazerem sugerem a participação de outras pessoas que possam colaborar com você: sua mãe, irmão, alguém que more com você, um vizinho, uma amiga. No contexto pandêmico convide somente quem está em seu convívio. Se estiver isolado sozinho, adapte os quefazerem de modo que os faça sozinho. Sem pandemia, convoque quantas pessoas quiser.

Mesmo se encontrar alguma limitação para executar algum quefazer, procure não abandoná-lo. Faça do jeito que puder e conseguir. Nenhuma regra ou enunciado desse jogo é fixa.

Sobretudo: divirtam-se.

Obs.: QUEFAZER é a mesma coisa que TAREFA. QUEFAZERES=TAREFAS. Para não ter o ‘peso’ de uma tarefa, vamos fazer o que tem pra ser feito e o que podemos... com desejo e alegria.

SAÚDE E SORTE.

Após essa explicação apresento os quefazerem de modo sequenciado.

O quefazer 1 é um “questionário afetivo” com 27 itens, começa com perguntas básicas sobre cada pessoa (nome, idade, com quem mora, onde nasceu) e depois se desdobra em perguntas que são como aqueles disparates da época de adolescência onde escrevemos sobre nossas preferências de música, filme, artista, uma frase que te descreve, os livros que gosta, o maior sonho, cor favorita e coisas mais íntimas também como:

- Você tem medo de quê?

- Qual foi a maior decepção da sua vida até agora?

- Se pudesse escolher algum jeito de morrer, como seria?

Após as perguntas, tem um segundo momento que é a criação de um texto onde o protagonista é a própria pessoa. Peço que conte uma narrativa de sua vida, qualquer coisa, para que possamos conhecê-la melhor. O objetivo do quefazer 1 é conhecer o sujeito-jogador, saber suas preferências, suas particularidades e também, entender seu modo de escrita, observando suas capacidades e dificuldades, coerência e coesão.

1. QUESTIONÁRIO AFETIVO

Responder por escrito.

Materiais utilizados: papel e caneta

Nome:

Data de nascimento:

Nome dos pais:

Tem irmãos? Nomes e idade:

Cidade onde nasceu e cidade onde mora:

Quem mora com você?

Qual a sua cor favorita?

Uma música:

Um cantor:

Uma cantora:

Uma banda musical:

O filme da sua vida, o preferido:

Um artista:

Uma frase que melhor te denomina:

Gosta de ler? Quais livros já leu? Qual foi o que mais gostou?

Qual o seu maior sonho?

Qual foi sua maior decepção na vida até agora?

Você tem medo de quê?

Tem algum sonho recorrente? Descreva-o.

Se pudesse escolher algum jeito de morrer, como seria?

Se pudesse convidar qualquer pessoa do mundo inteiro pra jantar, quem seria?

O que mudaria em você, tanto em sua personalidade como em seu corpo? Ou não mudaria nada?

Qual sua maior qualidade e maior defeito?

O que você gosta de comer que mais te dar prazer?

Qual a sua relação com Deus? Tem alguma religião, crença?

Qual a sua relação com a natureza?

Em cinco linhas descreva como seria o melhor mundo possível pra você.

Crie um texto em uma página onde o protagonista é você. Conte uma narrativa de sua vida, qualquer coisa que quiser. Pode ser um sonho, uma coisa que aconteceu em sua casa, com sua família... Quem ler esse texto vai te conhecer um pouquinho melhor.

O que fazer 2 é sobre desenho. Peço para que se produza dois desenhos. Um desenho de uma paisagem que contempla a sua frente e outro desenho da sensação que tem ao contemplar a paisagem. Um desenho é concreto (o que vê), o outro abstrato (o que sente). O objetivo é introduzir os conceitos de concreto e abstrato, além de produção de expressividade e subjetividade.

2. DOIS DESENHOS

Materiais utilizados: papel, caneta, lápis de cor, canetinha.

Vá a um lugar próximo de sua casa, pode ser o quintal, um terreno próximo, um lugar onde seja aberto e você possa ficar sozinho. Vá protegido, com máscara por causa da covid. Vá sozinho. Leve folhas em branco, lápis, caneta, material para desenho. Se possível leve um banco ou um pano onde possa sentar-se. Escolha um lugar especial, contemple esse lugar, a paisagem. Escute o silêncio. Olhe pra tudo. Faça dois desenhos. Um desenho do que você está sentindo nesse momento de contemplação e um outro desenho da paisagem que você vê.

O que fazer 3 é sobre conto e crônica. Apresento os conceitos desses dois tipos de texto e exemplifico com um conto da Clarice Lispector, Felicidade Clandestina e uma crônica da Cecília Meirelles, O fim do mundo, também apresento duas pequenas biografias das autoras. O objetivo é que se crie uma crônica ou um conto baseando-se na fotografia escolhida.

3. CONTO OU CRÔNICA

Materiais: fotografia, papel e caneta.

Escolha uma fotografia que tenha em sua casa; sua ou de uma paisagem ou da família, tanto faz. Crie uma ficção, um conto ou crônica baseada nesta fotografia.

Invente uma história a partir do que a imagem te suscita. O texto tem que ter no mínimo 15 linhas.

O quefazer 4 é sobre performance. Conceituo performance, dou exemplos simples de ação performática e partilho 17 propostas de performances listadas pela pesquisadora Eleonora Fabião. O que proponho é que os jogadores pensem em uma ideia de performance, criem um título, produzam uma foto que seria o cartaz de divulgação da performance e a descreva em quatro linhas. Para facilitar o entendimento, exemplifico com cinco registros de performance. O objetivo é apresentar a performance sob a ótica das artes e estimular a criação de performances que sejam discursos poéticos que dialogam com a realidade de cada um.

4. PERFORMANCE

Materiais utilizados: objetos que tiverem na casa de cada um, câmera do celular ou máquina fotográfica digital

Se você fosse fazer uma performance utilizando qualquer material que você possui em casa, o que faria? Que tema abordaria? Crie um nome pra sua performance e produza uma fotografia como se fosse o cartaz de divulgação de sua performance. Crie também um textinho de 4 linhas sobre. Mande a foto para meu whatsapp com seu nome de artista, o título da performance e a foto do cartaz.

O quefazer 5 é sobre poema/poesia. Faço uma breve descrição do que seria poema e poesia e exemplifico com um poema de Cecília Meirelles, "Motivo", um poema de Carlos Drummond de Andrade, "Negra", uma poesia de Conceição Evaristo, "De mãe", sobre sua mãe e uma poesia biográfica de Sávio Oliveira, "Poesia biográfica: Conceição Evaristo". A atividade é criar uma poesia para sua mãe, caso não tenha mãe, criar para alguém que a represente. O objetivo é produzir uma poesia e compreender como se constrói essa linguagem que não é a nossa usual.

5. POEMA/POESIA

Materiais utilizados: papel e caneta

Crie uma poesia para sua mãe. Se você não tiver mãe, crie uma poesia como se ela existisse ou para alguém que a representa.

O quefazer 6 é sobre ficção científica. Conceitue o que é como gênero literário e audiovisual; dou exemplos de filmes; diferencio ficção científica de fantasia. As tarefas são as seguintes: criar um rascunho de uma pequena ficção-científica com personagens e situações; desenhar os personagens e caracterizá-los; criar diálogos entre os personagens. O objetivo é estimular a imaginação e a capacidade de criar mundos possíveis.

6. FICÇÃO CIENTÍFICA

Materiais utilizados: papel e caneta

Crie um rascunho de uma pequena ficção-científica com personagens, situação, conflitos. Invente um novo planeta, um novo mundo. Dê nomes e personalidades aos seus personagens (no mínimo dois personagens e no máximo quantos você quiser). Desenhe seus personagens e escreva sobre eles explicitando qual a função de cada um na história: quem é o principal, quem é o vilão, quais problemas terão que resolver, o mundo está em perigo ou a humanidade, onde vivem, o que comem, quais transportes utilizam, o que dá força para esses personagens e o que atrapalha? Enfim, a história é toda sua. Uma vez que fez esse levantamento principal, escreva um diálogo entre esses personagens. Pode fazer o desenho desse diálogo ou simplesmente escrever.

O quefazer 7 se ambienta no Teatro de Animação ou Teatro de Formas Animadas. Faça uma breve definição do que seria e compartilhe um link de um vídeo que é uma curta animação chamada “O menino balão”, além de compartilhar o roteiro da animação, de minha autoria, orientado por atrizes do grupo mineiro Pigmaleão Escultura que Mexe. “O menino balão” é sobre uma criança que sofre bullying por ser deficiente físico. Peço no quefazer para que os jogadores falem o que sentiram, entenderam e absorveram ao assistir o vídeo. Também pergunto se os jogadores já sofreram algum tipo de preconceito ou exclusão. As outras atividades do quefazer 7 são: criar um roteiro e uma animação com objetos inanimados, materiais reciclados. Peço enfim, para que disponibilizem a animação no whatsapp ou no youtube. Os objetivos desse quefazer são: apreciação de uma obra,

reflexão a partir dela sobre os temas do preconceito e da exclusão, criação de um roteiro e uma animação autoral.

7. TEATRO DE ANIMAÇÃO OU TEATRO DE FORMAS ANIMADAS

Materiais utilizados: câmera do celular ou máquina fotográfica digital, objetos recolhidos na casa de cada um, papel e caneta

Escreva suas percepções a partir da apreciação do curta de animação O MENINO BALÃO. O que entendeu da história, quais as mensagens/temas debatidos, como é sua relação com o bullying. Já sofreu algum tipo de preconceito ou exclusão?

Crie um roteiro. A partir de materiais reciclados (ou não), objetos inanimados, etc, filme seu próprio curta de animação. Disponibilize-o para mim no whatsapp ou no youtube.

O quefazer 8 é sobre encenação e dialoga com o quefazer 6 (ficção científica). O pedido é para que se crie uma encenação (representação) do diálogo criado no quefazer 6. Para isso, o jogador terá que convidar alguém de casa ou alguém próximo para compor a encenação junto com ele. O jogador e seu cúmplice criam essa cena, compõem o cenário, figurino, movimentação, etc, filmam com a câmera do celular e compartilham no whatsapp comigo ou no youtube. Ao final da encenação também responde a perguntas analisando essa experiência. Objetivos: criação de uma encenação contemplando todas as problematizações de uma composição; estimular a argumentação e a criação a dois.

8. ENCENAÇÃO

Materiais utilizados: objetos de casa, roupas, câmera do celular, texto do diálogo da tarefa 6.

A partir do diálogo que você criou no quefazer 6 (ficção científica), bole uma encenação para ele.

Convide alguém da sua casa para contracenar com você. Escolha figurino, cenário, objetos de cena, trilha, use sua imaginação. Decore as falas, ensaie. Filme. Peça para alguém filmar ou deixe a câmera parada em algum apoio. Disponibilize a filmagem da cena para mim no whatsapp ou no youtube.

PARA VOCÊ E A PESSOA QUE CONTRACENAR COM VOCÊ RESPONDEREM DEPOIS DA EXPERIÊNCIA:

1. Como foi a experiência de criar e atuar para a câmera?
2. Quais as dificuldades e facilidades de executar essa tarefa?
3. Faça uma autoanálise sobre sua atuação como ator ou atriz.

O que fazer 9 é sobre música. O jogador escolhe uma música que gosta muito e pede para que alguém cante para ele. O jogador também canta para esse alguém. Grava as duas versões no gravador de áudio do celular. Compartilha pelo whatsapp, escreve a letra da música no portfólio e nos conta porque ela é especial.

9. MÚSICA

Materiais utilizados: celular (câmera ou gravador de áudio)

Escolha uma música que você gosta muito. Peça pra alguém que você também gosta para cantar para você, se ela não souber, ensine-a. Filme isso ou grave um áudio. Você também vai cantar para essa pessoa. Também filme isso ou grave um áudio

Escreva a letra da música num papel e conte por que ela é especial pra você.

Compartilhe a filmagem ou o áudio comigo no whatsapp.

O que fazer 10 é sobre narração O jogador vai pedir para alguém da sua casa ou alguém próximo lhe contar alguma história qualquer. Vai gravar essa narrativa e depois, com suas próprias palavras irá contar a mesma história, gravando-a também. O que fazer também contempla a fotografia. O jogador vai tirar uma foto do que represente a história narrada e a nomeia. Os áudios das narrações são compartilhados comigo pelo whatsapp. Os objetivos são trabalhar com história oral, memória e articulação de uma narrativa.

10. NARRAÇÃO

Material utilizado: celular (gravador de áudio)

Peça pra alguém da sua casa lhe contar uma história real que aconteceu com ela ou com alguém conhecido. Um fato que tenha sido curioso ou interessante, diferente. Peça a permissão e grave um áudio dessa pessoa.

Em um outro áudio, reproduza a história com suas próprias palavras. Compartilhe comigo no whatsapp. Tire uma foto que representaria essa história. Também compartilhe comigo. Dê um nome pra essa história.

O quefazer 11 flerta com as artes visuais, é sobre colagem. Os jogadores vão criar com revistas velhas, jornais, etc, uma colagem que represente uma memória forte da infância, boa ou ruim. Além das revistas e jornais, serão utilizados papéis, cola e tesoura. Objetivos: partindo de uma memória e um afeto, criar uma colagem; estabelecer vínculo afetivo com a imagem.

11. COLAGEM

Materiais utilizados: papel, cola, tesoura, revistas velhas, jornais, etc.

Lembre-se de uma memória forte da infância, boa ou ruim. Com revistas velhas, jornais, qualquer mídia impressa, faça uma colagem de imagens que remetam a essa memória.

O quefazer 12 intitulei Entrevista Afetiva. Os jogadores “darão” uma de repórter e vão elaborar perguntas que sejam da natureza da intimidade, da curiosidade. Farão a entrevista com um amigo ou colega ou parente E reportá-la no portfólio. Objetivos: ativar a criatividade e a curiosidade em relação ao outro; criar um campo simbólico advindo de questões íntimas.

12. ENTREVISTA AFETIVA

Materiais utilizados: papel e caneta

Elabore dez perguntas que sejam da natureza da intimidade, da curiosidade. Com essas perguntas, faça uma entrevista com seu melhor amigo ou melhor amiga ou algum colega da escola. Ele ou ela responde e você escreve as respostas abaixo das perguntas.

PENSE BEM ANTES DE ELABORAR AS PERGUNTAS. PODEM SER COISAS CURTAS E SIMPLES, MAS TAMBÉM COISAS MAIS COMPLEXAS E PROFUNDAS.

O quefazer 13 é sobre dança. Conceituo de forma simples a dança, suas características basais e seus vários estilos. O quefazer é o jogador criar uma pequena coreografia e filmá-la. Pode ser sozinho ou acompanhado. Também vai falar sobre três

estilos de dança que mais lhe chamam a atenção e por quê. Objetivos: trabalhar a expressão corporal, o ritmo, a criação, as diferentes qualidades dos movimentos, noção de tempo e espaço.

13. DANÇA

Materiais utilizados: câmera do celular, alguma mídia que toque música, papel, caneta.

Pesquise estilos diferentes de dança. Descreva em poucas palavras três que mais te chamaram atenção e por que. Escolha apenas um estilo de dança, do jeito que você quiser, reproduza esse estilo. Escolha uma música, prepare uma coreografia, faça sozinho ou chame alguém da sua casa ou um amigo ou amiga para fazer com você. Filme essa dança (na sala de casa, no quintal, onde quiser). Compartilhe comigo no whatsapp.

OBSERVAÇÃO IMPORTANTE: Crie sua própria coreografia, não imite coreografias que já existem, mas pode misturar os passos que quiser.

O quefazer 14 é sobre teatro e audiovisual. Compartilho recortes de cenas encenadas pelo Grupo Galpão, conhecido grupo de teatro mineiro e o histórico do grupo. O quefazer consiste em escolher um dos trechos, que são monólogos, e encená-lo para a câmera. Feito isso, fazer um depoimento também para a câmera sobre essa experiência. Compartilhar no whatsapp ou youtube. Será utilizado câmera de celular. Aqui o figurino, cenário, não são importantes, o importante é o texto e a interpretação dele. Objetivo: elaborar uma atuação para a câmera, provocar a auto-imagem, estimular a interpretação, o entendimento dos textos e a análise crítica da composição.

14. TEATRO

Materiais utilizados: textos, câmera do celular

Escolha um dos monólogos. Decore-o. Filme a sua versão para a câmera em close. Aqui o principal é o texto e o jeito que você vai escolher para falá-lo. O figurino pode ser uma roupa neutra (sem estampa, sem informações). Ex: uma camiseta de uma cor só.

Faça um outro vídeo falando sobre essa experiência de fazer um monólogo, como foi pra você e o que apreendeu do texto, da personagem.

O quefazer 15 é sobre fanzine. Como o fanzine é pouco conhecido, disponibilizei dois no kit, a caixa do jogo. Conceituo que é fanzine e convoco ao quefazer, é cada jogador criar o seu próprio fanzine. Objetivos: apresentar a linguagem do fanzine e seu *modus operandi*; incentivar a autonomia na confecção artesanal de uma obra ou produto.

15. FANZINE

Materiais utilizados: papel, tesoura, cola, revistas, jornais, canetinha, etc.

CRIE SEU PRÓPRIO FANZINE.

Escolha um tema que seja pertinente, que possa provocar algum tipo de mudança em seu entorno, que fale sobre humanidade, sentimentos, questões política, ambientais, artísticas. O tema é livre, mas não pode ser algo banal, sem importância.

O quefazer 16 é sobre tirinhas em quadrinhos. Partilho tirinhas como exemplo da Mafalda, do Chico Bento, da Laerte e do Xaxado e peço para que os jogadores criem sua própria tirinha sobre questões do cotidiano, de comportamento ou questões políticas. Uma tirinha com começo, meio e fim. Objetivo: estimular a criação multimídia (visual e textual).

16. TIRINHAS EM QUADRINHOS

Materiais utilizados: papel, caneta, lápis de cor, canetinha.

Baseado em tirinhas em quadrinhos como MAFALDA (Quino), Turma da Mônica (Maurício de Souza), tirinhas da Laerte, do André Dahmer, entre outros, crie sua própria tirinha e seus próprios personagens. Pode ser pequena ou grande, sobre questões do cotidiano, de comportamento ou questões políticas, a escolha é livre, mas tem que ter começo, meio e fim.

O quefazer 17 envolve elementos da natureza e é sobre colagem, artes visuais. Com elementos orgânicos recolhidos na natureza, no quintal, ao redor de casa, o jogador criará

um quadro sob papel e dará um nome a ele. Objetivo: reciclar a partir de resíduos orgânicos e ressignificá-los com criação visual.

17. ELEMENTOS DA NATUREZA

Materiais utilizados: papel, cola, matérias orgânicas

Colha ao redor de sua casa, matérias orgânicas (folhas, sementes, pedrinhas, etc). Em um papel, crie um 'quadro' com os materiais que você recolheu. Também pode usar matérias orgânicas que tem na sua casa como alimentos crus (arroz, feijão, cascas de ovo, legumes, frutas, algodão). A partir da sua criação, obra, observe-a e dê um nome para ela.

O quefazer 18 é sobre arte engajada e política. Compartilho um artigo do Edson Vander sobre o tema e várias imagens sobre manifestações artísticas engajadas. O quefazer é o jogador escolher qualquer linguagem artística que esteve presente no jogo (desenho, música, dança, etc) e criar um discurso artístico que combata, denuncie, problematize questões políticas e/ou existenciais. Por fim o jogador vai compartilhar o que criou (por escrito, em vídeo, fotografia). Objetivo: problematizar questões atuais no âmbito sociopolítico utilizando as linguagens artísticas como veículo.

18. ARTE ENGAJADA E POLÍTICA

A arte engajada se manifesta de diferentes formas. Não se restringe à música. Podemos encontrar a arte engajada na dança, no teatro, nas artes visuais, no cinema, na literatura, nos quadrinhos, entre outras. Escolha um tema atual que lhe mobiliza de alguma forma. Questões como machismo, homofobia, racismo, misoginia, exclusão social, exploração infantil, desmatamento irregular, etc.

Refleta sobre essa questão e partir disso crie algum discurso artístico que combata, denuncie, problematize. Pode ser um texto, uma música, uma dança, um desenho, um curta de animação, qualquer manifestação a partir das linguagens contidas nesse jogo de tarefas.

Partilhe o que você criou em vídeo ou foto ou por escrito, a depender da linguagem escolhida.

No quefazer 19 apresento o Teatro do Oprimido criado por Augusto Boal. Faço breves apresentações sobre o diretor, auto, sobre o Teatro do Oprimido e sobre o Teatro Jornal. O quefazer trata de criar uma peça curta a partir de notícias atuais da internet ou da TV, algo que reflita nossa realidade. Para partilhar o quefazer, o jogador vai convidar quem quiser para participar da peça e filmar. Depois filmará um segundo vídeo que é um debate dos participantes da peça sobre a própria peça e o tema escolhido. Objetivo: difundir a estética criada por Boal e praticá-la.

19. TEATRO DO OPRIMIDO

Material utilizado: câmera de celular, textos.

CRIE uma peça curta a partir de notícias atuais da internet ou da TV. Não escolha um tema banal, mas algo que possamos observar e refletir acerca de nossa realidade. Utilize alguma dessas ideias que citamos sobre o Teatro Jornal criado por Augusto Boal. Convoque sua família para participar, ou amigos próximos. Todos protegidos contra a Covid.

Filme dois momentos:

1. A peça curta com seus convidados e convidadas (pode ser um monólogo, diálogo ou uma situação com mais pessoas, a sua escolha). (De 3 a 10 minutos).
2. Um debate promovido por você sobre essa experiência. Cada pessoa fala seu ponto de vista, o que gostou mais, sobre o tema, etc. Se você fizer sozinho, fale para a câmera sobre sua experiência. (Mais ou menos 5 minutos).

O último quefazer, 20, é um questionário final sobre a experiência vivida a partir desse jogo de quefazeres e seus desdobramentos, também incito questões que levem a reflexão da arte como ferramenta pedagógica, lúdica e criativa. O objetivo principal desse quefazer é fazer uma análise geral do jogo e auto-análise do jogador.

20. QUESTIONÁRIO FINAL SOBRE OS QUEFAZERES, A EXPERIÊNCIA e mais algumas curiosidades

1. De todas as coisas que você fez, o que mais gostou? O que menos gostou? Por quê?
2. Para você, qual a função da arte na vida das pessoas?
3. Como você era antes dessa experiência e como você é agora? Sentiu algo diferente? Se sim, o quê?
4. O que você faria se fosse presidente da república?
5. Como é a escola ideal pra você?
6. Você se acha criativo? Qual foi a coisa que você pensou ou inventou ou criou que você considera mais criativa de todas?
7. Para você, a arte “salva”? Se sim, por quê? Se não, por quê?
8. Se fosse possível que tipo de obra artística você faria para atingir o máximo de pessoas possíveis com o intuito de mudar o mundo?
9. Fazer essas tarefas te deixou em que estado de espírito? Explique por quê.
10. Você é feliz? O que te faz feliz? O que te deixa triste?
11. Como você desejaria envelhecer? Como se imagina daqui a cinquenta anos?
12. Escreva uma mensagem de esperança e amor pra pessoa que você mais ama no mundo.

O jogo de quefazeres termina com esse pedido:

Escreva uma mensagem de esperança e amor “pra” pessoa que você mais ama no mundo.

Vou fazer um adendo antes de continuar escrevendo eu mesmo essa mensagem, visto que esses escritos que partilho é uma escrevivência e a considero como meu próprio portfólio afetivo:

Quando deixarmos a vida humana na terra, sentirei muita saudade do seu cheiro, da sua risada doce. Devo ter te maltratado muito com minha falta de paciência, com meu jeito introspectivo, a senhora que é tão aberta e transparente, que faz amizade com qualquer pessoa que passa. Acho lindo que ainda passes o batom para ir ao banco e que se perfume toda antes de dormir. Sempre que assistir uma novela vou lembrar da sua narração, contando tudo o que tá acontecendo. Mãe, não tenha medo do mundo, das coisas, da morte. A vida é muito mais que isso que a gente conhece e que a gente pode ver. Talvez não exista esse Deus

que a senhora acredita com intensidade tão demasiada, mas eu espero muito que tenha algo depois daqui e que a gente possa encontrar. Se pudermos voltar de novo em outras encarnações, desejo de forma veemente que, de novo, eu seja seu filho. Obrigado por me ensinar a compartilhar as coisas que eu tenho, por ser tão simples e por sempre me dar amor e me querer bem, mesmo quando eu tô sendo estúpido com você. O seu amor é o maior amor que eu jpa pude perceber e sentir. Se todas as pessoas do mundo pudessem experimentar esse amor tão grandioso que é o amor de uma mãe, o planeta seria mais generoso e terno. Se eu pudesse dar tudo de melhor que a senhora merece, eu daria, e não estou falando de bens materiais, mas de coisas que o dinheiro não pode comprar. A forma que vou carregar a senhora aonde quer que eu vá e pra sempre... é doando o melhor de mim pra todas as coisas que eu fizer, e pra todas as pessoas que cruzaram o meu caminho. Com sua risada leve e olhar sereno, lhe desejo o melhor de todos os mundos! Peço perdão por todos os males ocasionados por nós, seres humanos. Queria que a senhora tivesse uma felicidade plena. Farei o possível para te dar alegrias, músicas e poemas.

Escrevi essa mensagem de forma espontânea. Tenho essa prática desde criança, pois sempre gostei de ler e escrever. Independente se é bom ou é ruim, é algo que vem de mim de um jeito muito verdadeiro. Metade é técnica, metade é coração. E diria que sobre esse jogo de quefazeres, gostaria que os jogadores fizessem 100 por cento com o coração, pois não há ganhadores, nem nota ao final e sim, troca poética, criação de um imaginário, autoconhecimento, mobilização. Sobre a percepção de si, Ostrower (1987) diz que:

mesmo dentro do agir é um aspecto relevante que distingue a criatividade humana. Movido por necessidades concretas sempre novas, o potencial criador do homem surge na história como um fator de realização e constante transformação. Ele afeta o mundo físico, a própria condição humana e os contextos culturais. Para tanto, a percepção consciente na ação humana se nos afigura como uma premissa básica da criação, pois além de resolver situações imediatas o homem é capaz de a elas se antecipar mentalmente. Não antevê apenas certas soluções. Mais significativa ainda é a sua capacidade de antever certos problemas. (p.10)

Começo a pensar sobre a percepção consciente na ação humana no contexto da juventude camponesa e no contexto da educação esperançada de Paulo Freire rumo à

autonomia, a conscientização, à liberdade. Se a percepção consciente é premissa básica da criação, precisamos então ativar urgentemente a consciência. Somos seres pensantes, nós realizamos, projetamos, criamos. Mas a pergunta que faço é: a que horas as pessoas do campo conseguem pensar e criar? O cansaço permite? A realidade autoriza o sonho e a arte povoar o imaginário desses jovens?

Uma vez que o jogo estava pronto, fui com minha mãe para a cidade de Tabuleiro do Norte, foi uma viagem muito cansativa, cinco horas numa estrada ruim, cheia de buracos. O ônibus era confortável, mas parou em todos os lugares possíveis no caminho. Um senhor perto de nós ouvia música muita alta, eu pedi para ele pôr o fone de ouvido, mas ele não tinha, então ele desligou o som e passou o resto da viagem fazendo cara feia pra mim; quase emprestei o meu, mas, Covid, melhor não.

Chegamos em Tabuleiro e encontramos uma pousada (a cidade é tão pequena que só tem 3 opções de hospedagem). Thiago Valentim, coordenador executivo da EFA Jaguaribana, buscou os jogos na pousada pra levar ao escritório da EFA, que fica no centro da cidade, a fim de encaminhar os jogos aos educandos. Dois jogos ficaram comigo, para eu entregar pessoalmente a dois dos educandos na comunidade dos Currais, onde fica a sede da escola. A professora Regina Coele, que é uma das coordenadoras pedagógicas da escola, buscou, minha mãe e eu, com o seu namorado, Jesus, por sua vez, proprietário da reserva ambiental onde fica a sede.

Fomos! Foi incrível. Regina e Jesus são um casal muito acolhedor. Nos apresentou a comunidade, a reserva e a escola; foram nossos guias. Regina levou uma muda de cássia rosa para que, em um ato simbólico, eu plantasse no quintal. **Fazer florescer esse encontro. Jesus fez uma oração à terra, o acompanhamos. Um dos educandos mora na escola, ele estava lá, entreguei o jogo em suas mãos e o outro jogo deixei sob sua responsabilidade, pois um outro mora naquela mesma comunidade.



Figura 14 Plantação da cássia rosa no quintal da EFA Jaguaribana. Jesus fez a oração.
 Fonte: Regina Coele e Jesus



Figura 15 Minha mãe, eu e Regina: resistiremos a que será que se destina?

A escola estava bastante maltratada pois, com a pandemia, não estava podendo ter os cuidados devidos e a manutenção necessária. Regina me apresentou tudo: a sala principal, a biblioteca, o alpendre, o terraço onde os educandos dormem e a cozinha, onde o educando-morador de lá me ofereceu uma cocada deliciosa. É tudo muito simples e bem acolhedor. As paredes têm desenhos e gravura produzidas pelos próprios educandos. Tem um lago que estava bem vazio, mas ainda com uns patos nadando. Começou a escurecer e resolvemos ir embora, pois a estrada não é muito boa e a cidade fica a uns 7 quilômetros. Quando

estávamos indo para o carro, apareceu uma cobra e eu tinha acabado de perguntar ao educando-morador:

– Tu não tem medo de dormir aqui só, não? Não tem bicho peçonhento? Morcego já vi que tem uma ruma.

– Não durmo só não, durmo com Deus e medo... tenho medo é de gente!

É... que bom que a fé e a crença fazem com a gente se sinta protegido. Cada um com a sua.



Figura 16 SALA PRINCIPAL DA EFA JAGUARIBANA ZÉ MARIA DO TOMÉ



Figura 17 Lago dos Currais

Fonte: Fotos de autoria própria (2021)

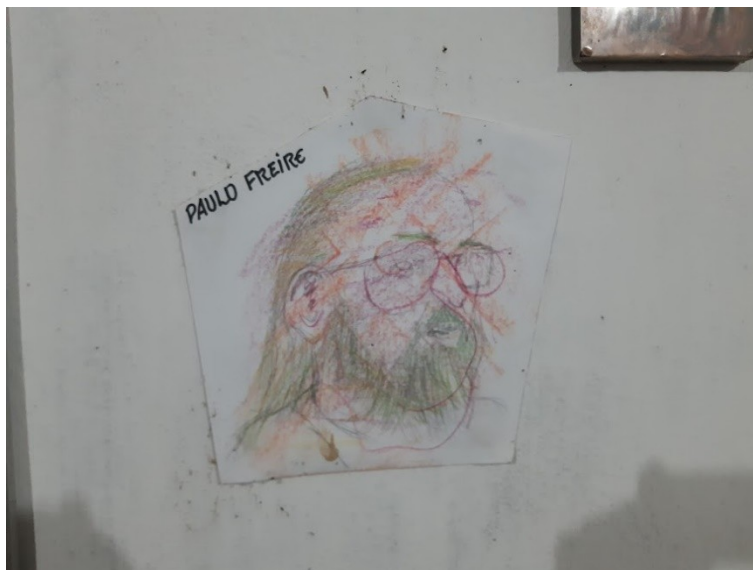


Figura 18 Paulo Freire

Regina e Jesus deixaram minha mãe e eu na pousada. Jesus me deu um dvd de músicas sobre meio ambiente e ainda autografou. Achei um ato de muita gentileza. A lua estava cheia e linda, tomamos um açaí na praça e fomos descansar. No outro dia, cedinho, pegamos o ônibus de volta para Fortaleza, mais cinco horas de estrada (ruim). Sensação de dever cumprido, por enquanto.

Os próximos passos eram: entregar na casa de cada educando e que o “brincar” com aquele jogo fosse aceito. Os coordenadores pedagógicos e educadores Adelita Chaves e Daniel se comprometeram a fazer as entregas e não tardou. Foram feitas! Quinze entregas, para ser mais exato. Dois dos educandos precisaram ir embora para outras cidades em busca de emprego, infelizmente não conseguiram dar continuidade aos estudos por enquanto, mas é capaz que voltem.



Figura 19 Foto de autoria própria (2021)



Figura 20 Foto de Daniel Santos (2021)



Figura 21 Fotos de Adelita Chaves (2021)



Figura 22 Foto de Adelita Chaves (2021)



Figura 23 Fotos de Adelita Chaves (2021)

Agora que todos estavam com seus jogos em mãos, inclusive a professora Regina, podíamos dar *start* nessa brincadeira. Nós nos reuníamos uma vez por semana para realizar entrevistas com o educador Samuel, agora nós teríamos a disciplina Códigos e Linguagens, orientada pela professora Regina e por mim em um segundo dia na semana, com a turma do terceiro ano. A proposta da Regina foi que, junto com o trabalho de textos, interpretação e redação que ela já fazia, nós começássemos a executar alguns quefazeres.

Esses dezessete educandos são divididos em turma do segundo ano e terceiro. Algumas disciplinas e práticas são feitas juntas, mas há certa urgência da equipe pedagógica que o terceiro ano desçam logo da escola para que os caminhos se abram e a turma consiga seus diplomas de segundo grau e de técnico. Não é só pela obtenção do diploma, mas é porque é muito comum a desistência antes do término dos estudos e o desejo maior é que todos cheguem até o fim pra depois pensar como vai seguir a vida agora com mais ferramentas.



Figura 24 XILOGRAVURA DO CHE COM CHAPÉU DE CANGACEIRO NA PAREDE DA ESCOLA

Fonte: Foto de Autoria própria (2021)

7. ESPERANÇAR

“Tudo é considerado impossível até acontecer”.
Nelson Mandela

“Ninguém falou que seria fácil”. Essa expressão parece que ecoa em minha cabeça igual sino tocando às 18 horas na igreja. Hora da Ave-Maria. A religião é tão presente na vida da população camponesa, a fé, a dor, a resiliência... queria tanto saber com o que sonha as pessoas que não têm muitas perspectivas na vida, as que vivem em situação de rua, as que vivem em condições sub-humanas; estando em uma pós-graduação em educação, esse mesmo querer saber se projetou nos jovens e nas jovens do campo que, dentro do sistema opressor do capitalismo fazem parte, inexoravelmente, da minoria. Sabemos que as populações do campo, da água e da floresta vivem, muitas vezes, uma conjuntura excluída, contingente, austera. Queria dizer “pra” esses jovens: não desistam de seus ideais e sonhos, não se deixem oprimir ou serem diminuídos pelo sistema, acreditem em suas potências como seres humanos, relacionais e criativos!

Apesar de muitas vitórias e conquista na luta a favor da diversidade, da igualdade, do bem-estar coletivo, da garantia dos direitos básicos humanos, as minorias ainda sofrem muitas mortes, violência, discriminação. Freire (2019) acredita que:

lutar contra a exploração, contra a discriminação, contra a negação de nos mesmos é um imperativo ético. Discriminados porque negros, discriminadas porque mulheres, discriminados porque homossexuais, ou trabalhadores ou brasileiros ou

árabes ou judeus, não importa porque discriminados, temos o dever de protestar e de lutar contra a discriminação. A discriminação nos ofende enquanto fere a substantividade de nosso ser. (p.121)

O meio o qual busquei e busco lutar é com amparo nas artes e na educação. Não existe uma fórmula certa, nem garantia de que os processos de ensino, aprendizagem e experiência se darão como a gente imagina. Às vezes projetamos algo e acabamos nos frustrando. A pandemia foi uma circunstância que não colaborou com o desenrolar desse projeto “Portfólio Afetivo do Sertão”, pois nos vimos reféns de uma falta de estrutura que pudesse abarcar o modo remoto de ensino no contexto da nossa Escola Família Agrícola. Os educandos não conseguiram firmar presença nas aulas/encontros. Alguns até conseguiram manter certa assiduidade, mas foram poucos, então não deu para desenvolver um trabalho contínuo como eu esperava.

Diante disso, pandemia, vulnerabilidade dessa comunidade específica e do tempo limitado para realizar a pesquisa (a duração do mestrado é um susto de rápido), precisei mudar o foco da ação e fazer um recorte dos sujeitos e dos objetos. A Adelita, coordenadora pedagógica já havia me alertado que eu precisava ficar no “pé” dos meninos e meninas, porque o ritmo do campo é diferente. Se tivéssemos em modo presencial, tudo seria diferente, seria outro método, abordagem, planejamento, mas a situação é essa: ensino remoto na escola do campo com estrutura frágil e jovens e adultos trabalhadores que diante da crise sanitária precisaram trabalhar dobrado e complementar a renda da família.

Revisando os materiais todos do Portfólio, do jogo de quefazeres, percebi que não seria possível executar em pouco tempo, precisaríamos de uns bons meses, é conteúdo para se trabalhar um ano letivo inteiro. Darei continuidade a feitura desse trabalho pois seguirei com a EFA Jaguaribana como educador e propositor dessa pesquisa-ação e com esse mesmo dispositivo pedagógico. Por agora, para finalizar essa etapa da vida depois de dois anos e alguns meses junto a Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, preciso avaliar as perdas e ganhos desse trabalho e seguir adiante, sabendo que a pós-graduação não é um fim, mas um meio.

Não estou frustrado, estou feliz por ter chegado até onde cheguei ao lado de meus companheiros e companheiras de luta. Trabalhar com a educação do campo e com as linguagens artísticas é uma missão muito laboriosa, mas também, gratificante. Diante das

dificuldades que enfrentamos para dar seguimento às atividades, da complexidade das tarefas solicitadas e da pequena evasão que a escola está sofrendo, pois os educandos estão com uma presença muito inconstante, precisei abordar os participantes de modo diferente. Entrei em contato com eles e elas individualmente. Cada um e uma apresentou um problema específico: falta de tempo, falta de habilidade, falta de internet, estímulo, tristeza... então, eu combinei que faríamos os quefazeres completos quando fosse possível estarmos todos presentes na escola. Para cinco deles, que eram os mais assíduos, pedi que fizessem pelo menos 5 quefazeres, os mais possíveis, que não precisassem de nenhuma tecnologia digital. Eles toparam e agora vou compartilhar alguns materiais de cada um, mas de tal modo que não exponha nenhum deles. O primeiro quefazer, por exemplo, que é o questionário e todos fizeram, compartilho em texto corrido em voz na terceira pessoa. Uno minha voz as deles como Conceição Evaristo nos ensinou. Chamarei os educandos por planetas: Júpiter, Saturno, Urano, Terra e Netuno. Uma constelação linda de subjetividades, simplicidades, contradições, complexidades, pessoas.

7.1 TERRA

Terra fez 4 quefazeres: o questionário afetivo, dois desenhos, poesia/poema e entrevista afetiva.

Terra é uma mulher que trabalha muito pela melhoria de vida do seu povo. Mora no assentamento dos sem-terra. Corre risco de vida todos os dias, mas não desiste. Sempre a vejo em formações, cursos, seminários. Terra parece que tem um dia com 36 horas de tanto que faz coisas e ainda tem família pra administrar, um filho que um dia desses esteve hospitalizado e ela correndo de um lado pro outro, mas sempre firme como nossa mãe Terra.

Terra nasceu em abril, tem 34 anos, cinco irmãs e cinco irmãos, sendo que um já é falecido, nasceu em Iracema e hoje em dia se divide entre Iracema e Limoeiro, mora com seus filhos e seu companheiro, sua cor favorita é vermelho, sua música é “Dona de Mim”, seu cantor é Chico César, sua cantora é Beyonce, o filme de sua vida, o que mais gosta chama “Zé das Cachorras”, um artista que admira é Paulo Gustavo. Uma frase que lhe define é: melhor errar no coletivo que acertar sozinho. Gosta de ler livros sociais, populares e o livro que mais gostou de ler foi Pedagogia do Oprimido. Seu maior sonho é a liberdade!

Algumas amizades foram responsáveis por suas maiores decepções. Tem medo de pessoas. Tem um sonho recorrente que é o fim do preconceito e a conquista de uma vida digna. Gostaria de morrer sem dor, como sua avó, sem doenças, sem tortura. Chamaria Dom Helder Câmara pra jantar se ele fosse vivo, mas como não é, chamaria o Padre Júnior Aquino. Se pudesse mudar algo, mudaria em parte a sua personalidade, pois é muito sincera e às vezes isso magoa as pessoas. Também faria abdominoplastia, o resto está ótimo! Sua maior qualidade é ser humilde e o pior defeito é pensar muito nos outros e esquecer de si. O que tinha mais prazer em comer, quando podia, era doce, hoje em dia é banana. Perturba demais Deus, é católica não praticante e tem estudado nossas raízes de matrizes afro. Tenta não destruir a natureza, mas isso é um processo, está buscando eliminar algumas coisas que não fazem bem a ela, a natureza. O mundo ideal para Terra, seria um mundo em que vivêssemos a igualdade entre as pessoas, o respeito às religiões, que as famílias pudessem trabalhar como seres livres e não escravos; que a terra fosse pra quem nela trabalha; que o sol e a água não fossem mercadorias, as pessoas não fossem robôs e a vida digna fosse um direito priorizado.

VAMOS AO QUEFAZER?

Crie um texto em uma página onde o protagonista é você. Conte uma narrativa de sua vida, qualquer coisa que quiser. Pode ser um sonho, uma coisa que aconteceu em sua casa, com sua família... Quem ler esse texto vai te conhecer um pouquinho melhor.

A utopia

Era uma vez uma menina que vivia uma infância pobre marcada por muita fome, dores e sonhos, não conhecia a vida nem sua complexidade, mas sonhava.

Um dia essa menina cresceu, teve sua infância roubada, a adolescência nem conheceu, se tornou adulta, mas nunca esqueceu o sonho de ^{aprender} conhecer, foi mãe e a vida mudou, os desafios foram constantes, viveu um casamento de altos e baixos, quando veio a separação foi sua maior dor, sua mãe não a aceitava, porém ela levantou a cabeça seguiu em busca de um novo amanhã, toda sua vida viveu preconceito, ouviu que vermelho e amarelo não era para negra que parecia o céu, sua origem sempre incomodava as pessoas, para tentar estudar teve que sair de seu lar em busca do grande sonho do nível superior, esse ainda não alcançado, pois percebeu que não é fácil ser preta, pobre, mãe solo, precisou por tantas vezes abrir desse sonho para alimentar seu dois filhos, mas isso não a fez triste nenhum momento, sempre carregava um sorriso no rosto e desejo da conquista, de liberdade e continuar a luta para que outras pessoas consigam

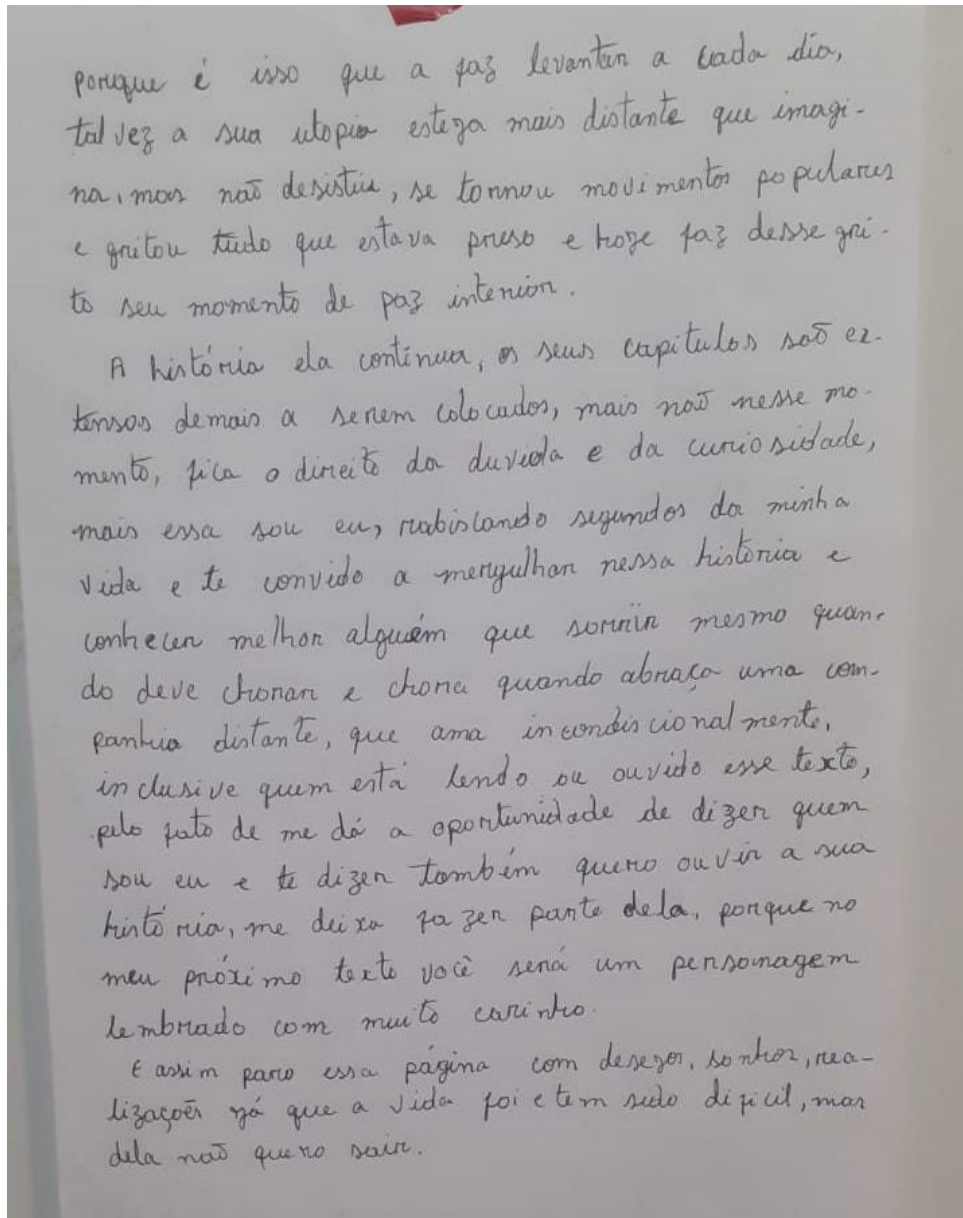


Figura 25 Trabalho da educanda Terra

Terra nomeou o texto sobre si de "A utopia". Discorre sobre uma realidade que não é só sua. Descreve o preconceito, a falta de perspectiva, o desejo de entrar em uma Universidade, a gravidez ainda na juventude, o desamparo, a perseguição religiosa, sua condição de mulher preta. Sua infância foi marcada pela fome, pela dor e pelos sonhos de criança. Ainda não sabia da complexidade da vida, por isso sonhava. Não pode desfrutar de sua juventude, pois a juventude camponesa de cara já sai perdendo, pois a pobreza é dominante, os acesos são precários e os direitos abafados. Cedo essa juventude precisa trabalhar para ajudar no sustento da família e da casa. Apesar das dificuldades, Terra segue

feliz e desejosa. Tomando consciência de si e do lugar que ocupa, a identidade, a ancestralidade, a cultura que carrega, aliou-se aos movimentos populares conseguindo achar guarida, um espaço de manifesto e luta pelo seu povo, pela sua vida. Para Arroyo (2018):

A resistência de movimentos, coletivos étnicos, raciais, de trabalhadores e camponeses tem sido uma matriz pedagógica na formação histórica de identidade, saberes, valores e culturas coletivas. A articulação de lutas por territórios, terras e por culturas, identidades, tem sido uma constante nas resistências que vêm dos povos originários desde a colonização e dos trabalhadores escravizados em lutas por seus territórios – os quilombos. Lutas e resistências dos velhos e novos movimentos sociais de trabalhadores sem-terra. Resistências radicalizadas contra as relações capitalistas de expropriação de terra, de destruição da agricultura camponesa. (p.25)

Em seu texto, Terra inicia a narrativa em terceira pessoa e depois assume em primeira o protagonismo da história. Escreve com palavras claras e simples; declara ser a menina utópica que nunca desistiu dos sonhos. Eu, particularmente falando, me senti muito comovido e feliz por estar a fazer parte do processo de ensino e aprendizagem de Terra, de sua história. Terra tem bastante facilidade para escrever e falar de si. É uma voz ativa em meio ao sertão.

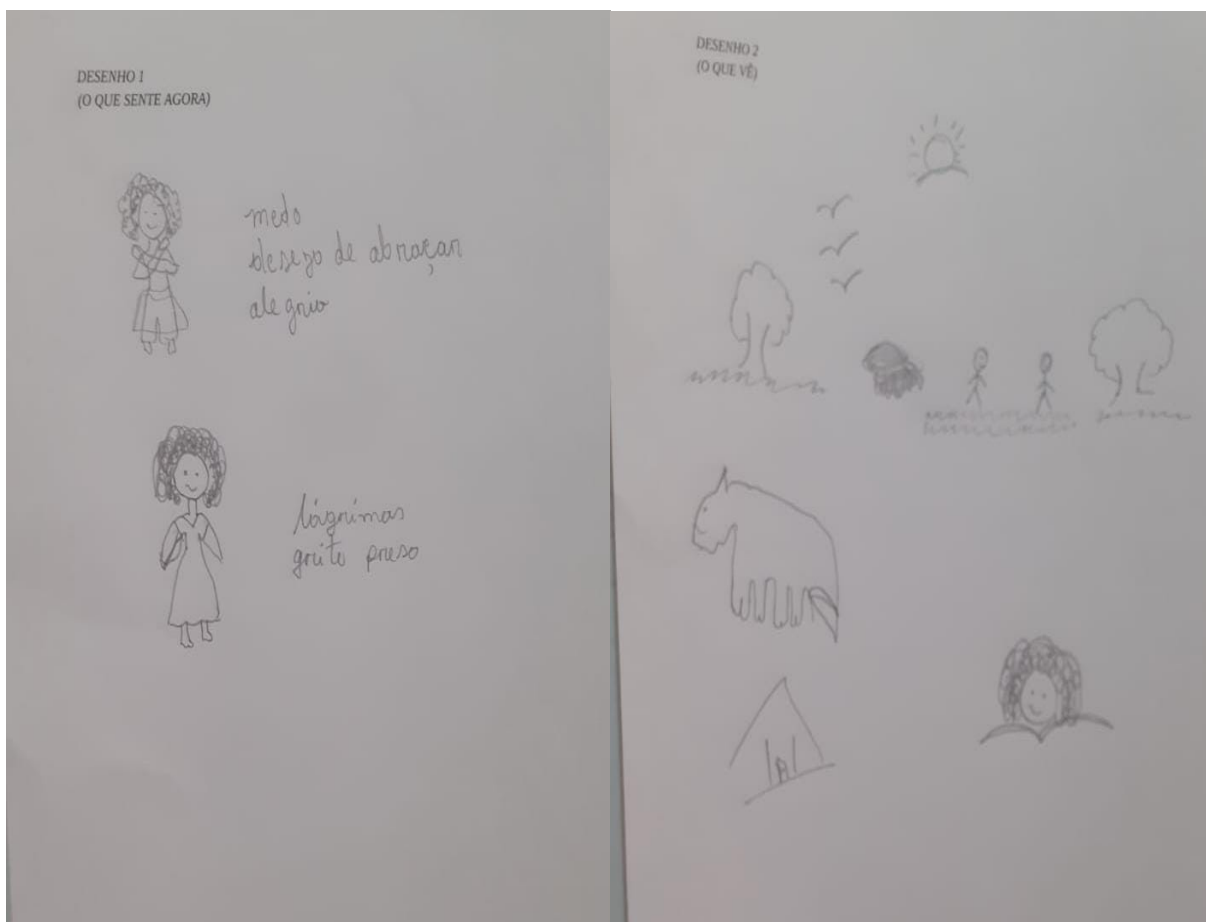


Figura 26 Desenho da educanda Terra

No desenho 1, Terra compartilha o que “sente”, é o desenho que convoca a abstração, porém o que fazer não foi muito compreendido. Terra fez dois desenhos concretos, tanto no desenho 1 quanto no desenho 2 que aí sim, convoca a uma concretude (o que vê). Num traço simples e divertido, desenha como uma criança. No desenho um, Terra desenhou duas caricaturas suas, traços simples, infantis. Em uma caricatura sua autoimagem está com braços cruzados dando uma ideia de abraço; tem um traço que é sua boca, que parece estar dando um leve sorriso, seu cabelo é um “black-power”. Ao lado da caricatura um, Terra escreve ao lado: medo, desejo de abraçar e alegria. Na caricatura 2, Terra escreve ao lado: lágrimas e grito preso. Em nossas conversas durante as aulas, Terra sempre expressou a inconstância de suas emoções, ainda mais na pandemia, o “não saber onde tudo vai dar” a aflige, mas, ao mesmo tempo, Terra é aquela pessoa que nunca deixa a esperança adormecer, no máximo dar uma descansada no sofá velho. Os desenhos de Terra poderiam ter sido feitos por uma criança, talvez em sua infância, Terra não tenha tido tantas oportunidades em expressar-se através dos desenhos. A infância de uma criança na roça, sem-terra, é diferente da infância de outras crianças, porém, a possibilidade de se desenvolver a criatividade não depende da condição social e sim, das oportunidades e acessos. Alencar (2003) nos alerta que:

o conceito que o produto criativo seria fruto de um lampejo de inspiração apenas, que ocorreria em determinados indivíduos considerados privilegiados do ponto de vista intelectual, dotados de um poder especial ou de um dom que trariam desde o nascimento, deu lugar a ideia de que todo ser humano apresenta um certo grau de habilidades criativas, e que essas habilidades podem ser treinadas e aprimoradas por meio da prática. (p.16)

Terra desenhou de forma intuitiva e sem muitos recursos. Não utilizou cores, embora tenha sido disponibilizado no kit uma caixinha de lápis de cor. No segundo desenho (o que se vê), Terra desenhou duas árvores em paralelo, duas pessoas ao longe também em paralelo, o sol, três pássaros, uma vaca enorme e ela mesma, deitada sob um livro. Esse desenho representa bem a paisagem diária vista e vivida por Terra, assim como seu desejo sempre compartilhado em “vencer” na vida por intermédio dos estudos e do conhecimento. Freire nos traz um conceito chamado “curiosidade ingênua”, que está atrelado ao senso comum. A pedagogia proposta pelo educador propõe que essa curiosidade se torne criticista, amparada pelo pensamento e pela reflexão. Freire (2002) acredita que:

Como manifestação presente à experiência vital, a curiosidade humana vem sendo histórica e socialmente construída e reconstruída. Precisamente porque a promoção da ingenuidade para a criticidade não se dá automaticamente, uma das tarefas precípuas da prática educativo-progressista é exatamente o desenvolvimento da curiosidade crítica, insatisfeita, indócil. (p.15)

Terra está a caminho, em processo transitivo, em mudança e crescimento.

VAMOS AO QUEFAZER?

Materiais utilizados: papel e caneta

Crie uma poesia para sua mãe. Se você não tiver mãe, crie uma poesia como se ela existisse ou para alguém que a representa.

1 mulher camponesa
preta e sofredora
lutou por amor
e não desistiu da
sua vida

2 Ela se fez forte
e guerreira
sofreu tanto na vida
venceu muitas barreiras

3 Viveu preconceto noite e dia
cuidou dos seus filhos
com muita alegria

4 Chorou muitas vezes, ao pé da cama
pedindo a Deus
não levar quem ama

5 E este parteste
de forma cruel
deixando-a sozinha
a pensar que está
lá no céu

6 E ela ficou
de peito partido
lembrando muita tristeza

de tudo vivido

7 Viveu o seu luto
com muita verdade
até hoje sofre
com a dor da saudade

8 Quem deita eu
vive um amor
assim como o teu
tão verdadeiro
que nunca esqueceu

9 Tinha um sorriso
do teu sofrimento
quando tu a dor
chutou os lamentos

10 E hoje sorria
a cada segundo
diz não quer sair
aqui desse mundo

11 Me fez quem eu sou
mesmo não sendo nada
me fez perceber
que é longa a jornada

12 Sempre me quis
 ai do teu lado
 me protegendo
 desse mundo malvado

13 E aqui estou eu
 lembrando de ti
 com lágrima nos olhos
 querendo sorrir

14 lembrando das dores
 que tanto passei
 mesmo ao teu lado
 não te abracei

15 Sempre distante
 mesmo tão perto
 só quis teu abraço
 sentir teu aperto.

16 mas não consegui
 o abraço que tanto sonhei
 só quero que saiba
 mesmo assim sempre te amei

17 Dos meus muitos sonhos
 que tanto espero
 sentir o teu toque
 é tudo que quero

18 Podem te dizer
 o quanto eu te amo
 acreditam em mim
 eu não te engano

19 E um dia comemorar
 as conquistas da vida
 abraçada contigo
 que é tão querida

20 Assim finalizo
 esses simples versos
 dizendo eu te amo
 e hoje eu confesso

21 Sempre escondi ~~na minha dor~~
 na minha dor
 os meus sentimentos
 meu grande amor

22 És tudo para mim
 minha fortaleza
 meu porto seguro
 minha certeza

Figura 27 Poesia da educanda Terra

A poesia de Terra feita para sua mãe é doce e tocante. Possui 22 estrofes (indicados por ela) em versos simples, rimados e sem compromisso com o padrão ou convenção literária. Na narrativa poética nos é compartilhado que essa mãe é preta e sofrida, teve uma vida difícil, rodeada de seus filhos, de pobreza, trabalho e de luto pelo amor que perdeu. Terra diz:

me fez quem eu sou
mesmo não sendo nada
me fez perceber
que é longa a jornada

Aqui , mais uma vez, fica evidente como as pessoas do campo são oprimidas dentro de suas “autoimagens” ao notar que é, “eu sou”, mas não é nada. A vida parece não ter um valor diante da existência que é muito maior do que a gente pode imaginar ou perceber.

Freire (2002) acredita que:

A invenção da existência envolve (...) necessariamente, a linguagem, a cultura, a comunicação em níveis mais profundos e complexos do que o que ocorria e ocorre no domínio da vida, a “espiritualização” do mundo, a possibilidade de embelezar como de enfeitar o mundo e tudo isso inscreveria mulheres e homens como seres éticos. Capazes de intervir no mundo, de comparar, de ajuizar, de decidir, de romper, de escolher, capazes de grandes ações, de dignificantes testemunhos, mas capazes também de impensáveis exemplos de baixaza e de indignidade. Só os seres que se tornaram éticos podem romper com a ética. (p.22)

Do mesmo jeito, só os seres que se tornam conscientes de seu valor e de sua existência podem ter a liberdade e a autonomia para transformar suas realidades e suas condições de opressão. O anulamento, apagamento dos corpos e das vidas pretas, pobres, LGBTQIA+, entre outras minorias, é um projeto perverso do capital, então muitas representantes dessas comunidades não se reconhecem como sujeito, mas como “coisa”, como “nada”, como um ser menor, apagado, sem luz.

A nossa “Terra” dessa escrivência, é a nossa Terra. Com muitas dores, desastres, mas com muitas belezas e potências.

Terra finaliza sua poesia falando de sua incapacidade de expressar seus sentimentos profundos por sua mãe. Não fica explícito se sua mãe ainda está viva ou já morreu. Espero que esteja viva... Mãe é proteção.

ENTREVISTA AFETIVA

12.

ENTREVISTA AFETIVA

Materiais utilizados: papel e caneta

Elabore dez perguntas que sejam da natureza da intimidade, da curiosidade. Com essas perguntas, faça uma entrevista com seu melhor amigo ou melhor amiga ou algum colega da escola. Ele ou ela respondem e você escreve as respostas abaixo das perguntas.

PENSE BEM ANTES DE ELABORAR AS PERGUNTAS. PODEM SER COISAS CURTAS E SIMPLES, MAS TAMBÉM COISAS MAIS COMPLEXAS E PROFUNDAS.

fui fazer a atividade e quis brincar com uma amiga
muito amada e acabei em lágrimas
nome da entrevistada - [redacted]

1.0 que acha de mim? falar de [redacted], é difícil. Porque é uma pessoa tão especial (em todos os sentidos) que faltam palavras, mas vou tentar: é uma mulher que inspira outras mulheres, por sua práxis é um exemplo vivo de resistência. Seu espírito revolucionário reacende em cada um que tem o prazer de conviver com você, a chama da gratidão, do companheirismo e da justiça. Tu és exemplo de força e determinação, que nos ensina a cada passo, o quanto importante é o companheirismo e os laços sinceros de amizade que deixamos pelo caminho. Eu só agradeço ao universo por ter a chance de conviver com você, com o seu coração tão generoso! (senti vergonha em escrever e chorei muito, difícil ver alguém falar tão bem de você, mais feliz por a sinceridade)

- Qual seu medo? Meu maior medo é ver as pessoas que amo sofrendo e não poder ajudá-las.
- Significado da vida. Para mim a vida significa construção. Passamos por este plano construindo laços, afetos, histórias... Por isso, cada segundo vivido deve ser encarado como uma oportunidade de construir algo...
4. O que é amar para você? Amar é cuidar no sentido de zelar pela vida e história dos outros. Quando a gente ama, a gente respeita os caminhos que a outra pessoa trilhou, respeitando suas cicatrizes e suas utopias.
5. O que te incomoda? O que meus me incomoda no mundo são as injustiças (em todas as instâncias). Sinto com um mundo baseado nos princípios da equidade, onde não haja nenhuma forma de opressão.
6. O que te faz feliz? Meus afetos, ou seja, minha família e os amigos que deixo em cada lugarzinho que passo.
7. Um desejo - Ver o Bolsonaro e sua família presos, pagando por todo mal que fizeram e forçem ao povo brasileiro.
8. A pessoa referência na sua vida? Minha maior referência são meus pais (~~avós~~) (avós).
9. O que te faz insistir na vida? O que me faz insistir na vida é a minha vontade de mudar o mundo, sobretudo o mundo que circula ao redor da minha mãe, já que meu pai não faz mais parte deste plano.
10. O que espera da minha amizade e o que deseja de mim? Eu espero da sua amizade exatamente o que ela já é pra mim: uma grande fonte de afeto, companheirismo e cumplicidade, pois sei que quando eu precisar de você, você sempre estará pra mim... assim como vice e versa. Tu é queridinha demais.

Figura 28 Quefazer 12, Terra aplicou com uma amiga.

Terra inicia a partilha da “entrevista afetiva” que preparou para a amiga dizendo que começou com uma brincadeira, mas acabou em prantos de emoção. Como sugerido no quefazer, são dez perguntas de natureza íntima, afetiva. Destaquei alguns trechos.

Na primeira pergunta, Terra pergunta a sua interlocutora “o que você acha de mim”? A interlocutora responde que:

- É uma mulher que inspira por sua práxis, é um exemplo vivo de resistência, seu espírito revolucionário reacende o prazer de conviver, a chama da gratidão, do companheirismo e da justiça.

A resposta deixou Terra envergonhada (tímida) e emocionada:

- Difícil alguém falar tão bem de você...

Para a interlocutora, a vida significa construção de laços, afetos, histórias. Amar significa cuidar, no sentido de zelar pela vida e história dos outros.

- Quando a gente ama a gente respeita os caminhos que a outra pessoa trilhou, respeitando suas cicatrizes e suas utopias.

Quando Terra pergunta à amiga o que a incomoda ela diz:

- As injustiças... sonho com um mundo baseado nos princípios da equidade, onde não haja nenhuma forma de opressão.

O que a entrevistada deseja nesse momento é ver Bolsonaro e sua família na cadeia, pagando por todo mal que fez ao Brasil.

A maior referência de vida dessa moça são os seus pais, no caso, são seus avós. Muito comum no interior os netos e netas serem criados pelos avós.

O que faz a amiga de Terra insistir na vida é a vontade de mudar o mundo, principalmente o mundo que circula em redor de sua mãe (o pai já está em outro plano).

Terra quer saber o que sua amiga espera dela e ela diz:

- Não espero nada, ela já é uma grande fonte de afeto, companheirismo e cumplicidade.

A amiga de Terra diz que sabe que sempre pode contar com ela e vice-versa. É uma amizade amorosa e respeitosa, pelo que se vê.

A entrevista afetiva produzida por Terra cumpriu os principais objetivos deste quefazer, que transcendeu a natureza da tarefa, pretendeu e de fato construiu afeto e afetividade com a troca de intimidade, opiniões pessoais e observações de mundo entre as participantes. Para Mosquera (2006):

A afetividade está organicamente vinculada ao processo de conhecimento, orientação e atuação do ser humano, no complexo meio social que o rodeia. A conexão entre os sentimentos e o processo cognitivo propicia à pessoa uma vida de grande sensibilidade, que pode ser cada vez mais apreciada, na medida que cada um desenvolve a sua capacidade afetiva e suas potencialidades diferenciais. (p.129)

7.2 SATURNO

Saturno é uma graça. Homem tão brejeiro que dá vontade de dar um abraço. Parece parente nosso distante. Batalhador, trabalhador, esforçado. Voltou a estudar graças a sua companheira, que insistiu muito. Vai que com os estudos consegue garantir uma vida melhor pras filhas? Está sempre atento e quase não falta aos encontros. Quem quer estudar move mundos e fundos, mesmo com a rotina pesada do dia a dia, sempre tira seu tempinho pra aprender e ensinar.

Saturno nasceu em Tabuleiro do Norte, tem 31 anos, tem uma irmã mais velha e uma irmã mais nova, mora com sua esposa e seus dois filhos. Sua cor preferida é preta, a música é Romance Desapegado, o cantor que mais gosta é Júnior Viana e a cantora Lorraine Silva (Japinha), a banda musical é Bonde do Forró, o filme que ama é Rambo e o artista que mais admira é Marcos Palmeira. A frase que mais lhe denomina é: Nunca deixe pra amanhã o que pode fazer hoje! Não gosta de ler. Seu maior sonho é comprar um terreno pra criar gado, ovelhas, cavalos, galinhas e viver feliz com sua família. Sua maior decepção na vida foi ter desistido de estudar quando jovem, bem, amigo, agora estamos aqui, de volta à escola... avante! Tem medo de altura. Se pudesse escolher como morrer poderia ser de infarto. Se pudesse convidar qualquer pessoa no mundo para jantar, convidaria sua mulher. Não mudaria nada em si, nem no aspecto físico, nem de personalidade. Sua maior qualidade é que é muito paciente e seu maior defeito é não saber dizer não. Carne assada é a comida que mais dá prazer ao seu paladar. Sua relação com Deus é pouca, mas crê Nele, é católico. Tem muito amor pelos animais e todo dia rega as plantas do seu quintal.

No mundo possível para Saturno não existe fome, guerra, crianças abandonadas, pessoas sem-terra. No mundo possível para Saturno, a saúde é acessível para todos, todos têm um teto. Tudo seria possível se não existisse tanta desigualdade e pessoas gananciosas.

Saturno foi bastante solícito na feitura dos quefazeres, apesar de ter muitas obrigações durante o dia. O tempo só lhe permitiu fazer dois quefazeres e meio. Fez o questionário afetivo e o texto sobre si, um dos desenhos (eram dois), disse que não conseguiu desenhar o que sentia por dentro e fez a poesia pra sua mãe.

Saturno é um desses camponeses que acorda com as galinhas e faz de um tudo. Serviço na roça, na construção civil, onde aparecer trabalho.

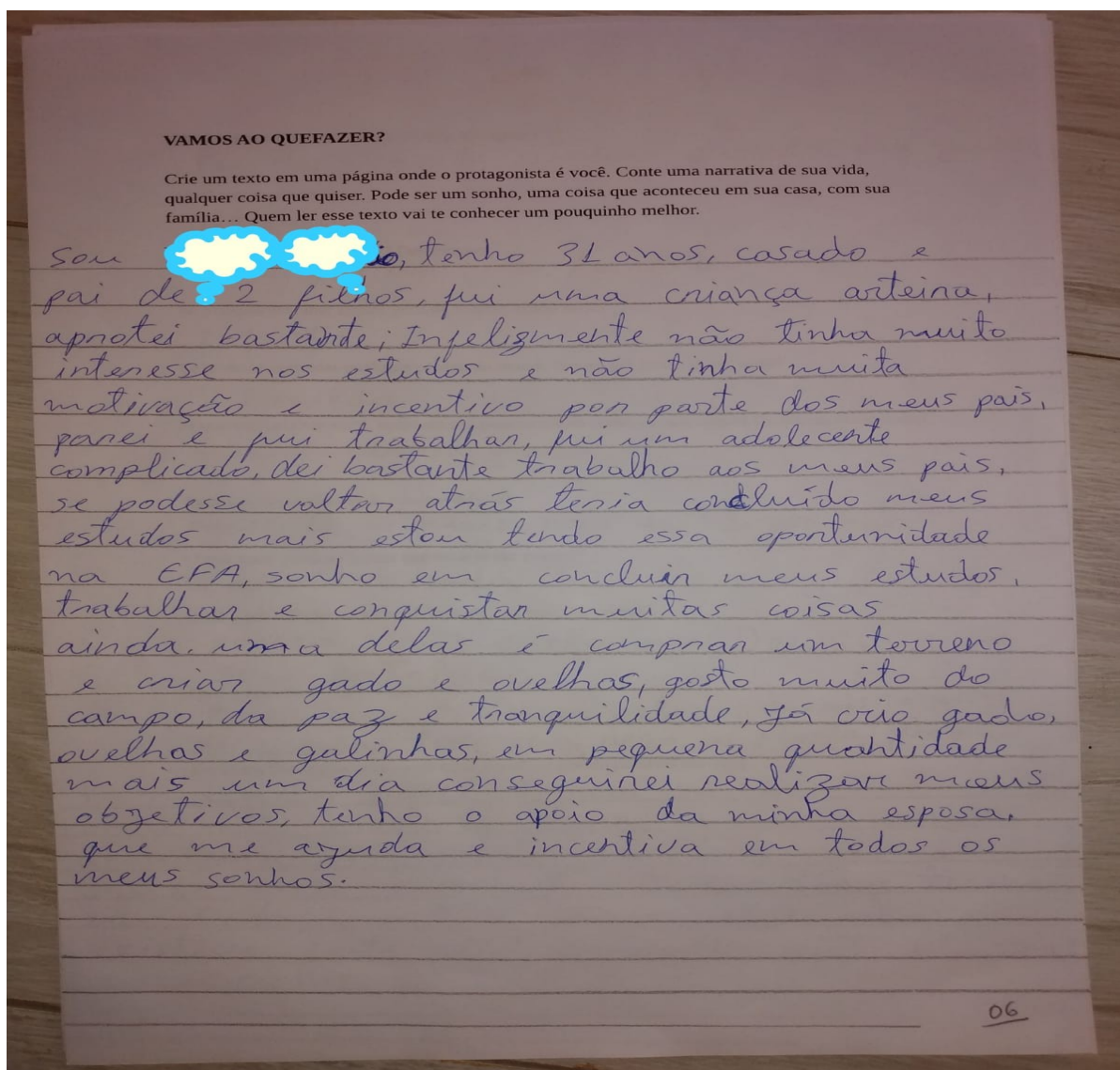


Figura 29 Texto do educando Saturno

O texto de Saturno é simples e direto, como todo sertanejo. Na infância não teve incentivo dos pais para dar continuidade aos estudos, o que conseguiu só agora depois dos trinta e com família constituída. Saturno é uma exceção à regra. Os camponeses que voltam a estudar com essa idade na região do Vale do Jaguaribe são raros, pois o trabalho e as demandas do campo são extenuantes. Os sujeitos do campo em sua invisibilidade por parte da sociedade como um todo são destituídos (às vezes sem saber) de seus direitos como ser humano, como cidadão. Arroyo (2016) aponta que:

A consciência política do direito à Educação do Campo é resposta política que se alimenta da consciência de ter sido e continuar sendo, no padrão classista e racista de poder roubados de suas humanidades ao serem roubados, expropriados de suas terras, do seu trabalho, de sua produção da vida. Roubados de suas culturas,

saberes, valores identidades, ao serem roubados dos territórios da terra matriz humanizadora. (p.17)

Saturno não deve ter a consciência plena de sua condição de vida no sentido de direito, mas tem desejos e sonhos que lhe imputam a correr atrás do que almeja. E agora, com apoio em casa. Saturno é um sujeito do campo e que quer permanecer no campo, mas sob condições melhores de vida.



Figura 30 Desenho de Saturno (o que se vê)

Saturno desenhou somente o segundo desenho (o que se vê), o que se sente (desenho 1), não foi “dito”. Na imagem podemos ver um “ideal” de paisagem. A vaca pasta, as árvores estão frondosas e com bastante fruto, a chaminé da cozinha está a todo vapor, então temos comida na mesa. Tem o poço d’água, a horta agroecológica e o sol pegando fogo. A água é portátil. Essa é a paisagem ideal de Saturno, em nossas conversas percebi que ele é o sujeito que crava as unhas na terra e de lá não vai embora. Arroyo (2016) nos diz que “para os trabalhadores do campo, terra é mais que terra. É a matriz histórica da formação humana. À agricultura camponesa é inerente ser um processo de cultivo-cultura humana. É um modo de produção de alimentos e de produzir sujeitos”. (p.23).

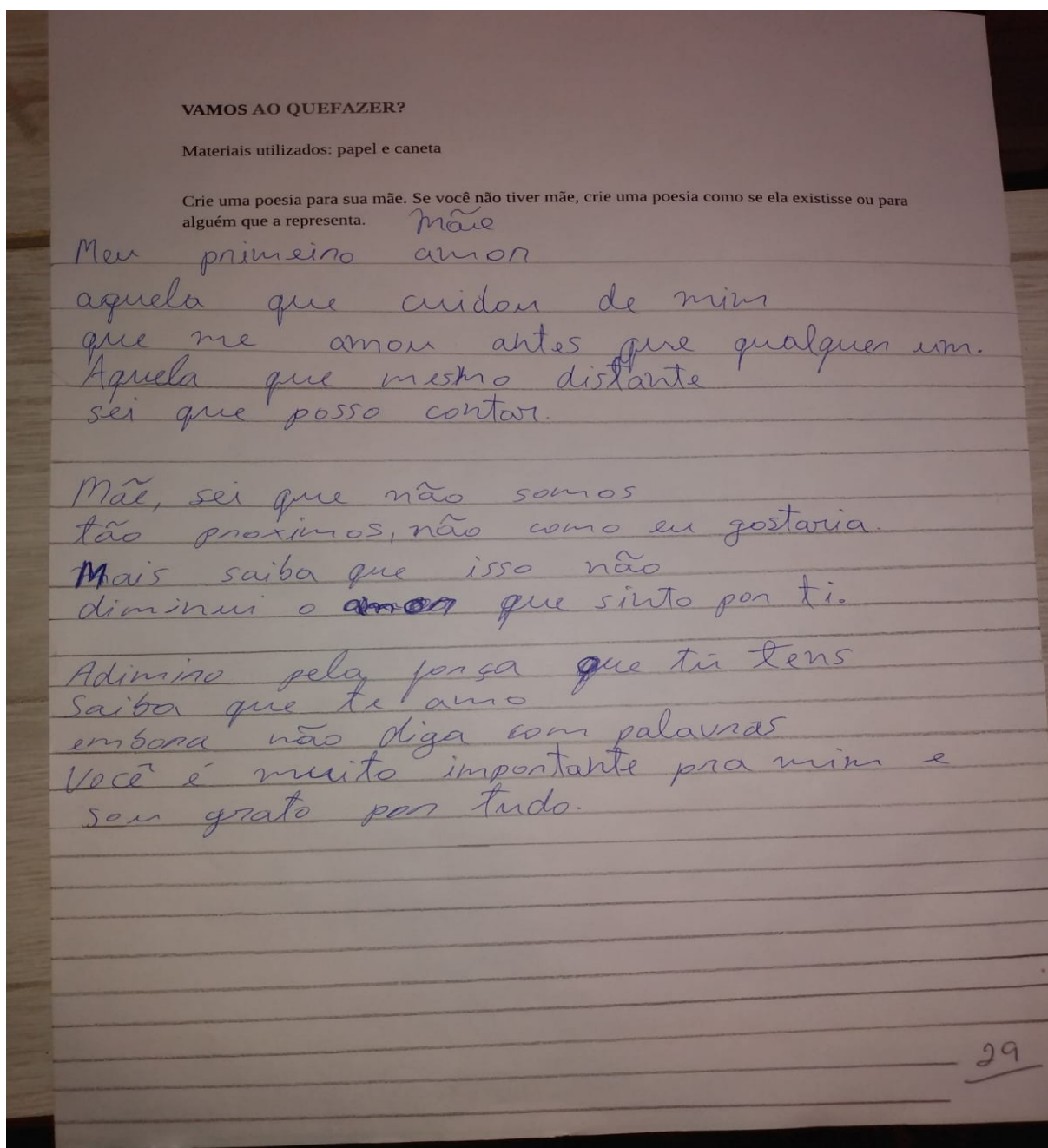


Figura 31 Quefazer 5. Poema pra mãe produzido por Saturno.

Assim como Terra e assim como eu, Saturno tem grande dificuldade de expressar seu amor e seu afeto para sua mãe. Em minha casa, meus pais nunca foram carinhosos. Assim como acho que os pais deles também nunca foram. Tem um silêncio no toque e nas palavras que fala mais que tudo. O olhar desse povo é muito forte, me faz chorar. Rufino e Simas (2020) nos fazem a seguinte reflexão:

É preciso ouvir o silêncio. As tecnologias que nos conectam à prática do bem viver são ancestrais. Precisamos romper com a escolarização feita pelo estado colonial e a cultura BBB (bala, boi e bíblia) que a alastra a infecção do esquecimento. Quando toca em qualquer buraco da terra, todo tambor chama quem mora nas barras do tempo e cura o corpo, ao dizer que ele é suporte da vida e que a verdadeira aniquilação é a feita pelo dismantelo das suas próprias histórias. (p.16)

Então, é preciso que escutamos nossos corpos, que respeitemos nossos ancestrais e que continuemos lutando por uma escolarização que nos leve a emancipação e não ao caminho contrário.

7.3 NETUNO

Tímido, calado, discreto, mas sempre atencioso. Netuno é inteligente e prestativo, mas quase nunca ouvimos sua voz. Tem 18 anos, mora com os pais e o irmão, sua cor favorita é vermelho, sua música é Faroeste Caboclo, seu cantor é Alceu Valença e cantora Lucy Alves, o filme que mais gostou de assistir foi O Auto da Compadecida e o artista que mais admira é o poeta e cordelista Bráulio Bessa. Diz Netuno que a frase que mais lhe define é: nunca foi sorte, sempre foi Deus! Oxe, igual a frase da Juliette, é? Não lembra dos livros que leu, mas um que lhe chamou atenção foi Barba Azul. O maior sonho de Netuno é realizar todos os seus sonhos e objetivos. A maior decepção de Netuno é perder pessoas de sua família para as drogas e não poder fazer nada. Tem medo de cobra, não tem nenhum sonho recorrente e gostaria de morrer dormindo. Se pudesse convidar qualquer pessoa do mundo pra jantar, convidaria a namorada mesmo. Não mudaria nada em si, nem no corpo, nem na personalidade. Gosta de ajudar aos outros. Às vezes é estressado. O que mais gosta de comer que sente prazer é feijoada. É católico e tem uma relação frequente com a natureza. O melhor mundo possível para Netuno, seria onde todos tivessem casa própria, um lugar para plantar, que todos tivessem o que comer, uma renda fixa e que as coisas não fossem tão caras como são hoje.

Netuno fez o questionário afetivo, a poesia para a mãe, um pedaço do quefazer sobre música e o último quefazer que também é um questionário.

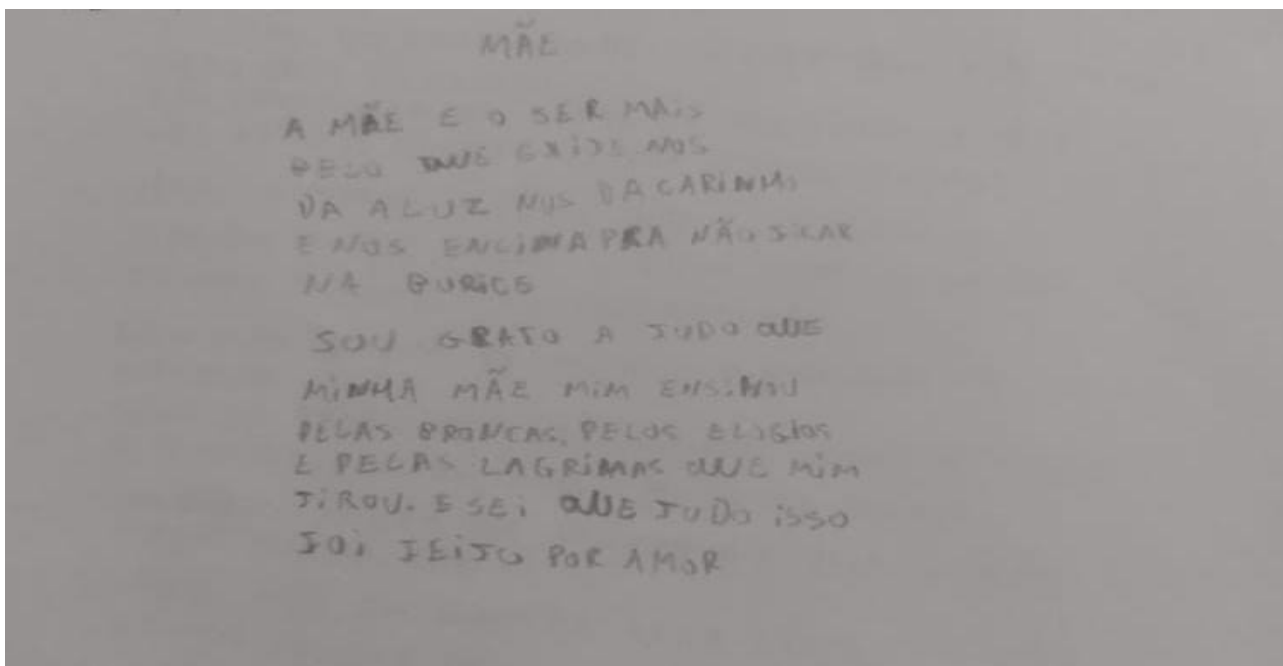


Figura 32 Poesia feito pelo educando Netuno

Para facilitar a leitura, poesia produzida por Netuno para sua mãe:

MÃE

A mãe é o ser mais
belo que existe nos
dá luz, nos dá carinho
e nos ensina pra não ficar
na burrice

Sou grato a tudo que
minha mãe mim ensinou
pelas broncas, pelos elogios
e pelas lágrimas que mim
tirou. E sei que tudo isso
foi feito por amor

Percebe-se que Netuno tem um pouco de dificuldade na escrita do português, mas isso é bobagem. Uma coisa que quase todos concordamos desse grande grupo que se formou é que as mães são nossas verdadeiras heroínas. A mãe de Netuno é muito presente nas reuniões da EFA, inclusive, foi a única que eu conheci, pois estava frequentando os nossos encontros no google meet por um tempo.

Com suas rimas singelas, atingimos o objetivo de compor um poema para a mãe e diante dele, vulnerabilizar-se.

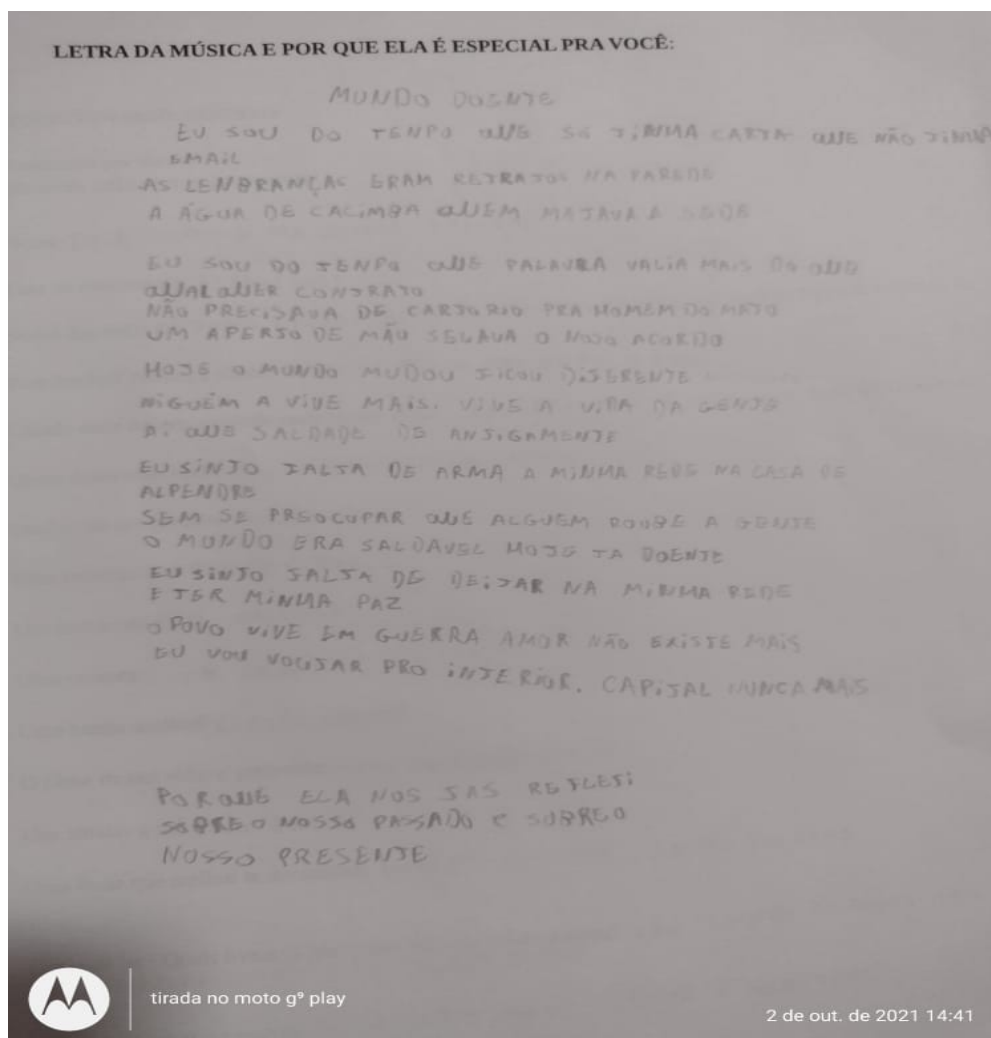


Figura 33 Letra de música do educando Netuno

No quefazer 9, pedi para que os jogadores escolhessem uma música, pedisse pra alguém cantar e gravasse e também fizessem uma segunda gravação com o próprio jogador cantando. Em seguida pedi para que escrevessem a letra da música no papel e contasse por que ela é importante para si. A música Mundo Doente, do canto Júnior Viana, foi escolhida por Netuno porque segundo ele, ela nos faz refletir sobre nosso passado e sobre nosso presente. A letra é a seguinte:

Eu sou do tempo que só tinha carta que não tinha email
As lembranças era um retrato na parede
A água de cacimba quem matava a sede

Eu sou do tempo que palavra valia mais do que qualquer contrato
Não precisava de cartório para homem do mato
Um aperto de mãos selava o nosso acordo

E hoje o mundo mudou e ficou diferente
 Ninguém a vive mais, vive a vida da gente
 Ai que saudade de antigamente

Eu sinto falta de armar a minha rede na casa de alpendre
 Sem se preocupar que alguém roube a gente
 O mundo era saudável hoje está doente

Eu sinto falta de deitar na minha rede e ter minha paz
 O povo vive em guerra amor não existe mais
 Eu vou voltar pro interior, capital nunca mais

A música reflete o saudosismo do homem do campo quando este vai embora e conhece a realidade da capital, da cidade grande, da doença simbólica e da violência. É mais comum que pessoas em idade jovem migrem do campo pra cidade. Castro (2016) faz esse comentário:

Os jovens estão indo embora! Essa expressão sintetiza uma imagem do jovem do campo no Brasil. A juventude do campo é constantemente associada ao problema da “migração do campo para a cidade”. Contudo, “ficar” ou “sair” do meio rural envolve múltiplas questões em que a categoria jovem é construída e seus significados, disputados. A própria imagem de um jovem desinteressado pelo campo contribui para a invisibilidade da categoria como formadora de identidades sociais e, portanto, de demandas sociais. (p.441)

Netuno, por exemplo, é um jovem camponês que quer continuar no campo.

Netuno foi o único que fez o quefazer 20, que é o questionário final sobre os quefazeres e a experiência do jogo. Vou fazer um texto corrido sobre o que Netuno escreveu, para novamente falar por ele e com ele:

De todas as atividades, a que Netuno mais gostou foi o da música, não desgostou de nenhuma. O jovem acredita que a arte possibilita a vivência de novas experiências por meio da reflexão. A arte, para ele, também melhora a comunicação entre as pessoas. Antes da experiência e após a experiência desse jogo de quefazeres, Netuno não sabe explicar, mas pode refletir sobre várias coisas. Se o fosse presidente da república, daria um auxílio mensal para cada pessoa desempregada e doaria um pedaço de terra com 5 hectares para os agricultores plantarem. A escola ideal para Netuno é a Escola Família Agrícola. Netuno se considera um pouco criativo; inventou umas rodas para a forrageira pra não precisar arrastá-la, só puxá-la. “A arte salva porque as pessoas enxergam uma nova forma de viver”, falou o jovem Netuno e disse mais:

– Se eu pudesse faria uma pintura enorme em um outdoor com o intuito de produzir uma obra de arte com grande visibilidade. Se eu pudesse mudar o mundo através de alguma linguagem artística seria essa, uma obra visual, grande, um outdoor para que todos parassem, vissem, refletissem e tivessem vontade de mudar.

Fazer esses quefazeres desse jogo deixou Netuno mais calmo.

Netuno é feliz e o que o deixa mais feliz ainda é estar com as pessoas que gosta, fazendo tudo o que gosta. O que o entristece é ver que parte da população não quer mais trabalhar, só quer roubar dos trabalhadores o que é produzido com o suor deles.

Netuno se considera uma pessoa criativa que gosta de ajudar o próximo. Sonha em ter uma casa, um curral cheio de gado e dois filhos.

O que Netuno gostaria de dizer pra pessoa que ele mais ama é:

– Não desista daquilo que você deseja! Fraco não é aquele que não consegue e sim aquele que não tenta.

7.4 URANO

Dedicado, mas andou um tempo sumido e depois reapareceu aos encontros da escola. Está com muita dificuldade em dar continuidade aos estudos assim de modo remoto; não vê a hora de voltarmos presencialmente. Urano só conseguiu fazer dois quefazeres, o primeiro e o segundo. O primeiro, que é o questionário amoroso ficou muito ilegível. Tentei procurar Urano, mas ele sumiu da Via Lactea, por isso, reproduzirei em terceira pessoa o que consegui decifrar.

Urano nasceu em 1998, tem cinco irmãos mais velhos. Mora com a mãe e os irmãos. Preto é sua cor favorita. A música que mais gosta é “Eu só peço a Deus”, mas acho que ele quis dizer “Malandragem”, da Cássia Eller. Mercedes Soza é a cantora que mais admira. Acompanha a série “Perky Blinders”. É fã de Zé Ramalho e Osvaldo Montenegro. “Que sejamos socialmente iguais, humanamente bons e totalmente livres” é uma frase que o acompanha como um lema. Gosta de ler livros como: Pensamento de Che Guevara, Brava Gente, Teoria Comunista. Seu maior sonho é que aconteça uma grande transformação social, que sonhos coletivos num mundo igualitário se realizem.

Urano não tem relação espiritual com nenhuma religião, mas tem com a natureza, que cuida e preserva.

Urano gostaria de ser menos tímido e ser mais divertido. Urano se considera íntegro, honesto, paciente, é caseiro, tímido, antipático com quem não conhece. Pizza e sushi são as comidas que mais sente prazer em comer.

Se pudesse chamar alguém pra jantar chamaria logo era duas pessoas: Raul Castro e Nicolas Maduro e se pudesse escolher um jeito de morrer seria numa revolução lutando por justiça social.

Tem medo de morrer e não ter vivido tudo o que gostaria, também tem medo de perder pessoas de sua família.

Sonha com o fim do capitalismo e que as relações humanas e produtivas sejam mais possíveis.

- O mundo possível pra mim seria um mundo sem exploração das pessoas, sem privatizações dos meios de produção. Queria ter liberdade pra viajar sem precisar ter dinheiro no bolso.

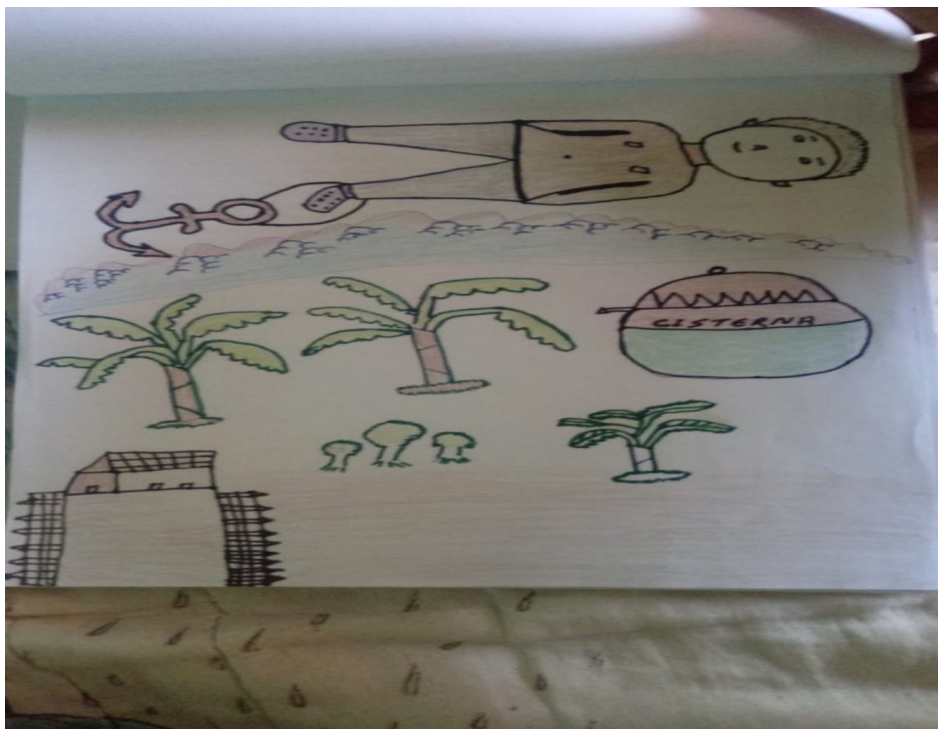


Figura 34 Desenho feito pelo educando Urano

Urano desenhou-se ancorado no campo. Urano que já morou na capital e sonha sair viajando por aí. Seus traços são fortes, sua opinião também, mas pessoalmente Urano é bem tímido também. Nas aulas remotas Urano conseguiu se comunicar bastante, diferente de seus colegas, mas quando o encontrei pessoalmente ficou mais reservado. Urano prometeu-me fazer todos os quefazeres, mas ele não cumpriu o prometido. Confessou que tinha coisas que não queria falar. Eu respeitei. Mas combinamos de retomar esse trabalho mais pra frente. Urano pediu para que eu levasse ele pro Rio de Janeiro. Urano está ancorado no mato, mas na verdade... quer voar.

7.5 JÚPITER

Bastante jovem, simpático, engraçado, é o educando que sabe lidar bem com as vacas e seus bezerros. Sabe dançar forró muito bem. É novinho e já é casado. Nunca falta aos encontros.

Júpiter apesar de sempre ser participativo, dessa vez só realizou dois quefazeres, como Urano, fez o questionário afetivo e os desenhos.

Júpiter nasceu em 1998, tem 23 anos, mora em Potiretama com a esposa, sua cor favorita é azul e sua música: Céu Azul. O cantor que mais gosta é o Charlie Brown Júnior, a cantora é a Lana Del Rey. O Auto da Compadecida é seu filme predileto (eu achava que era Velozes e furiosos). Não gosta de ler. Não tem um sonho recorrente. Se pudesse convidar qualquer pessoa no mundo pra jantar, convidaria a mãe. Em si, não mudaria nada. A sua maior qualidade é a sinceridade e seu pior defeito é a timidez. Gosta de comer buchada e bolo de milho. Já frequentou algumas igrejas, mas não tem religião. Sua relação com a natureza vem desde a infância, pois é filho de agricultores e cresceu na roça.

O melhor mundo possível pra Júpiter seria se existisse mais amor ao próximo, pois estamos vivendo em um mundo onde muitos não se perguntam: e se fosse comigo?

Júpiter por Júpiter:

Olá, minha história iniciou-se no dia 04/11/1998, data do meu nascimento, ali começou a minha jornada, sou filho de dona Graça e Chico de Rock, na infância morei alguns anos no sítio, mas com a separação de minha mãe, tive que vim morar na cidade, já cidade morei durante alguns anos, mas as coisas não estavam muito boas e tivemos que retornar novamente para o sítio.

No sítio foi onde convivi com meus primos, lá gente brincava de guerra de caju, praticava alguns esportes, brigávamos em vários momentos, embora todos eram felizes, foi uma infância bem agitada. Sou uma família um pouco grande, irmãos eu tenho 16, porém eu convivo mais com os cinco da minha família materna.

Atualmente moro com minha companheira e nossos gatos, estou trabalhando para a prefeitura da minha cidade, sei que não é o emprego que eu desejo, mas estou estudando para trabalhar onde realmente gosto que é com a natureza e os animais.

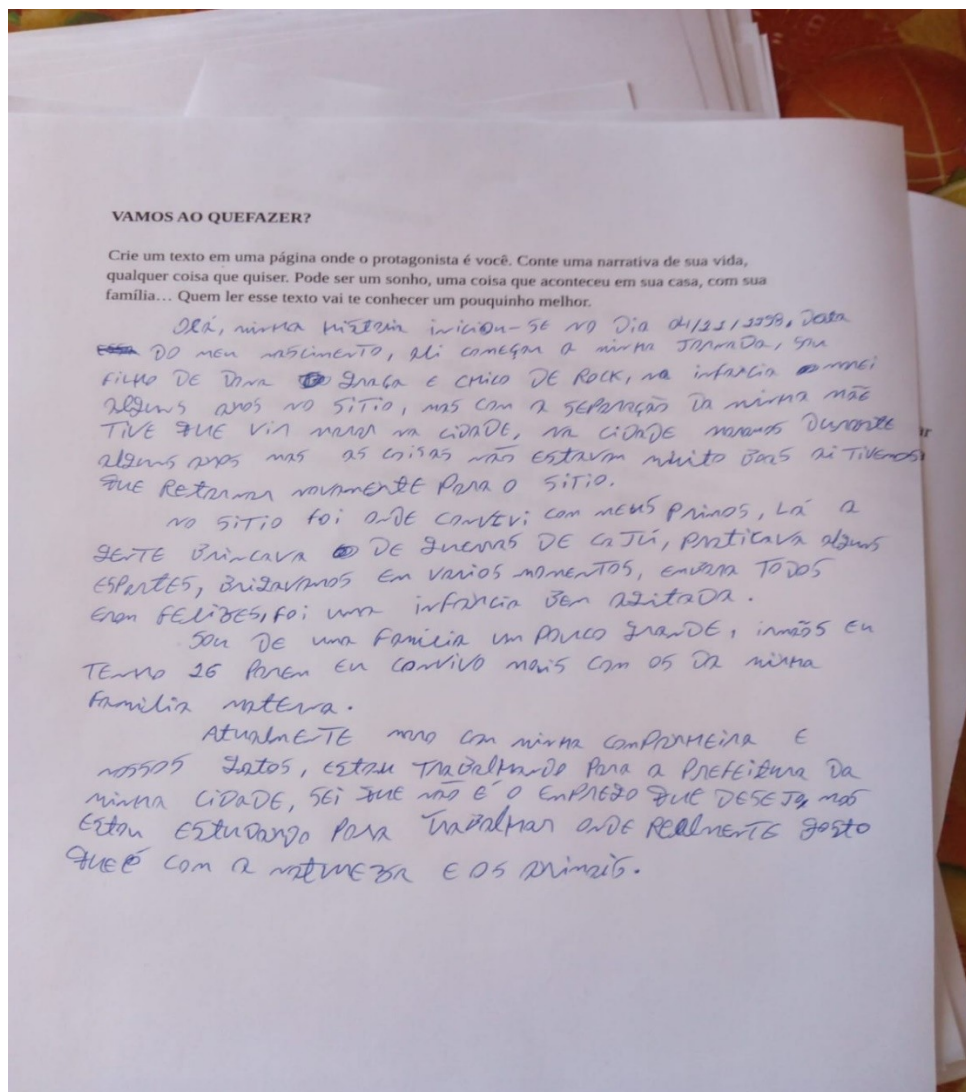


Figura 35 Texto do educando Júpter (2021)

Júpter é muito engajado nas coisas que se propõe a fazer. Quer ser veterinário, entre outros sonhos. Muito jovem, mas já é casado e possui um emprego formal na prefeitura. Júpter ficou muito animado a princípio com o jogo, também garantiu-me a feitura, porém, com a precariedade do “fazer remoto”, também acabou não conseguindo realizar os quefazeres.

Em seu texto, podemos notar uma caligrafia mais rudimentar, mas sem juízos de valor, é só uma observação, minha letra também só eu entendo. E o que dizer da letra dos médicos?

Com esse depoimento de Júpter, senti-me contemplado com o objetivo do quefazer, que é falar de si através de palavras escritas. Falar de si imerso em observação e reflexão.

Fazendo uma análise crítica geral sobre os conteúdos que foram produzidos nessa experiência, pode-se perceber que a simplicidade com que se expressam essas pessoas é denominador comum entre elas. É algo comum a todas as pessoas que tem um acesso limitado. Eu não posso conhecer novas palavras e expressões se eu não ler, eu não posso entender o movimento surrealista ou tropicalista se eu não acesso às obras, se eu não ouço música. A gente se expressa e se relaciona a partir do que vemos, imaginamos, sabemos, pensamos, intuimos, conhecemos. O nosso campo simbólico aumenta quando temos contato com novos conhecimentos, novas pessoas, lugares. Percebendo meus queridos “planetas”, vemos que não há sofisticação na linguagem, não há uso de figuras (metáforas, metonímias, hipérboles, etc), ambiguidades, floreios, invenções; é uma estética precária. O “papo” é muito reto, de todas as envolvidas nesta escrevivência. O que desvela um discurso demasiadamente honesto e despretensioso. Podemos falar também em ingenuidade, porém, acompanhada, nesse caso, de consciência e autoconhecimento. Essas pessoas sabem o lugar que ocupam, o tamanho do mundo, os direitos humanos dos quais são infringidos, as desigualdades sociais que nos acometem; por saber disso, estão na escola buscando amplitude, buscando a transformação ainda que em pequeno raio de ação. Essa é a micropolítica existente nesse pequeno recorte.

Diante da experiência que vivi durante esses meses todos com a EFA Jaguaribana Zé Maria do Tomé, convivendo virtualmente com os educadores, educandos, coordenadores e diante dos materiais que pude recolher e mapear dessas cinco pessoas planetas, o que posso inferir é que um projeto político pedagógico necessita de bases muito sólidas para ganhar corpo. Temos as ferramentas, mas não tivemos a estrutura viável. Pelas plataformas digitais, mídias virtuais, não conseguimos sair muito do lugar, por carecimento tecnológico, porém, reconheço que fomos a outros lugares que foram tão importantes quanto chegar aonde queríamos. Se nós tivéssemos tido a possibilidade de fazer encontros presenciais, conseguiríamos desenvolver as questões abordadas no portfólio, sobretudo porque é um jogo e sempre é melhor brincar acompanhado. Acredito que a exclusão digital pode interferir bastante em qualquer processo epistêmico. Se não conseguimos acompanhar as novas tecnologias, acabamos criando abismos ainda maior entre aqueles que tem e os que não tem acesso.

Sinto-me contemplado por esta pesquisa no sentido de que essa ação foi apenas o começo para que eu pudesse estar em tensionamento com a academia, com a UFRJ, com a Escola Família Agrícola, com o sertão do meu Ceará e com um pequeno recorte da nossa linda juventude camponesa. A educação do campo ainda é muito jovem, quero segurar em sua mão e vê-la amadurecer.

Nessa travessia de quase um ano, o mais importante ainda posso dizer que foi o processo, mais do que o resultado, pois a vida continua e seguimos sem respostas prontas e imediatas. Temos cartografada aqui nessa escrevivência, um período muito difícil de continuidade na educação do campo, momento de isolamento social e crise sanitária, porém, chegamos até aqui e ainda estamos vivos.

A educação do campo começou a se estabelecer há algumas décadas como ato de resistência dos povos do campo, das florestas e das águas. O “campo” não se refere somente ao território do campo, dos roçados, campo aqui tem a conotação mais ampla, representa todas as populações que não fazem parte das cidades e dos grandes centros urbanos. Em um momento de crise planetária, onde estamos subordinados a um governo declaradamente contra as minorias, como podemos nos guarnecer de instrumentos para continuar resistindo? Catherine Walsh, uma das principais teóricas da decolonialidade, acredita que:

São esses momentos complexos de hoje que provocam movimentos de teorização e reflexão, movimentos não lineares, mas serpentinos, não ancorados na busca ou projeto de uma nova teoria crítica ou mudança social, mas na construção de caminhos – de ser, pensar, olhar, ouvir, sentir e viver com um sentido ou horizonte de (s)colonial. (p.24)

E complementa com intuito de esclarecer ainda mais sua ideia:

Refiro-me a caminhos que necessariamente evocam e trazem à mente uma longa duração, ao mesmo tempo em que sugerem, apontando e exigindo práticas teóricas e pedagógicas de ação, caminhos que em sua caminhada ligam o pedagógico e o decolonial (p.25).

A esta altura convoco Walsh às minhas reflexões porque sei que os novos projetos políticos, sociais, éticos e pedagógicos dos quais necessitamos não é uma problemática apenas do Brasil, vivemos uma crise civilizatória ocidental e crise de poder. Existem movimentos na Latino América que há décadas lutam em vários aspectos, conceitualmente, teoricamente, ativamente contra práticas anti-humanas geradas por forças capitalistas e pela colonização epistêmica e eurocêntrica. Por isso o engajamento sociopolítico,

intelectual, cultural e ético por uma “descolonização”. Quais novos saberes devemos implementar em nossos campos simbólicos? Nossos, que eu digo, do povo, das camadas sociais subordinadas, das minorias sem acesso à informação e aos direitos básicos. Quais novas lutas devemos travar para que os povos do campo não sucumbam ao agronegócio, à guerra sem escrúpulos que desterritorializa e assassina pessoas comuns? Walsh diz que:

Lutas sociais também são cenários pedagógicos onde os participantes exercem suas pedagogias de aprendizagem, desaprendizagem, reaprendizagem, reflexão e ação. É apenas para reconhecer que as ações destinadas a mudar a ordem do poder colonial começam muitas vezes a partir da identificação e reconhecimento de um problema, anunciar discordância e oposição à condição de dominação e opressão, organizada para intervir; o propósito: derrubar a situação atual e tornar algo possível. Tal processo de ação, tipicamente realizado coletivamente e não individual, oferecem reflexões e ensinamentos sobre a própria situação/condição colonial e o projeto inacabado de descolonização, ao mesmo tempo em que prestam atenção às práticas políticas, epistêmicas, experienciais e existenciais que lutam para transformar os patronos do poder e os princípios sobre os quais o conhecimento, humanidade e própria existência foram circunscritos, controlados e subjugados. As pedagogias, nesse sentido, são as práticas, estratégias e metodologias que se misturam e são construídas tanto na resistência quanto na oposição, bem como na insurgência, quilombola, afirmação, re-existência e re-humanização. (p.29)

Essas frentes de lutas (des)coloniais organizadas a partir do diálogo entre vários movimentos latino-americanos, surgiram a partir da década de 90, mas sabemos que a questão as lutas sociais e os processos de desterritorialização existem há séculos. Não é interessante ao governo brasileiro, ao agronegócio, à tecnocracia, às grandes empresas, latifúndios, indústrias, que pessoas do campo ocupem territórios que podem vir a dar lucro o que por um motivo ou outro inibam o projeto de desmatamento e poluição das florestas, mares e rios em nome do lucro e do capital. Se o poder hegemônico não tem interesse em manter essas pessoas nesses territórios, uma escola é uma câmara de gás para seus interesses. O plano é deixar o povo na ignorância e destituído de moradia, alimentação, saúde, lazer, arte, cultura e saber. Freire (1995) nos sugeriu que:

É interessante observar a posição do dominador, seja ele uma pessoa, seja ele um grupo, seja ele uma classe, seja ele uma massa ou, dependendo, seja ele uma nação diante do dominado. A pergunta que se faz é sobre a relação dialética entre espoliadores e espoliados. Uma das características fundamentais do processo de dominação colonialista ou de classe, sexo, tudo misturado, é a necessidade que o dominador tem de invadir culturalmente o dominado. (p.28)

Fica claro pra mim a reposta do porquê as escolas do campo e qualquer manifestação genuína que advenha do povo, seja execrada pelo domínio da cultura de massa, pelas

grandes mídias, pelos empresários, donos de terra, políticos, banqueiros. O medo da hegemonia é que o povo acorde, tenha a multipercepção do poder que possui, se revolte. Afinal, é da classe trabalhadora, dos oprimidos, que vem a força de trabalho que move a economia do país. Não é a toa que no governo bolsonarista tentaram implementar a Educação Sem Partido. A dominação colonialista estabelece, às vezes com violência, sua presença para que o povo não se mobilize. Freire ainda argumenta que:

a invasão cultural é fundamental porque ela pensa no poder, ora através de métodos violentos, táticos, ora através de métodos cavilosos. O que a invasão cultural pretende, entre outras coisas, é exatamente a destruição, o que felizmente não consegue em termos concretos. É fundamental ao dominador: triturar a identidade cultural do dominado. (p. 28)

Enquanto existir tantas desigualdades no mundo, acho difícil que os direitos humanos garantidos pela constituição sejam de fato uma realidade e não uma abstração. Há séculos vivemos uma cultura de extermínio de culturas. É preciso uma intervenção que mobilize toda a gente. É inconcebível ficar calado diante de tanto retrocesso, fome, pobreza, destruição do nosso habitat, exploração de crianças, mulheres, assassinatos brutais, cerceamento da liberdade, genocídio, intolerância religiosa, alienação, corrupção, ódio e uma porção de coisas que aos poucos vão nos desumanizando. Talvez, com essa desumanização, nem chegaremos a ocupar o status de animais; nos tornaremos qualquer coisa de ruim que mata o próprio semelhante e destrói o próprio lugar que habita; que impede suas crianças a frequentarem a escola e de conhecerem o mundo através do saber; que extermina os povos originários, matas, bichos, florestas, mares e rios e, sem parcimônia é capaz de matar a própria mãe.

Vamos acabar assim:

Sem poesia, sem frase de efeito, sem imagem, sem música.

Eu não queria desesperançar. Mas assim acabamos:

Sem fé, sem educação, sem deuses, sem cultura, sem prazer, sem futuro, sem amor.

8. PRA FINALIZAR COM DESEJO DE RECOMEÇAR

Página passada eu morri, mas nessa página eu não morro. Termino essa escrivência sem saber nomear muito bem a experiência que eu tive, que estou tendo ao me aproximar da escola do campo, mas especificamente, da Escola Família Agrícola Jaguaribana Zé Maria do Tomé. Todas as pessoas que trabalham com educação me disseram: trabalhar no chão da escola é muito frustrante. Não é só o nosso desejo que tá em jogo, temos leis, diretrizes, questões externas que fazem nossos planejamentos caírem por terra, temos o fator humano, os humores, as expectativas, as carências, os défices, as impossibilidades, mas também, pelo amor de Dadá... os sonhos, a utopia! A utopia que às vezes quer virar sinônimo de ilusão ou ingenuidade, mas que não, não farão isso com a minha utopia. Eu olho pras pessoas na rua passando muitas necessidades e isso mexe de forma demasiada com minha saúde mental, com minha esperança no ser humano. Acho lindo olhar pra uma pessoa que ainda umedece os olhos. Eu umedeço os meus. Eu nunca vou deixar de me sensibilizar com o outro. Faço o possível para ter uma existência gratificante pra mim e espero poder contribuir com outras pessoas para que suas existências também sejam boas. A vida é tão linda e eu tenho tanta pena de morrer... Pode ser muito melhor se a gente se junta. Espero poder plantar através da arte e da educação uma bela contribuição para as pessoas ao meu redor e para o meu planeta sofrido, o bichinho... E vou terminar agora, de fato, com a palavra que mais gosto de todas:

SAUDADE.

(Sinto saudade de um mundo que ainda não aconteceu)

REFERÊNCIAS

ALENCAR; FLEITH. *Criatividade: Múltiplas Perspectivas*. Brasília: Editora Universidade de Brasília. 2003

BARBOSA, Ana Mae. "Arte, educação e cultura." *Revista Textos do Brasil* (2004).

_____. *Tópicos Utópicos*. Belo Horizonte: Ed. Com Arte, 2016.

BOAL, Augusto. *Teatro do Oprimido e outras poéticas políticas*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira: 1988.

_____. *Jogo para atores e para não-atores com vontade de dizer algo através do teatro*. 2 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998.

CALVINO, Ítalo. *Seis propostas para o próximo milênio: lições americanas*; tradução: Ivo Barroso. – São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CAMPOS MAMEDE MAIA, Maria Vitória. "MEU DEUS! UM ELEFANTE ROSA!": BREVES REFLEXÕES SOBRE A QUESTÃO DA CRISE DOS PARADIGMAS NA CONTEMPORANEIDADE. *POLÊM!CA*, [S.l.], v. 12, n. 2, p. 203-217, jun. 2013. ISSN 1676-0727. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/polemica/article/view/6321/4832>>. Acesso em: 21 set. 2021. doi:<https://doi.org/10.12957/polemica.2013.6321>.

CARNEIRO, Maria José; CASTRO, Elisa Guaraná. *Juventude rural em perspectiva / organizadoras: Maria José Carneiro, Elisa Guaraná de Castro*. – Rio de Janeiro: Mauad X, 2011.

CARVALHO, Ana Maria Sá de. Portfólio na educação. *Revista de Letras*, Fortaleza, v. 23, n. 1/2, p. 97-101, jan./dez. 2001.

CORREA, Aline Mesquita. *Escola Família Agrícola de Santa Cruz do Sul: pedagogia da alternância e possibilidades emancipatórias/ Aline esquita Corrêa*. - 2016. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade de Santa Cruz do Sul. 2016. Orientadora: Profª Drª Cheron Zanini Moretti.

COSTA, Luciano Bedin da. Cartografia, uma outra forma de pesquisar. *Revista digital do LAV*. Santa Maria, UFSM. Vol. 7, n. 2 (maio./ago. 2014), p. 65-76

Dicionário de Educação do Campo. / Organizado por Roseli Salette CALDART, Isabel Brasil Pereira, Paulo Alentejano e Gaudêncio Frigotto. - 2. ed. Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2002.

Dossiê educação do campo: documento 1998 – 2018/ Clarice Aparecida dos Santos... [et al., organização]. - Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2020

EVARISTO, Conceição. "Escrevivências da afro-brasilidade: história e memória." *Releitura*, Belo Horizonte 23 (2008): 1-17.

FLICK, Uwe. *Introdução à metodologia de pesquisa: um guia para iniciantes/ Uwe Flick*; tradução: Magda Lopes; revisão técnica: Dirceu da Silva. - Porto Alegre: Penso, 2013.

FREIRE, Paulo. *Educação como prática da liberdade*. 18ª Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

_____. *Pedagogia da esperança: um reencontro com a Pedagogia do oprimido*, 4ª. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

_____. *Pedagogia do oprimido*. 36. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003.

_____. *Extensão ou comunicação?* 13. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2006.

_____. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

_____. *Ação cultural para a liberdade e outros escritos*. 14 ed. rev. atual. – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

GELFER, J. I.; PERKINS, P. G. Portfolios: focus on young children. *Teaching Exceptional Children*, v. 31, n.2, p. 44-47, Nov./Dez. 1998

GIL, A. C. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

HERNANDEZ, Fernando. *Cultura visual, mudança educativa e projeto de trabalho*. Porto Alegre: Artmed, 2000.

IRELAND, Timothy; PONTUAL, Pedro. *Educação Popular na América Latina: diálogos e perspectivas* / Pedro Pontual, Timothy Ireland (organizadores). – Brasília: Ministério da Educação: UNESCO, 2006

MALATESTA, Errico. *Entre camponeses*; [tradução e organização de Plínio Augusto]. São Paulo: Hedra, 2009

MINAYO, M. C. S. *O desafio do conhecimento: Pesquisa qualitativa em saúde*. São Paulo: Hucitec, 2013.

MOSQUERA, J. J. M., & Stobaüs, C. D. (2006). Afetividade: a manifestação de sentimentos na educação. *Educação*, 29(1). Recuperado de <https://revistaseletronicas.pucrs.br/index.php/faced/article/view/438>

OSTROWER, F. *Criatividade e processos de criação*. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 1989.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. *Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico*. 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

RANCIÈRE, Jacques. *O espectador emancipado*; [tradução José Miranda Justo]. – Lisboa: Orfeu Negro, 2010.

ROLNIK, Suely. *Cartografia sentimental: Transformações contemporâneas do desejo*. São Paulo: Estação Liberdade, 1989.

RUFINO, Luís; SIMAS, Luís Antônio. Encantamento (Sobre Política de Vida). Mórula Editorial, 2020.

SALTINI, Cláudio J. P. Afetividade e Inteligência. 5ª Ed. - Rio de JANEIRO: Wak Ed., 2008

SOARES, Lissandra Vieira; MACHADO, Paula Sandrine. "Escrevivências" como ferramenta metodológica na produção de conhecimento em Psicologia Social. **Rev. psicol. Polít.**, São Paulo, v. 17, n. 39, p. 203-219, ago. 2017. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-549X2017000200002&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 30 jun. 2020.

Santos, Hellen Thaís; Garms, Gilza Maria Zauhy. Método autobiográfico e metodologia de narrativas: contribuições, especificidades e possibilidades para pesquisa e formação pessoal/profissional de professores. CONGRESSO NACIONAL DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES, 2.; CONGRESSO ESTADUAL PAULISTA SOBRE FORMAÇÃO DE EDUCADORES, 12., 2011, Águas de Lindóia. Anais 2. Congresso Nacional de Professores 12. Congresso Estadual sobre Formação de Educadores... São Paulo: UNESP; PROGRAD, 2014. p. 4094-4106 Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/141766>>.

TOLEDO, Renata Ferraz de; JACOBI, Pedro Roberto. Pesquisa-ação e educação: compartilhando princípios na construção de conhecimentos e no fortalecimento comunitário para o enfrentamento de problemas. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 34, n. 122, p. 155-173, mar. 2013. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73302013000100009&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 28 ago. 2020. <https://doi.org/10.1590/S0101-73302013000100009>.

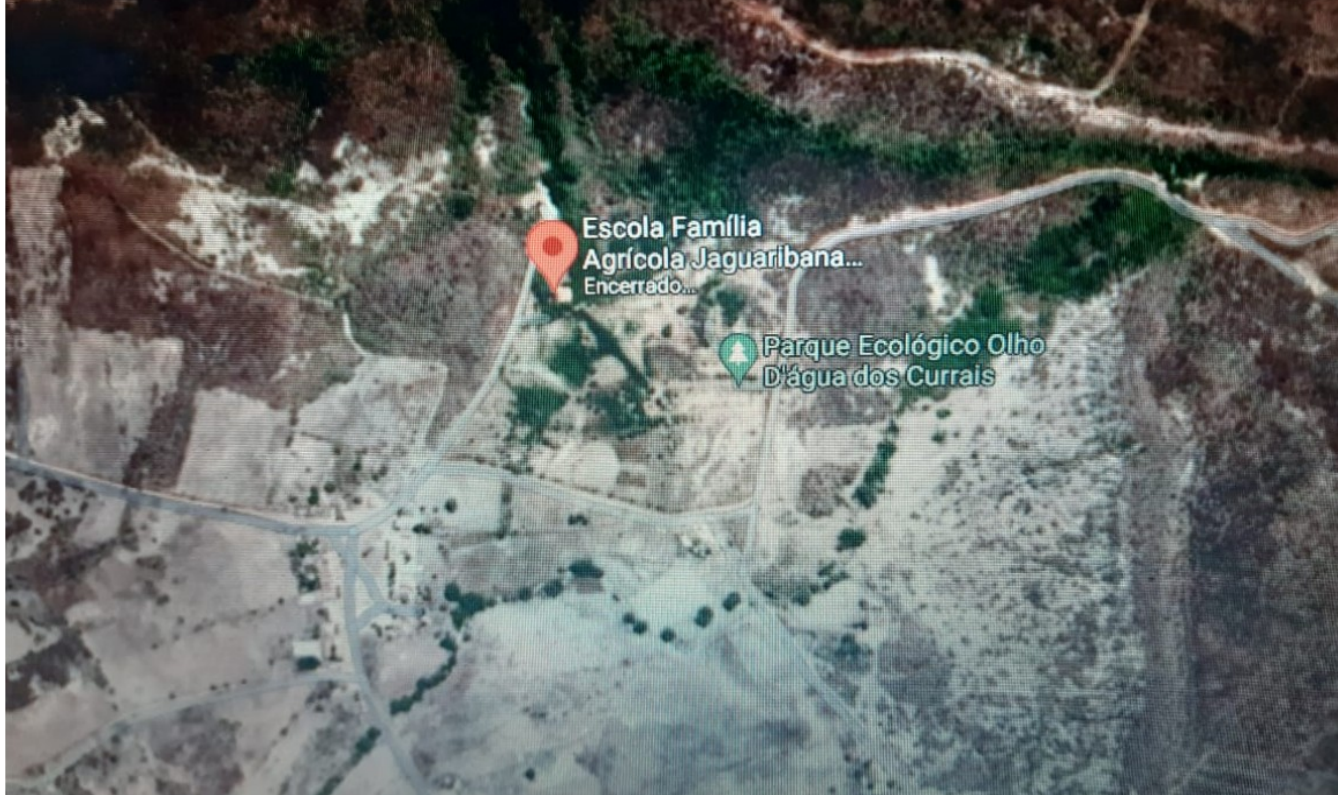
VIGOTSKY, Lev Semenovitch. Imaginação e Criatividade na Infância. Ensaio de Psicologia. Tradução do russo, introdução e notas de João Pedro Fróis. Dinalivro, Lev Semenovitch e Joao Pedro Fróis, 2012.

WINNICOTT, D. W. A família e o desenvolvimento do indivíduo. 2. ed. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

_____. *O brincar e a realidade*. Tradução de José Octávio de A. Abreu e Vanede Nobre. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

ANEXOS





Viçosa. Morei cinco anos em Minas; conheci e me aproximei dos movimentos sociais, do MST, da Escola Família Agrícola, da agroecologia, da agricultura familiar, das representatividades quilombolas. Mudei para a cidade do Rio de Janeiro, onde fui trabalhar com uma das coreógrafas mais importantes do Brasil, Lia Rodrigues. Com a companhia de Lia, durante 7 anos, tive a oportunidade de excursionar por diversos países, atuando nos principais festivais e mostras de artes cênicas da Europa, do Canadá, do Japão e do Brasil. Depois que encerrei essa trajetória com Lia, e também enquanto fazia projetos pessoais em paralelo, resolvi voltar para a academia entrando no programa de pós-graduação em Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, na linha de pesquisa Inclusão, Ética e Interculturalidade. Orientado pela professora doutora Maria Vitória Campos Mamede Maia, e amparado pelo grupo Criar e Brincar: o Lúdico no Processo de Ensino e Aprendizagem – LUPEA, comecei a desenvolver o projeto PORTFÓLIO AFETIVO DO SERTÃO, onde a ideia principal é aplicar um jogo de quefazeres (tarefas) na Escola Família Agrícola para que possamos observar como esse material pedagógico que reúne atividades artísticas, criativas e lúdicas pode contribuir no processo educativo das escolas do/no campo. Sobretudo, queremos que esse jogo seja uma diversão. São 20 proposições, algumas mais simples outras mais complexas de fazer. Não precisam fazer na ordem sugerida, podem começar pelas tarefas que tiverem mais facilidade. Não existe certo nem errado. Queremos conhecer um pouco de vocês pelo avesso. As artes têm essa qualidade e potência, são reflexos de nossa alma e de nossos sentimentos. Espero que gostem, que brinquem e que reflitam sobre essa dádiva divina que é estar vivo. Como diz a companheira Adelita, sigamos firmes com o sangue quente, a mente fria e o coração revolucionário.

PORTFÓLIO AFETIVO DO SERTÃO

O material que segue é um jogo de quefazeres (tarefas) promovendo o autoconhecimento, o estímulo a criatividade, a socialização e a amorosidade em casa, na comunidade, na escola. Não é um jogo competitivo, não tem pontuação nem prêmio. É um jogo que afeta e é afetivo. A partir dele podemos sentir alegria, tristeza, saudade, amor, raiva, melancolia, dor; também pode despertar e colaborar para que sejamos mais cuidadosos com nós mesmos e com o outro, nosso semelhante. O principal objetivo desse jogo é promover a expressividade, a diversão e a sensibilidade. Não tem certo e não tem errado. As linguagens artísticas, a música, o audiovisual, o teatro, a dança, a literatura, as artes visuais, têm o espírito livre, são o reflexo de nossa alma, o modo como ressignificamos e lemos o mundo por um viés mais lúdico e poético. Como disse a escritora e poetisa Cecília Meireles: “a vida só é possível reinventada”. Esse jogo é um convite para reinventarmos mundos possíveis.

Convidamos vocês a olhar a vida por essa perspectiva da arte e da criatividade para que possamos refletir sobre nossa realidade e nossas possibilidades de ação e transformação no mundo. “O mundo não é, o mundo está sendo”, sugeriu Paulo Freire.

Como podemos ser sujeitos que agem sobre e com o mundo, sobre o que está ao nosso alcance, ao nosso redor?

Esse jogo é individual; todas os quefazeres serão colecionados em um portfólio. Alguns quefazeres (podcast, fotografia digital, audiovisual) serão compartilhados pelo whatsapp, e-mail ou hospedadas no youtube.

Outros quefazeres sugerem a participação de outras pessoas que possam colaborar com você: sua mãe, irmão, alguém que more com você, um vizinho, uma amiga. No contexto pandêmico convide somente quem está em seu convívio. Se estiver isolado sozinho, adapte os quefazeres de modo que os faça sozinho. Sem pandemia, convoque quantas pessoas quiser.

Mesmo se encontrar alguma limitação para executar algum quefazer, procure não abandoná-lo. Faça do jeito que puder e conseguir. Nenhuma regra ou enunciado desse jogo é fixa.

Sobretudo: divirtam-se.

Obs.: QUEFAZER é a mesma coisa que TAREFA. QUEFAZERES=TAREFAS. Para não ter o ‘peso’ de uma tarefa, vamos fazer o que tem pra ser feito e o que podemos... com desejo e alegria.

SAÚDE E SORTE.

1.QUESTIONÁRIO AFETIVO

Responder por escrito.

Materiais utilizados: papel e caneta.

Nome:

Data de nascimento:

Nome dos pais:

Tem irmãos? Nomes e idade:

Cidade onde nasceu e cidade onde mora:

Quem mora com você?

Qual a sua cor favorita?

Uma música:

Um cantor:

Uma cantora:

Uma banda musical:

O filme da sua vida, o preferido:

Um artista:

Uma frase que melhor te denomina:

Gosta de ler? Quais livros já leu? Qual foi o que mais gostou?

Qual o seu maior sonho?

Qual foi sua maior decepção na vida até agora?

Você tem medo de quê?

Te algum sonho recorrente? Descreva-o.

Se pudesse escolher algum jeito de morrer, como seria?

Se pudesse convidar qualquer pessoa do mundo inteiro pra jantar, quem seria?

O que mudaria em você, tanto em sua personalidade como em seu corpo? Ou não mudaria nada?

Qual sua maior qualidade e maior defeito?

O que você gosta de comer que mais te dar prazer?

Qual a sua relação com Deus? Tem alguma religião, crença?

Qual a sua relação com a natureza?

Em cinco linhas descreva como seria o melhor mundo possível pra você.

VAMOS AO QUEFAZER?

Crie um texto em uma página onde o protagonista é você. Conte uma narrativa de sua vida, qualquer coisa que quiser. Pode ser um sonho, uma coisa que aconteceu em sua casa, com sua família... Quem ler esse texto vai te conhecer um pouquinho melhor.

2 .DOIS DESENHOS

Materiais utilizados: papel, caneta, lápis de cor, canetinha.

Vá a um lugar próximo de sua casa, pode ser o quintal, um terreno próximo, um lugar onde seja aberto e você possa ficar sozinho. Vá protegido, com máscara por causa da covid. Vá sozinho. Leve folhas em branco, lápis, caneta, material para desenho. Se possível leve um banco ou um pano onde possa sentar-se. Escolha um lugar especial, contemple esse lugar, a paisagem. Escute o silêncio. Olhe pra tudo. Faça dois desenhos. Um desenho do que você está sentindo nesse momento de contemplação e um outro desenho da paisagem que você vê.

*DESENHO 1
(O QUE SENTE AGORA)*

*DESENHO 2
(O QUE VÊ)*

3.UM CONTO ou UMA CRÔNICA

CONTO:

O conto é uma narrativa curta. Pode ser algo Júlio Casares e Cortazar aceitam três acepções para a palavra *conto*: 1) relato de um acontecimento; 2) narração oral ou escrita de um acontecimento falso; 3) fábula que se conta às crianças para diverti-las. Observando esses aspectos percebe-se que todas são narrativas e como tal há sempre algo a narrar, é de interesse humano e tudo está circunscrito a uma unidade de ação. É preciso ter um momento especial na história, o que podemos chamar de “clímax”. O conto tem um tamanho pequeno, o que o diferencia da novela e do romance, por isso também, geralmente tem poucos personagens e poucos acontecimentos, o que deixa o “clímax” ainda mais evidente.

CRÔNICA:

A crônica literária, assim como o folhetim, tem suas origens na prosa francesa do século XIX. Filhos do jornal, tais gêneros surgem na época em que os veículos de comunicação se tornaram massificados, com tiragens relativamente grandes e conteúdo acessível ao público inculto. A partir daí, tanto o folhetim quanto a crônica passaram a ter seu lugar garantido em praticamente todos os jornais. Todavia, enquanto o primeiro se constitui num espaço reservado às narrativas ficcionais, a crônica, em regra, é um texto com linguagem um pouco mais próxima à das reportagens, que registra e comenta a vida cotidiana da cidade, do país, ou do mundo. De acordo com a crítica Leyla Perrone-Moisés:

[A] crônica de feição moderna, [...] publicada em jornal ou revista e muitas vezes reunida em volume, concentra-se num acontecimento diário que tenha chamado a atenção do escritor, e semelha, à primeira vista, não apresentar caráter próprio ou limites muito precisos. Na verdade, classifica-se como expressão literária híbrida, ou múltipla, de vez que pode assumir a forma de alegoria, necrológico, entrevista, invectiva, apelo, resenha, confissão, monólogo, diálogo, em torno de personagens reais e/ou imaginárias etc. [...] implicando sempre a visão pessoal, subjetiva, ante um fato qualquer do cotidiano, a crônica estimula a veia poética do prosador; ou dá margem a que este revele seus dotes de contador de histórias.

UM CONTO DE CLARICE LISPECTOR

Felicidade Clandestina

(In Felicidade Clandestina. Rio de Janeiro, Rocco, 1998)

Ela era gorda, baixa, sardenta e de cabelos excessivamente crespos, meio arruivados. Tinha um busto enorme, enquanto nós todas ainda éramos achatadas. Como se não bastasse enchia

os dois bolsos da blusa, por cima do busto, com balas. Mas possuía o que qualquer criança devoradora de histórias gostaria de ter: um pai dono de livraria.

Pouco aproveitava. E nós menos ainda: até para aniversário, em vez de pelo menos um livrinho barato, ela nos entregava em mãos um cartão-postal da loja do pai. Ainda por cima era de paisagem do Recife mesmo, onde morávamos, com suas pontes mais do que vistas. Atrás escrevia com letra bordadíssima palavras como “data natalícia” e “saudade”.

Mas que talento tinha para a crueldade. Ela toda era pura vingança, chupando balas com barulho. Como essa menina devia nos odiar, nós que éramos imperdoavelmente bonitinhas, esguias, altinhas, de cabelos livres. Comigo exerceu com calma ferocidade o seu sadismo. Na minha ânsia de ler, eu nem notava as humilhações a que ela me submetia: continuava a implorar-lhe emprestados os livros que ela não lia.

Até que veio para ela o magno dia de começar a exercer sobre mim uma tortura chinesa. Como casualmente, informou-me que possuía *As reinações de Narizinho*, de Monteiro Lobato.

Era um livro grosso, meu Deus, era um livro para se ficar vivendo com ele, comendo-o, dormindo-o. E completamente acima de minhas posses. Disse-me que eu passasse pela sua casa no dia seguinte e que ela o emprestaria.

Até o dia seguinte eu me transformei na própria esperança da alegria: eu não vivia, eu nadava devagar num mar suave, as ondas me levavam e me traziam.

No dia seguinte fui à sua casa, literalmente correndo. Ela não morava num sobrado como eu, e sim numa casa. Não me mandou entrar. Olhando bem para meus olhos, disse-me que havia emprestado o livro a outra menina, e que eu voltasse no dia seguinte para buscá-lo.

Boquiaberta, saí devagar, mas em breve a esperança de novo me tomava toda e eu recomeçava na rua a andar pulando, que era o meu modo estranho de andar pelas ruas de Recife. Dessa vez nem caí: guiava-me a promessa do livro, o dia seguinte viria, os dias seguintes seriam mais tarde a minha vida inteira, o amor pelo mundo me esperava, andei pulando pelas ruas como sempre e não caí nenhuma vez.

Mas não ficou simplesmente nisso. O plano secreto da filha do dono de livraria era tranqüilo e diabólico. No dia seguinte lá estava eu à porta de sua casa, com um sorriso e o coração batendo. Para ouvir a resposta calma: o livro ainda não estava em seu poder, que eu voltasse

no dia seguinte. Mal sabia eu como mais tarde, no decorrer da vida, o drama do “dia seguinte” com ela ia se repetir com meu coração batendo.

E assim continuou. Quanto tempo? Não sei. Ela sabia que era tempo indefinido, enquanto o fel não escorresse todo de seu corpo grosso. Eu já começara a adivinhar que ela me escolhera para eu sofrer, às vezes adivinho. Mas, adivinhando mesmo, às vezes aceito: como se quem quer me fazer sofrer esteja precisando danadamente que eu sofra.

Quanto tempo? Eu ia diariamente à sua casa, sem faltar um dia sequer. Às vezes ela dizia: pois o livro esteve comigo ontem de tarde, mas você só veio de manhã, de modo que o emprestei a outra menina. E eu, que não era dada a olheiras, sentia as olheiras se cavando sob os meus olhos espantados.

Até que um dia, quando eu estava à porta de sua casa, ouvindo humilde e silenciosa a sua recusa, apareceu sua mãe. Ela devia estar estranhando a aparição muda e diária daquela menina à porta de sua casa. Pediu explicações a nós duas. Houve uma confusão silenciosa, entrecortada de palavras pouco elucidativas. A senhora achava cada vez mais estranho o fato de não estar entendendo. Até que essa mãe boa entendeu. Voltou-se para a filha e com enorme surpresa exclamou: mas este livro nunca saiu daqui de casa e você nem quis ler!

E o pior para essa mulher não era a descoberta do que acontecia. Devia ser a descoberta horrorizada da filha que tinha. Ela nos espiava em silêncio: a potência de perversidade de sua filha desconhecida e a menina loura em pé à porta, exausta, ao vento das ruas de Recife. Foi então que, finalmente se refazendo, disse firme e calma para a filha: você vai emprestar o livro agora mesmo. E para mim: “E você fica com o livro por quanto tempo quiser.

”Entendem? Valia mais do que me dar o livro: pelo tempo que eu quisesse ” é tudo o que uma pessoa, grande ou pequena, pode ter a ousadia de querer.

Como contar o que se seguiu? Eu estava estonteada, e assim recebi o livro na mão. Acho que eu não disse nada. Peguei o livro. Não, não saí pulando como sempre. Saí andando bem devagar. Sei que segurava o livro grosso com as duas mãos, comprimindo-o contra o peito. Quanto tempo levei até chegar em casa, também pouco importa. Meu peito estava quente, meu coração pensativo.

Chegando em casa, não comecei a ler. Fingia que não o tinha, só para depois ter o susto de o ter. Horas depois abri-o, li algumas linhas maravilhosas, fechei-o de novo, fui passear pela

casa, adiei ainda mais indo comer pão com manteiga, fingi que não sabia onde guardara o livro, achava-o, abria-o por alguns instantes. Criava as mais falsas dificuldades para aquela coisa clandestina que era a felicidade. A felicidade sempre iria ser clandestina para mim. Parece que eu já pressentia. Como demorei! Eu vivia no ar... havia orgulho e pudor em mim. Eu era uma rainha delicada.

Às vezes sentava-me na rede, balançando-me com o livro aberto no colo, sem tocá-lo, em êxtase puríssimo.

Não era mais uma menina com um livro: era uma mulher com o seu amante.

CLARICE LISPECTOR (1920 - 1977):

Considerada um dos maiores nomes da literatura brasileira, **Clarice Lispector** estreou com o premiado romance *Perto do coração selvagem* (1943), que mereceu atenção apaixonada da crítica, dada a singularidade de sua escrita. Além de romancista, autora dos aclamados *A paixão segundo G.H.* (1964) e *A hora da estrela* (1977), firmou-se como contista graças a títulos como *Laços de família* (1960) e *A legião estrangeira* (1964). Sua obra inclui também livros para o público infantojuvenil e um vasto número de crônicas. E é hoje amplamente traduzida e divulgada, o que faz com que seja colocada pela crítica ao lado de autores internacionalmente reconhecidos, como Virginia Woolf, Kafka e Katherine Mansfield.

UMA CRÔNICA DE CECÍLIA MEIRELES

O fim do mundo

Texto extraído do livro "Quatro Vozes", Distribuidora Record de Serviços de Imprensa – Rio de Janeiro, 1998, pág. 73

A primeira vez que ouvi falar no fim do mundo, o mundo para mim não tinha nenhum sentido, ainda; de modo que não me interessava nem o seu começo nem o seu fim. Lembro-me, porém, vagamente, de umas mulheres nervosas que choravam, meio desgrenhadas, e aludiam a um cometa que andava pelo céu, responsável pelo acontecimento que elas tanto temiam.

Nada disso se entendia comigo: o mundo era delas, o cometa era para elas: nós, crianças, existíamos apenas para brincar com as flores da goiabeira e as cores do tapete.

Mas, uma noite, levantaram-me da cama, enrolada num lençol, e, estremunhada, levaram-me à janela para me apresentarem à força ao temível cometa. Aquilo que até então não me interessava nada, que nem vencia a preguiça dos meus olhos pareceu-me, de repente, maravilhoso. Era um pavão branco, pousado no ar, por cima dos telhados? Era uma noiva, que caminhava pela noite, sozinha, ao encontro da sua festa? Gostei muito do cometa. Devia sempre haver um cometa no céu, como há lua, sol, estrelas. Por que as pessoas andavam tão apavoradas? A mim não me causava medo nenhum.

Ora, o cometa desapareceu, aqueles que choravam enxugaram os olhos, o mundo não se acabou, talvez eu tenha ficado um pouco triste – mas que importância tem a tristeza das crianças?

Passou-se muito tempo. Aprendi muitas coisas, entre as quais o suposto sentido do mundo. Não duvido de que o mundo tenha sentido. Deve ter mesmo muitos, inúmeros, pois em redor de mim as pessoas mais ilustres e sabedoras fazem cada coisa que bem se vê haver um sentido do mundo peculiar a cada um.

Dizem que o mundo termina em fevereiro próximo. Ninguém fala em cometa, e é pena, porque eu gostaria de tornar a ver um cometa, para verificar se a lembrança que conservo dessa imagem do céu é verdadeira ou inventada pelo sono dos meus olhos naquela noite já muito antiga.

O mundo vai acabar, e certamente saberemos qual era o seu verdadeiro sentido. Se valeu a pena que uns trabalhassem tanto e outros tão pouco. Por que fomos tão sinceros ou tão hipócritas, tão falsos e tão leais. Por que pensamos tanto em nós mesmos ou só nos outros. Por que fizemos voto de pobreza ou assaltamos os cofres públicos – além dos particulares. Por que mentimos tanto, com palavras tão judiciosas. Tudo isso saberemos e muito mais do que cabe enumerar numa crônica.

Se o fim do mundo for mesmo em fevereiro, convém pensarmos desde já se utilizamos este dom de viver da maneira mais digna.

Em muitos pontos da terra há pessoas, neste momento, pedindo a Deus – dono de todos os mundos – que trate com benignidade as criaturas que se preparam para encerrar a sua carreira mortal. Há mesmo alguns místicos – segundo leio – que, na Índia, lançam flores ao fogo, num rito de adoração.

Enquanto isso, os planetas assumem os lugares que lhes competem, na ordem do universo, neste universo de enigmas a que estamos ligados e no qual por vezes nos arrogamos posições que não temos – insignificantes que somos, na tremenda grandiosidade total.

Ainda há uns dias a reflexão e o arrependimento: por que não os utilizaremos? Se o fim do mundo não for em fevereiro, todos teremos fim, em qualquer mês...

CECÍLIA MEIRELES (1901 – 1964): foi uma poetisa, professora, jornalista e pintora brasileira. Foi a primeira voz feminina de

grande expressão na literatura brasileira, com mais de 50 obras publicadas. Com 18 anos estreou na literatura com o livro "Espectros". Participou do grupo literário da Revista Festa, grupo católico, conservador. Dessa vinculação herdou a tendência espiritualista que percorre seus trabalhos com frequência. Embora mais conhecida como poetisa, deixou contribuições no domínio do conto, da crônica, da literatura infantil e do folclore.

VAMOS AO QUEFAZER?

Materiais: fotografia, papel e caneta.

Escolha uma fotografia que tenha em sua casa; sua ou de uma paisagem ou da família, tanto faz. Crie uma ficção, um conto ou crônica baseada nesta fotografia. Invente uma história a partir do que a imagem te suscita. O texto tem que ter no mínimo 15 linhas.

Referências:

- GOTLIB, Nádía Batella. **Teoria do conto**. São Paulo: Ática, 1988.
<https://www.infoescola.com/redacao/cronica-literaria/> acessado em: 19/02/2021
<https://site.claricelispector.ims.com.br/> acessado em 19/02/2021
https://www.ebiografia.com/cecilia_meireles/ acessado em 19/02/2021

4. PERFORMANCE

O conceito de performance tem muitas definições. Para o nosso trabalho vamos pensar a performance de um jeito muito simples e concreto. A performance pode ser uma ação extra-cotidiana, fora do comum, diferente, estranha que você faz em determinado lugar. Por exemplo: 1. no pátio da igreja, uma pessoa para, ergue os braços para o céu e assim fica por meia hora sem nada mais fazer; 2. subo em uma árvore com um cartaz escrito: ESSA É A MINHA CASA; 3. com pó de café, pinto todo o meu corpo e olho para as pessoas; 4. risco um traço no chão, de um lado ponho alimentos, roupas e objetos que representem fartura, do outro coloco uma panela vazia e panos esfarrapados, representando como são os dois lados de uma mesma moeda, as desigualdades sociais, etc. Existem várias intervenções que podem ser tidas como performance.

Performance é algo que você faz com a intenção de levantar questões, problemas, observações sobre o mundo e sobre as pessoas. Pode usar objetos, seu próprio corpo, animais, elementos da natureza, tinta, papel. É uma expressão livre. Você intervém na realidade. Pode ser uma ação muito concreta ou várias. Pode ser poético, pode ser radical. É metáfora do cotidiano ou uma denúncia ou uma prova de risco, resistência.

Abaixo, apenas como curiosidade e exemplo, compartilho 17 propostas de performance listadas pela professora e pesquisadora Eleonora Fabião:

*Primeira: a história do homem que empurrou um bloco de gelo pelas ruas da Cidade do México até seu derretimento completo. Segunda: A história do homem que introduziu uma boneca Barbie no ânus e, com controle de sua musculatura anal e abdominal, expeliu-a lentamente na frente de uma audiência. > Ou daquele que construiu uma cela de prisão em seu apartamento/studio, trancou-se nela por um ano (365 dias e noites) e não leu, não falou, não escutou música, não se comunicou com ninguém. Contratou alguém para levar-lhe comida bem como um advogado para testemunhar o feito e guardar a chave. Permitiu visita pública de três em três semanas, num total de 18 vezes ao longo do ano. > A história de outro homem que contratou por 10 dólares/hora um desempregado que concordou em permanecer 15 dias preso por trás de um muro de tijolos contruído numa sala de museu. Através de um buraco, na altura do chão, o contratado recebia comida. > Este mesmo homem pagou 4 prostitutas viciadas em heroína para tatuar uma linha horizontal em suas costas. Colocadas lado à lado, as 4 mulheres formavam uma linha reta contínua de 1,60 cm de comprimento. Cada uma recebeu pela participação no projeto 67 dólares, o valor correspondente a um shot de heroína. Vale saber que as mesmas cobram cerca de 17 dólares por felação. > E aquele outro que convidou amigos para mastigar páginas do célebre livro *Art and Culture de Clement Greenberg*, juntou à polpa mastigada ácido sulfúrico, açúcar e bicarbonato de sódio, depositou a mistura num pote que etiquetou com os dizeres “Art and Culture” e retornou o objeto à biblioteca da San Martin’s School of Art (perdendo, nesta ocasião, seu emprego como professor nesta mesma instituição). > A mulher que tomou o metrô num sábado à noite e foi a uma livraria movimentada vestida com roupas que havia*

deixado de molho por uma semana num caldo de vinagre, leite, óleo de rícino de bacalhau e ovos. > Uma mulher que construiu uma miniatura de palco Italiano, tapou os seios nus com a maquete, e convidou os passantes na rua a tocar-lhe os peitos através das cortinas de veludo vermelho do pequeno palco. > A mulher que subiu com os pés descalços uma escada cujos degraus eram facões. > O homem que armou sua festa de aniversário na rua, partilhou seu bolo, trocou abraços e recebeu votos de felicidade de desconhecidos. > A mulher que, no Centro do Rio de Janeiro, colocou frente a frente duas cadeiras de sua cozinha, descalçou os sapatos, sentou-se, escreveu num cartaz a frase “converso sobre qualquer assunto” (ou “converso sobre saudade”, “converso sobre política”, “converso sobre amor”), exibiu-o. E, por sucessivas manhãs, conversou com diversas pessoas sobre assuntos diversos. > A mulher que convidou os espectadores a usarem nela, enquanto se manteve passiva por seis horas, inúmeros objetos, dentre eles uma rosa, uma pistola, uma bala, tesoura, mel, correntes, caneta, baton, uma câmera polaroid, faca, chicote (os objetos puderam ser utilizados livremente e a performer, que se definiu como objeto, assumiu plena responsabilidade pelos atos dos “espectadores” que chegaram a brigar entre si já que alguns queriam feri-la mortalmente e outros os impediram). > O homem negro que se sentou numa calçada cinza, exibiu três vidros de maionese branca, e tentou vendê-los por 100 dólares cada. > O mesmo homem sentou-se numa galeria de arte por três dias consecutivos vestindo o gorro vermelho do Papai Noel branco, para fazer levitar um vidro azul de leite de magnésia. Branco leite este que, como se sabe, ajuda a soltar fezes marrons seja de homens pretos, brancos, azuis ou amarelos. > A mulher que, trajando camisolão branco, usou terços de plástico cor-de-rosa-bebê para realizar desenhos de pênis no chão. (conforme veiculado em sites de notícia na internet: “Em abril de 2006, esta obra é retirada da exposição Erótica – Os sentidos da arte, promovida pelo Centro Cultural Banco do Brasil, após denúncia de um empresário que a interpreta como ofensa ao catolicismo. O grupo Opus Christi pressiona o Banco para que mantenha a exclusão da obra no próximo destino da exposição, Brasília. O então Ministro da Cultura, Gilberto Gil, condena o ato de censura. Finalmente, a direção do Banco do Brasil decide que a exposição não seguiria para Brasília por apresentar ameaças à marca e aos negócios”.) > A história da mulher que se submeteu a nove cirurgias plásticas combinando em seu rosto traços de cinco beldades da pintura ocidental: o nariz de Diana (por ser insubordinada aos Deuses e aos homens), a fronte de Monalisa (a mulher algo homem), o queixo de Vênus (a Deusa da Beleza), os olhos de Psyche (referência de vulnerabilidade) e a boca de Europa (a aventureira). > A mulher que perguntou a seus compatriotas Palestinos exilados: “se eu pudesse fazer algo para vocês, em qualquer lugar na Palestina, o que seria?” E, graças a seu passaporte norte-americano, cruzou a fronteira inúmeras vezes e atendeu os pedidos que lhe foram feitos: regar uma planta, pagar uma conta atrasada, comer doce, florir um túmulo, tirar fotografia, jogar futebol com meninos, cheirar o mar.

Estas ações foram respectivamente concebidas e realizadas pelos seguintes artistas: Francis Alÿs (2000), Denis O’Connor (1999), Theching Hsieh (1978/79), 2 ações de Santiago Sierra (2000), John Lathan (1966), Adrian Piper (1970), Valie Export (1968), Gina Pane (1971), Eduardo Flores (2002), Eleonora Fabião (2008), Marina Abramovic (1974), 2 ações de William Pope. L (1991), Márcia X (2000-03), Orlan (anos 90) e Emily Jacir (2003).

Referência: FABIÃO, Eleonora – “Performance e Teatro: poéticas e políticas da cena contemporânea” – em Revista Sala Preta n.8, São Paulo, ECA-USP, 2008.

VAMOS AO QUEFAZER?

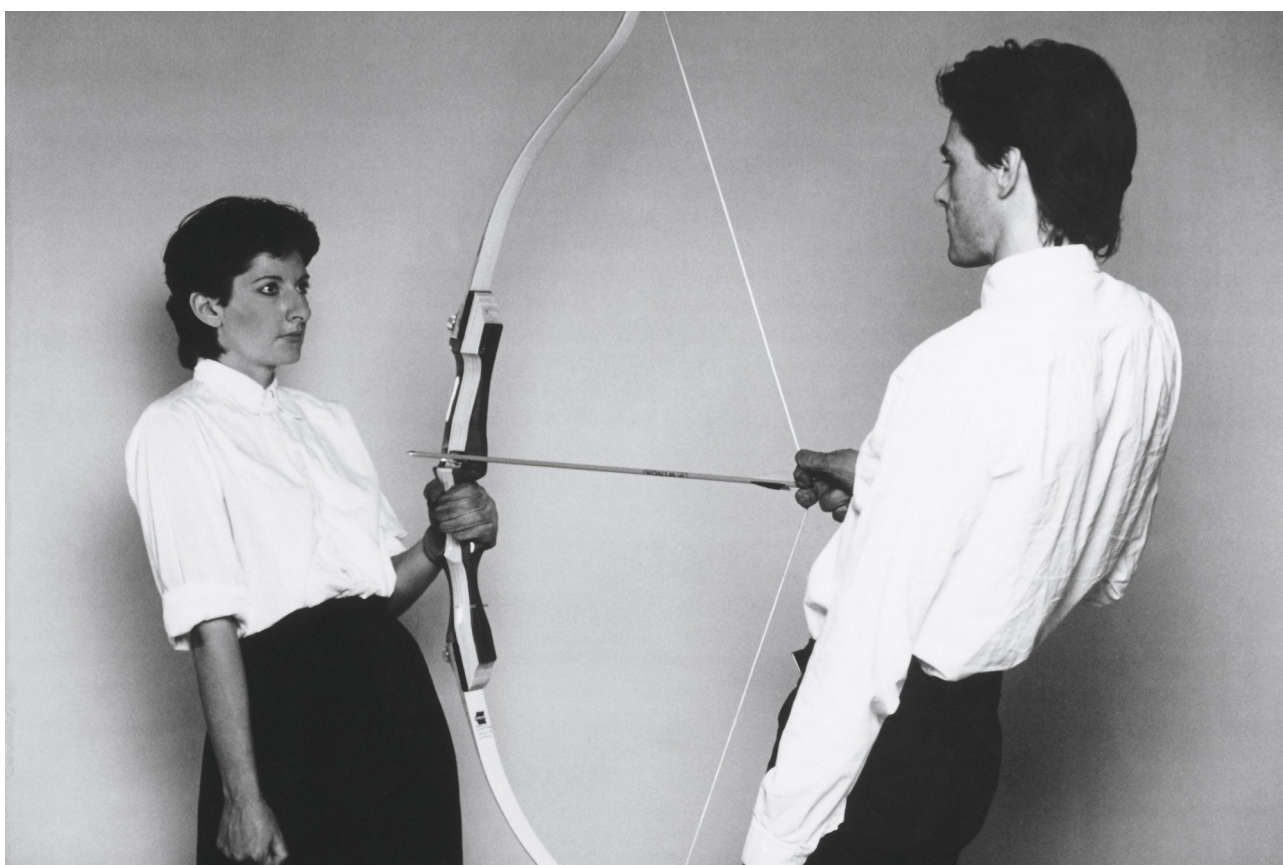
Materiais utilizados: objetos que tiverem na casa de cada um, câmera do celular ou máquina fotográfica digital

Se você fosse fazer uma performance utilizando qualquer material que você possui em casa, o que faria? Que tema abordaria? Crie um nome pra sua performance e produza uma fotografia como se fosse o cartaz de divulgação de sua performance. Crie também um textinho de 4 linhas sobre. Mande a foto para meu whatsapp com seu nome de artista, o título da performance e a foto do cartaz.





O artista recifense Paulo Bruscky em performance conceitual de 1978



Rest Energy (1980), famosa performance de Marina Abramović e Ulay



Minha imagem de homem exótico em promoção



Performance CEGOS (Desvio Coletivo)

5.

POESIA/POEMA

Assis Brasil define **POESIA** assim:

“(..) uma manifestação cultural, criativa, expressiva do homem. Não se trata de um ‘estado emotivo’, do deslumbre de um pôr-do-sol ou de uma dor-de-cotovelo; é muito mais do que isso, é uma forma de conhecimento intuitivo, nunca podendo ser confundido o termo poesia com outro correlato: O poema”.

POEMA é o “objeto” poético, o texto onde a poesia se realiza, é uma forma, como o soneto que tem dois quartetos e dois tercetos, ou quatorze versos juntos, como é conhecido o soneto inglês.

Um poema seria distinto de um texto ou estrofe. Quando essa nomenclatura definitiva é eliminada, passando um texto a ser apresentado em forma de linhas corridas, como usualmente se conhece a prosa, então se pode falar em poema-em-prosa, desde que tal texto (numa identificação sumária e mecânica) apresente um mundo mais “poético”, ou seja, mais expressivo, menos referente à realidade. A distinção se torna por vezes complexa. (...) a poesia pode estar presente quer no poema que é feito com certo número de versos, quer num texto em prosa, este adquirindo a qualidade poema-em-prosa”

POEMA DE **CECÍLIA MEIRELES**:

Motivo

Eu canto porque o instante existe
e a minha vida está completa.
Não sou alegre nem sou triste:
sou poeta.

Irmão das coisas fugidias,
não sinto gozo nem tormento.
Atravesso noites e dias
no vento.

Se desmorono ou se edifico,
se permaneço ou me desfaço,
— não sei, não sei. Não sei se fico
ou passo.

Sei que canto. E a canção é tudo.
Tem sangue eterno a asa ritmada.
E um dia sei que estarei mudo:
— mais nada.

NEGRA

A negra para tudo
 a negra para todos
 a negra para capinar plantar
 regar
 colher carregar empilhar no paiol
 ensacar
 lavar passar remendar costurar cozinhar
 rachar lenha
 limpar a bunda dos nhozinhos
 trepar.

A negra para tudo
 nada que não seja tudo tudo tudo
 até o minuto de
 (único trabalho para seu proveito exclusivo)
 morrer.

CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE

DE MÃE

O cuidado de minha poesia
 aprendi foi de mãe,
 mulher de pôr reparo nas coisas,
 e de assuntar a vida.

A brandura de minha fala
 na violência de meus ditos
 ganhei de mãe,
 mulher prenhe de dizeres,
 fecundados na boca do mundo.
 Foi de mãe todo o meu tesouro
 veio dela todo o meu ganho
 mulher sapiência, yabá,
 do fogo tirava água
 do pranto criava consolo.
 Foi de mãe esse meio riso
 dado para esconder
 alegria inteira
 e essa fé desconfiada,

pois, quando se anda descalço
cada dedo olha a estrada.
Foi mãe que me desceguiu
para os cantos milagreiros da vida
apontando-me o fogo disfarçado
em cinzas e a agulha do
tempo movendo no palheiro.
Foi mãe que me fez sentir
as flores amassadas
debaixo das pedras
os corpos vazios
rente às calçadas
e me ensinou,
insisto, foi ela
a fazer da palavra
artifício
arte e ofício
do meu canto
da minha fala.

– **Conceição Evaristo**, no livro “Poemas da recordação e outros movimentos”.
Belo Horizonte: Nandyala, 2008.

(Em anexo POESIA BIOGRÁFICA: CONCEIÇÃO EVARISTO, de Sávio Oliveira)

VAMOS AO QUEFAZER?

Materiais utilizados: papel e caneta

Crie uma poesia para sua mãe. Se você não tiver mãe, crie uma poesia como se ela existisse ou para alguém que a representa.

6.

Ficção científica

Ficção científica é um gênero literário que atualmente vem sendo muito divulgado no audiovisual (filmes, séries). Uma das obras mais conhecidas é Guerra nas Estrelas; também como exemplos podemos citar Matrix, O exterminador do futuro, Parque dos Dinossauros, Planeta dos macacos, Perdidos no Espaço, ET - O extraterrestre, Avatar, Alien, Stranger Things. Existem várias definições para ficção científica, o que podemos entender de forma mais ampla é que a narrativa dentro da ficção científica, geralmente se dá em uma condição imaginada ou em um mundo inventado, análogo ao que vivemos. Muitos cenários e ambientações da ficção científica se dão em outro planeta, no espaço em uma aeronave, no interior da terra, em outra dimensão, com personagens absurdos, seres extraterrenos, mortos, vivos, viagens além do tempo, etc. A ficção científica se diferencia da fantasia; carrega em seu conceito características que envolvem a tecnologia, a ciência, o tempo histórico, o futuro.



VAMOS AO QUEFAZER?

Materiais utilizados: papel e caneta

Crie um rascunho de uma pequena ficção-científica com personagens, situação, conflitos. Invente um novo planeta, um novo mundo. Dê nomes e personalidades aos seus personagens (no mínimo dois personagens e no máximo quantos você quiser). Desenhe seus personagens e escreva sobre eles explicitando qual a função de cada um na história: quem é o principal, quem é o vilão, quais problemas terão que resolver, o mundo está em perigo ou a humanidade, onde vivem, o que comem, quais transportes utilizam, o que dá força para esses personagens e o que atrapalha? Enfim, a história é toda sua. Uma vez que fez esse levantamento principal, escreva um diálogo entre esses personagens. Pode fazer o desenho desse diálogo ou simplesmente escrever.

RASCUNHO DA HISTÓRIA

(escreva ideias de onde se passa a história, quem são só personagens, qual o conflito, o que precisam resolver, onde se passa a história, etc)

PERSONAGENS (desenho, esboço, nome, idade, roupas que usa, o que come, características principais)

PERSONAGENS (desenho, esboço, nome, idade, roupas que usa, o que come, características principais)

DIÁLOGO ENTRE DOIS PERSONAGENS OU MAIS

(Pode ser apenas um dos momentos da história. Escreva ou desenhe pondo o diálogo em balões como numa revista em quadrinhos)

7.

TEATRO DE ANIMAÇÃO ou TEATRO DE FORMAS ANIMADAS

Breve definição: Teatro de Animação é um gênero teatral que inclui bonecos, máscaras, objetos, formas ou sombras, representando o homem, o animal ou ideias abstratas.

Marionete, boneco, figura, objeto ou forma. Qualquer que seja sua nomenclatura, estamos falando de um teatro onde o inanimado é personagem central. Assim, Teatro de Bonecos é um termo insuficiente para abranger todas as manifestações que se pretende expressar, isto é, não apenas a representação do cotidiano humano, mas também ideias simbolicamente colocadas através de objetos e formas abstratas. Daí o nome: Teatro de Animação. Teatro de Animação trata do inanimado, por isso poderia ser também chamado de teatro do inanimado. O que é o Teatro do Inanimado? Teatro do Inanimado é um teatro onde o foco de atenção é dirigido para um objeto inanimado e não para o ser vivo/ator. Objeto é toda e qualquer matéria inerte. Em cena representa o homem, ideias abstratas, conceitos. Inanimado é tudo aquilo que convive com o homem, mas é destituído de volição e de movimento racional. Ao receber energia do ator, através de movimentos, cria-se na matéria a ilusão de vida, e, aparentemente, passa-se a ter a impressão de ter ela adquirido vontade própria, raciocínio. Todo ser vivo tem um centro pensante e um centro de equilíbrio. A qualquer objeto pode-se transferir vida, desde que num ponto qualquer de sua estrutura material, se localize um seu suposto centro pensante. O objeto assim simula pensar, sentir, querer, deduzir. Todo corpo tem um ponto de equilíbrio. O corpo humano tem um eixo mental e físico (cérebro e espinha dorsal) e tem membros (pernas, mãos, braços) através dos quais age e interage. Ao receber energia do ator, o objeto material também recebe um eixo central e membros, ou extensões, com os quais atua e se comunica. Animar um objeto é deixar-se refletir nele, disse Máximo Schuster.

Para ilustrar melhor o que é TEATRO DE ANIMAÇÃO, que também pode ser chamado de TEATRO DE FORMAS ANIMADAS, compartilhamos aqui um vídeo que foi resultado de uma oficina oferecida pelo grupo mineiro PIGMALIÃO ESCULTURA QUE MEXE em janeiro de 2021 por via remota, chamada DO CORPO À FORMA. Francisco Thiago, que participou da oficina como aprendiz, baseou-se em uma história escrita por ele em parceria com Aramis Assis: O MENINO BALÃO. O vídeo faz parte do processo final da oficina, não é profissional e nem está acabado, mas oferece pistas para o assunto aqui debatido.

ENDEREÇO DO VÍDEO “O MENINO BALÃO_ oficina Do corpo à forma”:

<https://www.youtube.com/watch?v=F42ub8HfxY0&t=108s>

LOGO INVENTARAM MIL APELIDOS PRA ELE COMO:

CABEÇA DE VENTO, CABEÇA OCA, BEXIGA LOKA, BRISA, ENTRE OUTROS...

MAS O QUE PEGOU MESMO FOI MENINO BALÃO!

POR CAUSA DE SUA PECULARIEDADE, NINGUÉM QUERIA SER AMIGO DO MENINO BALÃO.

TIGRE, VOCÊ QUER SER MEU AMIGO?

GRRRRRRRRRR

MUJICA, VOCÊ QUER SER MEU AMIGO?

(SILÊNCIO)

CADEIRA, VOCÊ QUER SEU MINHA AMIGA?

(SILÊNCIO)

XUXA, VOCÊ QUER SER MINHA AMIGA?

- Não!

NINGUÉM, NINGUÉM.

EM UM DIA TRISTE DE CHUVA, O MENINO BALÃO FOI PARA O CAIS E SE ATIROU NO MAR.

RESOLVEU QUE IA NADAR ATÉ ENCONTRAR UMA ILHA, SUA PRÓPRIA ILHA ONDE NINGUÉM CAÇOARIA DELE...

MAS ESSE LUGAR, ELE NÃO ACHOU... E SEUS BRACINHOS FORAM PERDENDO A FORÇA... O MENINO BALÃO À DERIVA, DESMAIOU...

QUANDO ACORDOU, O MENINO BALÃO TEVE UMA GRANDE SURPRESA...

ESTAVA EM TERRA FIRME, EM SUA ILHA... E LOGO DESCOBRIU COMO FOI PARAR ALI...

GORDITA...A BALEIA... SALVOU O MENINO BALÃO! E OS DOIS QUE SEMPRE SOFRERAM BULLING POR ONDE PASSAVAM...SE TORNARAM CÚMPLICES E AMIGOS.

TUDO FIM DE TARDE OS DOIS VIAM JUNTOS O PÔR DO SOL...E SUSPIRAVAM FELIZES., PORQUE TINHAM A AMIZADE UM DO OUTRO, SEM JULGAMENTO, SEM XINGAMENTOS E SEM PRECONCEITO.

GORDITA GOSTAVA DE CAZUZA E ADORAVA CANTAR PRO SEU AMIGO...

- E eu quero tudo
 No próximo hotel
 Por mar, por terra
 Ou via Embratel
 Ela é um satélite
 E só quer me amar
 Mas não há promessas, não
 É só um novo lugar
 Viver é bom
 Nas curvas da estrada
 Solidão, que nada
 Viver é bom
 Partida e chegada
 Solidão, que nada
 Solidão, que nada

8.

ENCENAÇÃO

Materiais utilizados: objetos de casa, roupas, câmera do celular, texto do diálogo da tarefa 6.

A partir do diálogo que você criou no quefazer 6 (ficção científica), bole uma encenação para ele.

Convide alguém da sua casa para contracenar com você. Escolha figurino, cenário, objetos de cena, trilha, use sua imaginação. Decore as falas, ensaie. Filme. Peça para alguém filmar ou deixe a câmera parada em algum apoio. Disponibilize a filmagem da cena para mim no whatsapp ou no youtube.

PARA VOCÊ E A PESSOA QUE CONTRACENAR COM VOCÊ RESPONDEREM DEPOIS DA EXPERIÊNCIA:

1.

Como foi a experiência de criar e atuar para a câmera?

2.

Quais as dificuldades e facilidades de executar essa tarefa?

3.

Faça uma autoanálise sobre sua atuação como ator ou atriz.

9.

MÚSICA

Materiais utilizados: celular (câmera ou gravador de áudio)

Escolha uma música que você gosta muito. Peça pra alguém que você também gosta para cantar para você, se ela não souber, ensine-a. Filme isso ou grave um áudio. Você também vai cantar para essa pessoa. Também filme isso ou grave um áudio

Escreva a letra da música num papel e conte por que ela é especial pra você.

Compartilhe a filmagem ou o áudio comigo no whatsapp.

LETRA DA MÚSICA E POR QUE ELA É ESPECIAL PRA VOCÊ:

10.

NARRAÇÃO

Material utilizado: celular (gravador de áudio)

Peça pra alguém da sua casa lhe contar uma história real que aconteceu com ela ou com alguém conhecido. Um fato que tenha sido curioso ou interessante, diferente. Peça a permissão e grave um áudio dessa pessoa.

Em um outro áudio, reproduza a história com suas próprias palavras. Compartilhe comigo no whatsapp. Tire uma foto que representaria essa história. Também compartilhe comigo. Dê um nome pra essa história.

11.

COLAGEM

Materiais utilizados: papel, cola, tesoura, revistas velhas, jornais, etc.

Lembre-se de uma memória forte da infância, boa ou ruim. Com revistas velhas, jornais, qualquer mídia impressa, faça uma colagem de imagens que remetam a essa memória.

12.

ENTREVISTA AFETIVA

Materiais utilizados: papel e caneta

Elabore dez perguntas que sejam da natureza da intimidade, da curiosidade. Com essas perguntas, faça uma entrevista com seu melhor amigo ou melhor amiga ou algum colega da escola. Ele ou ela respondem e você escreve as respostas abaixo das perguntas.

PENSE BEM ANTES DE ELABORAR AS PERGUNTAS. PODEM SER COISAS CURTAS E SIMPLES, MAS TAMBÉM COISAS MAIS COMPLEXAS E PROFUNDAS.

13.

DANÇA

A dança é a linguagem do corpo, todo mundo em algum momento da vida já dançou. Ou numa festa, ou em casa, ou na rua ou no clube ou até mesmo num palco. A dança é uma linguagem artística, mas também uma expressão, uma comunicação, uma atividade física. Alguns povos dançam para agradecer a colheita, a fartura, outros dançam pela fertilidade, pelo acasalamento, algumas pessoas dançam para se divertir, dançam para socializar. A dança existe desde que o ser humano se entende por ser humano. Existem registros milenares nas cavernas de pessoas organizadas em círculo, que lembram muito uma dança circular, forma tão comum nas quadrilhas de São João, por exemplo. Existem vários estilos de dança como balé clássico, hip-hop, lambada, frevo, forró, axé, flamenco, dança do ventre, jazz, sapateado, dança contemporânea, entre outras. Existem danças com música, danças no silêncio, danças codificadas, danças improvisadas. Todos podem dançar, até mesmo quem possui limitações físicas. Alguns elementos povoam a dança como: ritmo, fluidez, técnica, linhas, formas, espaço, planos, níveis, música. A dança como linguagem artística pode ser realizada com uma pessoa, duas, em grupo e até mesmo, sem ninguém em cena. Tem um espetáculo de dança da bailarina e coreógrafa Denise Stutz, onde com todas as luzes do palco apagadas ela narra no microfone a sua dança, ela não está dançando fisicamente, é só a sua voz, ela está dançando intelectualmente ou com sua imaginação. No final, depois de 40 minutos no escuro as luzes acendem e ela agradece. Isso é dança, evocou-se a linguagem. Dança é movimento, é pensamento, é sensação, é lugar de fala. No Brasil existem muitos grupos e companhias de dança de todos os estilos. Também há uma boa oferta de cursos de licenciatura e bacharelado em Dança, em Universidades e faculdades.

VAMOS AO QUEFAZER?

Materiais utilizados: câmera do celular, alguma mídia que toque música, papel, caneta.

Pesquise estilos diferentes de dança. Descreva em poucas palavras três que mais te chamaram atenção e por que. Escolha apenas um estilo de dança, do jeito que você quiser, reproduza esse estilo. Escolha uma música, prepare uma coreografia, faça sozinho ou chame alguém da sua casa ou um amigo ou amiga para fazer com você. Filme essa dança (na sala de casa, no quintal, onde quiser). Compartilhe comigo no whatsapp.

OBSERVAÇÃO IMPORTANTE: Crie sua própria coreografia, não imite coreografias que já existem, mas pode misturar os passos que quiser.

14.

TEATRO

Compartilho com vocês recortes de cenas de peças encenadas por um dos maiores grupos de teatro do Brasil: Grupo Galpão. Em anexo a essa tarefa, segue o histórico do Grupo Galpão, para quem quiser conhecer melhor esse grupo mineiro tão respeitado nas artes cênicas. As três cenas são das peças Romeu e Julieta (William Shakespeare), A comédia da esposa muda (criação coletiva do Grupo Galpão), Foi por amor (Antônio Edson e Eduardo Moreira) e Um trem chamado desejo (Luiz Alberto de Abreu).

CENA 1

(Após presenciar o assassinato de uma mulher pelo seu marido, o apresentador diz):

(APRESENTADOR): - senhoras e senhores, acabamos de assistir ao desfecho de mais um casamento “perfeito”. Ela é, desculpem, era, uma jovem e talentosa mulher que, ao se casar, abandonou sua promissora carreira de professora do Estado para se dedicar, de corpo e alma à nobre missão de constituir família. Ele é um notório profissional liberal, de renome internacional, com vários livros... Ora, mas por que tão ilustre e culta figura iria cometer um ato tão selvagem e abominável? Bem, para chegarmos à verdade, convidaremos à cena uma personagem que é velha conhecida do povo brasileiro, principalmente dos brasileiros mais pobres, aos quais ela não se cansa de estender os seus longos e poderosos braços, dando-lhes, muitas vezes, teto, cama e comida. Com os senhores, a senhora Justiça.

(Percussão. Entra de maneira solene, em pernas-de-pau e apoiado numa muleta, o ator que representa a justiça)

(trecho da peça “Foi por amor”)

CENA 2

(VESÚVIA, uma mulher que está a muito tempo calada satisfazendo seu marido):

- Me fazer ficar muda! Muito bonito! Impossível! Eu quero falar o dia inteiro, a noite inteira, vestida ou nua, de camisolinha ou toda enfeitada. Eu falo no banheiro, falo na cama, falo quando estou bebendo, rindo, comendo, chorando, cuspidando, assoando o nariz – falarei toda manhã até a noite. Falarei a 1 hora, às 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 15, 20, 24, e mesmo às 48 horas. E se eu ficar rouca, fungando com o nariz entupido, a voz cansada ou sem fôlego, eu compro pílulas, xarope, gargarejos. Eu vou encomendar toneladas, porque eu preciso falar. Eu vou falar das minhas meias, chapéus, toucados, lenços, das faixas para a minha cabeça, dos cachinhos postiços, dos enroladores de cabelo, chinchões, sobancelhas, perucas, pestanas, pálpebras, nariz, boca, dente. **(Pára para respirar)**

(Trecho da peça “A comédia da esposa muda”)

CENA 3

(ROMEU aos pés de sua JULIETA morta)

ROMEU:

Ó minha bem-amada! Ó minha esposa!
 A morte que sugou o mel do teu alento,
 Ainda não dominou tua beleza!
 Tu não foste vencida! As cores da beleza
 Carminam tuas faces e teus lábios!
 A morte ainda não pôde desfraldar
 No teu corpo o seu pálido estandarte!
 Ah! Julieta querida,
 Como podes estar tão bela ainda?
 Eu quero ficar contigo!
 Olhos, o último olhar! Braços, o último abraço!
 Lábios, porta do alento, um último beijo
 Para selar com a morte
 Um contrato sem termo!
 Vamos,
 Nojento guia, piloto alucinado, atira de uma vez.
 Teu barco fatigado pelos trabalhos
 Do mar, sobre os rochedos fragorosos!
 Ao meu amor!

(Bebe o veneno.)

Este veneno é eficaz! Morrerei num beio!

(cai)

(Trecho da peça “Romeu e Julieta”)

CENA 4

(Julieta acordando. Percebe que Romeu está morto)

(JULIETA):

Onde está o meu Romeu?
 Mas o que é isto?
 É um veneno, bem vejo,
 Que tão cedo pôs fim à sua vida!

(Bebe o frasco)

Egoísta! Bebeu tudo, sem deixar
Ao menos uma gota para mim!
Eu beijarei teus lábios! Talvez neles
Ainda reste um pouco de veneno
Que me possa salvar ao me matar!

(Beija-o)

Como os teus lábios estão quentes!

(Empunhando um punhal.)

Abençoado punhal! Eis a tua bainha!
Cria ferrugem nela e deixa-me morrer!

(Trecho da peça “Romeu e Julieta”)

CENA 5

(Seu Coisinha é um velhinho que trabalha em um teatro velho, andando pelas ruínas do teatro, devaneia sozinho):

- “Ah, se eu pudesse parar a roda do tempo e fazer retornar os minutos fugidios. Juntar os fios do passado à eternidade do presente momento. Ah, pudesse eu retornar à minha juventude, aqueles serenos dias! E sorver agora aquele sincero amor de ontem que em minh’alma como fonte se abria”. Ah, o teatro me emociona... (vê a caixa do trombone de Gracinha e a toma) Me emociona como isso! (Abre a caixa.) Dona Gracinha! Fosse eu um ator e lhe amaria como meu maior personagem!

Dona Gracinha, eu gostaria tanto de poder passear no parque com a senhora. Vê, há beijos de amor em toda parte. Deus um sorriso em cada flor entalha. Dona Gracinha, eu te darei um bosque com uma casinha dentro, com tudo de bom que há. Batedeira de bolo, cama redonda, espelho no teto... Lá nós viveremos felizes. Dona Gracinha, eu quero que vivas feliz...

(Trecho da peça “Um trem chamado desejo”)

CENA 6

A ama de Julieta é uma senhora engraçada, gordinha e enxerida. Acabou de chegar em casa com novidades de Romeu, Julieta a apressa para falar. Ama está esbaforida, abanando-se.

(AMA):

Mas que pressa! Jesus! Não pode esperar
um pouquinho? Não vês que estou cansada, que
estou sem ar?

Pois vá lá! Que escolha tu fizeste! Não podia ser pior!

Romeu! Que homem!
Apesar da cara ser das mais bonitas, tem as pernas...
mais bem feitas que qualquer
outro. E, quanto às mãos, aos pés, à estatura, apesar
de não serem lá essas coisas... são incomparáveis!
Não é nenhum primor de cortesia... mas é meigo.
como um cordeirinho, eu garanto! Segue o teu caminho, menina!
Vai com Deus!

(Trecho da peça “Romeu e Julieta”)

VAMOS AO QUE FAZER?

Materiais utilizados: textos, câmera do celular

Escolha um dos monólogos. Decore-o. Filme a sua versão para a câmera em close. Aqui o principal é o texto e o jeito que você vai escolher para falá-lo. O figurino pode ser uma roupa neutra (sem estampa, sem informações). Ex: uma camiseta de uma cor só.

Faça um outro vídeo falando sobre essa experiência de fazer um monólogo, como foi pra você e o que apreendeu do texto, da personagem.

GRUPO GALPÃO



O Grupo Galpão é uma das companhias mais importantes do cenário teatral brasileiro, cuja origem está ligada à tradição do teatro popular e de rua. Criado em 1982, o grupo desenvolve um teatro que alia rigor, pesquisa, busca de linguagem, com montagem de peças que possuem grande poder de comunicação com o público.

Sediado na cidade de Belo Horizonte (Minas Gerais), é um dos grupos brasileiros que mais viaja, não só pelo país como também pelo exterior, já tendo percorrido o território brasileiro de norte a sul e participado de vários festivais em países da América Latina, América do Norte e Europa.

Formado por 12 atores que trabalham com diferentes diretores convidados, como Fernando Linares, Paulinho Polika, Eid Ribeiro, Gabriel Villela, Cacá Carvalho, Paulo José, Paulo de Moraes, Yara de Novaes, Jurij Alschitz e Marcio Abreu, além dos próprios componentes – Eduardo Moreira, Chico Pelúcio, Júlio Maciel, Lydia Del Picchia e Simone Ordones —, que também já dirigiram espetáculos do grupo, o Galpão forjou sua linguagem artística a partir desses encontros diversos, criando um teatro que dialoga com o popular e o erudito, a tradição e a contemporaneidade, o teatro de rua e de palco, o universal e o regional brasileiro.

Sem fórmulas e sem métodos definidos, o Galpão sempre pautou sua prática por um teatro de grupo, que não só monta espetáculos, mas que se propõe também a uma permanente reflexão sobre a ética do ator e do teatro, inserido em um amplo universo social e cultural.

15.

FANZINE

Fanzine é a contração das palavras inglesas *fanatic* e *magazine*; em português, magazine (ou revista) do fã. O fanzine é uma publicação amadora, sem fins lucrativos, em geral de pequena tiragem impressa em fotocópia ou impressão a laser. É editado e produzido por indivíduos, grupos ou fãs-clubes de determinada arte, podendo estender-se a personagens, personalidades, passatempos ou gênero de expressão artística, para um público dirigido.

A principal característica do fanzine é ser uma publicação reflexiva, crítica, analítica. No entanto, há quem considere fanzine qualquer publicação independente, que circule fora do mercado editorial. Para a difusão e venda, o fanzine pode ser encontrado em livrarias ou bancas especializadas, ou ainda circular pela via postal.

O fanzine é um gênero muito livre em vários aspectos, inclusive estéticos. Você escolhe o tema, edita, corta, cola, pode usar revistas, recortes, tinta, desenho. O tamanho, o formato, o número de páginas, tudo isso, você decide. Pode escolher um nome pro fanzine, um tema gerador ou vários.

Referência: <https://midiautoral.wordpress.com/2010/06/08/fanzine/>

VAMOS AO QUE FAZER?

Materiais utilizados: papel, tesoura, cola, revistas, jornais, canetinha, etc.

CRIE SEU PRÓPRIO FANZINE.

Escolha um tema que seja pertinente, que possa provocar algum tipo de mudança em seu entorno, que fale sobre humanidade, sentimentos, questões política, ambientais, artísticas. O tema é livre, mas não pode ser algo banal, sem importância.

(Segue em anexo um modelo de fanzine, só para servir de exemplo, mas você faz o seu como quiser e no formato que quiser)

16.

TIRINHAS EM QUADRINHOS



VAMOS AO QUEFAZER?

Materiais utilizados: papel, caneta, lápis de cor, canetinha.

Baseado em tirinhas em quadrinhos como MAFALDA (Quino), Turma da Mônica (Maurício de Souza), tirinhas da Laerte, do André Dahmer, entre outros, crie sua própria tirinha e seus próprios personagens. Pode ser pequena ou grande, sobre questões do cotidiano, de comportamento ou questões políticas, a escolha é livre, mas tem que ter começo, meio e fim.

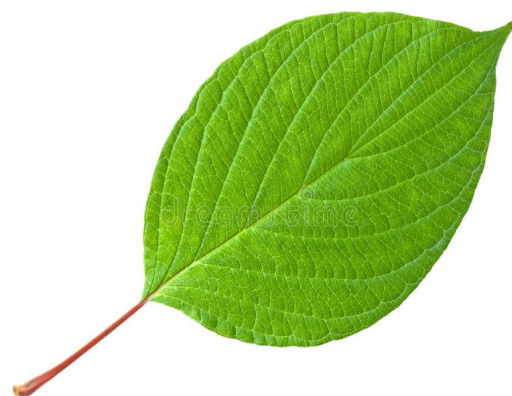
FAÇA SUA TIRINHA EM QUADRINHOS AQUI

17.

ELEMENTOS DA NATUREZA

Materiais utilizados: papel, cola, matérias orgânicas

Colha ao redor de sua casa, matérias orgânicas (folhas, sementes, pedrinhas, etc). Em um papel, crie um



‘quadro’ com os materiais que você recolheu. Também pode usar matérias orgânicas que tem na sua casa como alimentos crus (arroz, feijão, cascas de ovo, legumes, frutas, algodão). A partir da sua criação, obra, observe-a e dê um nome para ela.

18.

ARTE ENGAJADA E POLÍTICA

Leia o artigo “Arte Engajada” de Edson Vander, publicado em 2002 na revista Carta Maior.

ARTE ENGAJADA



Os movimentos artísticos tiveram um papel importante na formação do pensamento da esquerda brasileira, de onde surgiram os políticos que chegam agora ao topo da República com o presidente eleito Luis Inácio Lula da Silva. Especialmente nas décadas de 60 e 70, a música, o teatro e o cinema foram fortes elementos de aglutinação de forças políticas contrárias ao regime militar instalado no País a partir de 1964. Não sem, no entanto, passarem por um acirrado debate interno acerca dos propósitos da arte, ora defendida como “instrumento de conscientização política do povo”, ora como “manifestação livre de amarras ideológicas”.

“É difícil precisar quem influenciou quem naquela época, acho mais seguro falar em influências mútuas”, diz a socióloga Márcia Tosta Dias, pesquisadora da Unesp e autora de *Os Donos da Voz* (Boitempo, 2000), livro que virou referência no estudo da indústria fonográfica brasileira. Nele, Márcia fala sobre os principais levantes artísticos da época: o Cinema Novo, o Tropicalismo, o Centro Popular de Cultura (CPC) da União Nacional dos Estudantes (UNE), a Bossa Nova.

A pesquisadora observa que, antes do golpe de Estado de 1964, a produção cultural no País era intensa e dialogava muito com o pensamento político e social. Segundo Marcia, a partir do golpe, essa produção passa a ficar mais escondida e, em 1968, com o AI 5 (Ato Institucional Nº 5), entra na clandestinidade. Ela delinea o papel de cada movimento na época. “O Tropicalismo chega nessa época flertando com várias vertentes, do subterrâneo até o mais comercial, e atacou o regime pelo veio mais moral do que político. A Jovem Guarda tinha outra postura, também menos engajada e mais comercial”, analisa a socióloga.

Marcia Tosta cita os outros movimentos mais imersos “na luta política e ideológica”, como uma das correntes da Bossa Nova (com Carlos Lyra, Geraldo Vandré, Edu Lobo, Nara Leão, entre outros), o Cinema Novo, os teatros Opinião (de Oduvaldo Vianna Filho, o Vianninha), Arena (de José Celso Martinez Correa) e do Oprimido (de Augusto Boal). Boa parte desses movimentos cresceram no seio do CPC (Centro Popular de Cultura) da UNE (União Nacional dos Estudantes). “Havia uma discussão calorosa, mas não tão pública sobre o papel de vanguarda que esses movimentos representavam, qual seja a opção de cultivar a arte pela arte ou a arte engajada”, afirma Marcia.

Volante

“Quem era artista era artista e quem era dirigente político era dirigente político, mas claro que, com a efervescência tanto política quanto cultural que se deu no País naquela época, essas fronteiras eram quase diluídas”, defende o deputado federal Aldo Arantes (PC do B). Arantes era o presidente da UNE entre 1961 e 1962, época em que se buscava tirar a influência política dos líderes cariocas sobre a entidade e voltar as discussões do movimento estudantil para assuntos mais próximos dos estudantes de todo o País, como a reforma universitária.

Para isso, foram criadas caravanas chamadas de UNE Volante. Eram comitivas compostas na maioria por integrantes do CPC e alguns diretores da UNE que passaram a percorrer as capitais brasileiras para criar núcleos da UNE e seus respectivos CPCs. “O Glauber Rocha surgiu do CPC baiano”, cita o deputado. Aldo Arantes relembra que as discussões internas do CPC continuavam, mas agora centradas na temática conteúdo versus forma e não mais sobre opção de engajamento, já que os artistas-militantes, praticamente todos membros do “Partidão”, integravam as caravanas.

Os subsídios às discussões dessa época vinham da leitura de autores estrangeiros, principalmente os ligados à tradição humanista católica e ao materialismo histórico alemão. Eram freqüentes as reuniões que os militantes organizavam com rodas de leituras de Karl Marx, pai do marxismo, Herbert Marcuse, filósofo alemão, Teillard de Chardin, filósofo católico francês, Antonio Gramsci, cientista político italiano, Jose Martí, poeta cubano, Jean-Paul Sartre, escritor e filósofo francês, Sérgio Buarque de Holanda, historiador brasileiro, e Florestan Fernandes, sociólogo brasileiro, Frei Betto, Leonardo Boff, entre outros.

Revisão

Muito do que se discutia sobre arte engajada naquele período é ainda hoje objeto senão de discussão, de muita revisão. Alguns dos próprios artistas e intelectuais participantes daquela cena revêem opiniões a respeito do tema. O poeta Ferreira Gullar, ex-militante do CPC-UNE, relançou há pouco seu livro *Cultura Posta em Questão — Vanguarda e Desenvolvimento*, um ensaio de 1969 sobre a arte em que faz um acerto de contas com as chamadas vanguardas artísticas que preconizavam a arte engajada.

No novo livro *Eu Não Sou Cachorro, Não — Música Popular Cafona e Ditadura Militar* (Record), o historiador Paulo César Araújo defende que cantores e compositores dos anos 70 considerados cafonas (como Waldik Soriano, Odair José, Dom e Ravel, entre

outros) não eram tão alienados como foram tachados. Pelo contrário, segundo o autor, esses artistas não eram adesistas, foram censurados, tiveram de alterar versos de suas músicas e apanharam da direita. Araújo chega a colocar em xeque a afirmação de que a ditadura foi imposta de cima para abaixo sem o respaldo de muitos setores da sociedade brasileira.

Canções de protesto

Embora a canção de protesto seja um gênero que ganhou fama a partir da instalação do regime de exceção no País, ela esteve presente no imaginário dos compositores nacionais desde o início do 20. Com os irônicos compositores dos morros cariocas, a música popular brasileira consolidava a crítica mordaz de costumes, não raro com farpas à política. Noel Rosa é apontado como símbolo máximo dessa época. Alguns estudiosos chegam a afirmar que essa criação é anterior a ele.

Com o regime militar, a atuação dos movimentos universitários e uma massa urbana crescente, a população passa a contar com a canção de protesto como gênero a partir do final dos anos 50, com alguns componentes da Bossa Nova. O pico desse processo chega com o endurecimento do regime, no final dos anos 60 em diante. Algumas canções que tornaram-se célebres nos festivais de música popular brasileira dos anos 60/70 foram Zelão, de Sérgio Ricardo; Arrastão, de Vinícius de Moraes e Edu Lobo; Pra Não Dizer Que Não Falei das Flores — Caminhando, de Geraldo Vandré; Disparada, de Geraldo Vandré e Théo de Barros; Apesar de Você, de Chico Buarque, e A Banda, de Chico Buarque.

Em que pese algumas músicas de Caetano Veloso e Gilberto Gil terem ficado conhecidas como “canções de protesto” nessa época, historiadores e musicólogos (em certo sentido os próprios tropicalistas admitem) afirmam que elas não foram feitas com o propósito exclusivo de ataque ao regime político. Panis et Circense, Alegria Alegria e É Proibido Proibir foram músicas de afronta estética à visão nacional-popular vigente naquele momento histórico.

VAMOS AO QUE FAZER?

A arte engajada se manifesta de diferentes formas. Não se restringe à música. Podemos encontrar a arte engajada na dança, no teatro, nas artes visuais, no cinema, na literatura, nos quadrinhos, entre outras. Escolha um tema atual que lhe mobiliza de alguma forma. Questões como machismo, homofobia, racismo, misoginia, exclusão social, exploração infantil, desmatamento irregular, etc.

Refleta sobre essa questão e partir disso crie algum discurso artístico que combata, denuncie, problematize. Pode ser um texto, uma música, uma dança, um desenho, um curta de animação, qualquer manifestação a partir das linguagens contidas nesse jogo de tarefas.

Partilhe o que você criou em vídeo ou foto ou por escrito, a depender da linguagem escolhida.





19.

TEATRO DO OPRIMIDO

"TEATRO É UMA ARMA. UMA ARMA MUITO EFICIENTE."

- AUGUSTO BOAL

Vamos falar sobre três pontos: Augusto Boal, Teatro do Oprimido e Teatro Jornal.

Augusto Boal(1931-2009) foi um dos dramaturgos que mais contribuiu para a criação de um teatro genuinamente brasileiro e latino americano. Desde os primórdios de sua carreira, no teatro de Arena, até o Teatro do Oprimido, técnica que o tornou mundialmente conhecido, passando pelas Sambóperas, sua preocupação foi a de criar uma linguagem que pudesse traduzir a realidade do seu país, uma maneira brasileira de falar, sentir e pensar. Essa preocupação imprime ao seu trabalho uma dimensão política e social, concebendo o teatro como instrumento de transformação alicerçada na temática e na linguagem. Todos os passos percorridos por Boal foram marcadas pelo seu espírito investigativo e sua preocupação política: o teatro como resposta às questões sociais; o teatro como meio de analisar conflitos e apresentar alternativas. É autor de diversas obras literárias publicadas em vários idiomas e recebeu, durante sua vida profissional, um arsenal extraordinário de prêmios e honrarias. Tendo em vista a multiplicidade e a diversidade das contribuições dadas por Boal à cultura brasileira, bem como o caráter revolucionário de suas ações, julgamos que o contato com a sua obra sempre servirá de estímulo para o aprofundamento das linhas de pesquisa por ele elaboradas ou sugeridas.

FONTE: augustoboal.com.br

Teatro do Oprimido: A solidariedade entre semelhantes é a parte medular do Teatro do Oprimido. Criado pelo teatrólogo brasileiro Augusto Boal, nos anos 70, busca não apenas conhecer a realidade, mas a transformá-la ao nosso feitio, a transformação da sociedade no sentido da libertação dos oprimidos. É ação em si mesmo, e é preparação para ações futuras.

Atualmente presente em mais de 70 países espalhados pelos cinco continentes, o Teatro do Oprimido (TO) é uma metodologia de trabalho político, social e artístico. É baseado na ideia que todo mundo é teatro, todos os seres humanos são atores, mesmo que não façam teatro. O ser humano carrega em si o ator e o expectador porque age e observa, e o também escritor, o figurinista e o

diretor da própria peça, ou seja, da própria vida, pois escolhe como agir, o que vestir em cada ocasião e como se comportar.

O Teatro do Oprimido, de acordo com o próprio Boal, pretende transformar o espectador, com o recurso da quarta parede, em sujeito atuante, transformador da ação dramática que lhe é apresentada, de forma que ele mesmo, espectador, passe a protagonista e transformador da ação dramática. A ideia central é que o espectador ensaie a sua própria revolução sem delegar papéis aos personagens, desta forma conscientizando-se da sua autonomia diante dos fatos cotidianos, indo em direção a sua real liberdade de ação, sendo todos “espectadores”, ou seja, atores e espectadores da ação dramática e da própria vida.

Através da prática de jogos, exercícios e técnicas teatrais, procura estimular a discussão e a problematização de questões do cotidiano, fornecendo uma maior reflexão das relações de poder, através da exploração de histórias entre opressores e oprimidos. Os jogos propostos procuram desmecanizar o corpo e mente dos praticantes, alienados em tarefas repetitivas, e possuem regras como na sociedade, mas necessitam de liberdade criativa para que o jogo, ou a vida, não se transforme em obediência servil. São diálogos sensoriais que exigem criatividade e ajudam a desenvolver em pessoas de qualquer idade e profissão o sentido de humanidade criando possibilidades de observarem a si próprios.

FONTE: <http://www.arte.seed.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=208>

Teatro Jornal: O “Teatro-Jornal” foi uma forma de ação teatral desenvolvida por Boal no Teatro de Arena, em São Paulo, no período anterior a sua saída do Brasil por força da ditadura daquele momento. Desde 1956 ele dirigia o teatro de Arena, onde permaneceu por quinze anos consecutivos. Esta técnica pretende que se transforme quaisquer notícias de jornal, ou qualquer outro material sem propósito dramático, em cenas ou ações teatrais. Segue as possibilidades de trabalho com o Teatro-jornal:

“Leitura simples” - destaca-se a notícia que se pretende trabalhar, e faz uma leitura da mesma, de forma objetiva desvinculando-a da ideologia do jornal em que ela se encontra.

“Leitura cruzada” – Busca-se duas fontes da mesma notícia e faz-se a leitura de ambas ao mesmo tempo, de forma que surjam novos olhares.

“Leitura complementar” – Acrescenta-se dados/fatos que foram omitidos na notícia, para direcionar o pensamento do leitor.

“Leitura com ritmo” – A notícia é anunciada pelo canto, escolhendo-se um ritmo musical que funcione como “filtro” crítico do que se está falando.

“Ação paralela” – Cria-se cenas de mímica ou de “fiscalização” paralelamente a leitura da notícia.

“Improvisação” – explorar a maior possibilidade de improvisação de cenas sobre a notícia.

“Histórico” – Apresentar a notícia e encenar, paralelamente, cenas de fatos históricos idênticos a ela, já acontecidos em outros tempos e espaços.

“Reforço” – utilização de canto, dança, retro-projetor, jingles de publicidades e outros artifícios que reforce o que está sendo lido.

“Concreção da abstração” – Busca-se o que está implícito na notícia (normalmente fatos que oprimem) e revela na forma concreta da imagem, através de grafismos ou cenas dramáticas.

“Texto fora do contexto” – Encenar a notícia num contexto ao qual ela não caberia, como por exemplo, um pastor coberto de ouro e com vários seguranças, pregando aos seus fiéis o desapego material.

VAMOS AO QUEFAZER?

Material utilizado: câmera de celular, textos.

CRIE uma peça curta a partir de notícias atuais da internet ou da TV. Não escolha um tema banal, mas algo que possamos observar e refletir acerca de nossa realidade. Utilize alguma dessas ideias que citamos sobre o Teatro Jornal criado por Augusto Boal. Convoque sua família para participar, ou amigos próximos. Todos protegidos contra a Covid.

Filme dois momentos:

1. A peça curta com seus convidados e convidadas (pode ser um monólogo, diálogo ou uma situação com mais pessoas, a sua escolha). (De 3 a 10 minutos).
2. Um debate promovido por você sobre essa experiência. Cada pessoa fala seu ponto de vista, o que gostou mais, sobre o tema, etc. Se você fizer sozinho, fale para a câmera sobre sua experiência. (Mais ou menos 5 minutos).

20.

QUESTIONÁRIO FINAL SOBRE OS QUEFAZERES, A EXPERIÊNCIA e mais algumas curiosidades

1. De todas as coisas que você fez, o que mais gostou? O que menos gostou? Por quê?
2. Para você, qual a função da arte na vida das pessoas?
3. Como você era antes dessa experiência e como você é agora? Sentiu algo diferente? Se sim, o quê?
4. O que você faria se fosse presidente da república?
5. Como é a escola ideal pra você?
6. Você se acha criativo? Qual foi a coisa que você pensou ou inventou ou criou que você considera mais criativa de todas?
7. Para você, a arte salva? Se sim, por quê? Se não, por quê?
8. Se fosse possível que tipo de obra artística você faria para atingir o máximo de pessoas possíveis com o intuito de mudar o mundo?
9. Fazer essas tarefas te deixou em que estado de espírito? Explique por quê.
10. Você é feliz? O que te faz feliz? O que te deixa triste?
11. Como você desejaria envelhecer? Como se imagina daqui a cinquenta anos?
12. Escreva uma mensagem de esperança e amor pra pessoa que você mais ama no mundo.